

CIORAN

HISTÓRIA E UTOPIA

ROCCOPIEM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CIORAN

HISTÓRIA E UTOPIA

Tradução de
JOSÉ THOMAZ BRUM

ROCCO 

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Cioran e a história – José Thomaz Brum](#)

[I – Sobre dois tipos de sociedade](#)

[II – A Rússia e o vírus da liberdade](#)

[III – Escola dos tiranos](#)

[IV – Odisseia do rancor](#)

[V – Mecanismo da utopia](#)

[VI – A idade de ouro](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)

CIORAN E A HISTÓRIA

“Abominável Clio!” O aforismo sumário de *Écartèlement* (1979) resume a filosofia da história de Cioran. Clio, a musa da história na mitologia grega, é aquela que celebra os heróis, os grandes feitos, a vitória *no tempo*. Clio é abominável, diz Cioran, porque os homens são escravos da importância excessiva que atribuem ao tempo. A história, cenário de exaltação do agir humano, também é uma prisão para o homem, uma submissão ao tempo.

História e utopia (1960) reúne ensaios que são a exposição mais clara do que pensa Cioran da política, da história e da sociedade. Utilizando a religião e os mitos como instrumento de análise, Cioran elabora uma visão da história movida a golpes do irracional, no que lembra Hobbes e sobretudo Schopenhauer. História sombria onde o fanatismo constrói paraísos enganosos e cultua o devir, em uma idolatria cega e prometeica. Com sua lucidez habitual mesclada a um cinismo estratégico, Cioran faz um elogio de certos povos e de suas *almas*, a húngara, a russa... Denuncia a agressividade como mola da história e assemelha-se, às vezes, a Spengler, em seu pessimismo altivo. Mas, diferentemente do autor de *O declínio do Ocidente*, percebe-se nele uma espécie de exortação mística ou, pelo menos, *espiritual*. Cioran brande, contra a submissão à história, “o princípio intemporal de nossa natureza”, o que não pode ser reduzido ao devir.

História e utopia também traz análises importantes para nossa atualidade. *Carta a um amigo longínquo*, escrita em 1957 ao filósofo romeno Constantin Noïca, estabelece uma comparação entre as duas Europas: a Romênia representa o isolamento da Europa Oriental; e a França, o refinamento e a decadência da grande Europa. Nesse texto se desenvolve um dos temas favoritos de Cioran: o conflito entre a barbárie e a decadência. *A Rússia e o vírus da liberdade* reflete sobre a especificidade do caso russo e sua relação com o Ocidente. Trata do marxismo tornado eslavo, da

Igreja Ortodoxa como desafio ao absolutismo de Roma, dos meandros do espírito de um povo “rejeitado pela história”.

Mecanismo da utopia analisa as utopias políticas e sua relação com o pensamento religioso. Foi Maria Zambrano, pensadora e escritora espanhola, a responsável pelo interesse de Cioran pela literatura utópica. Ao citar uma frase de Ortega y Gasset sobre o tema, no café de Flore em Paris, Zambrano levou o moralista cético a explorar as ilusões da Idade de Ouro.

Nicola Abbagnano, o fundador do existencialismo italiano, considera o livro de Cioran “um documento importante do fanatismo teórico e da sua derrota” e privilegia a *liberdade* como o grande tema da obra. Para Cioran, a liberdade é algo de absoluto e, por isso, condenado à fragilidade. Daí seu caráter paradoxal para o homem.

História e utopia revela que o drama metafísico do homem se repete na escala coletiva. As ideologias são resultado de obsessões humanas arcaicas, impulsos vitais que produzem ficções poderosas. Escravo de sua ambição prometeica, o homem busca na história uma felicidade impossível de ser satisfeita temporalmente. Sua ânsia, na verdade, é de absoluto, de romper a prisão do tempo, de alcançar *um tempo anterior à história*. Clio, celebrando os heróis, louva o Prometeu que há em cada homem e mostra por que a história é “indefensável” e a nostalgia humana, interminável.

JOSÉ THOMAZ BRUM

Rio de Janeiro, novembro de 1993

SOBRE DOIS TIPOS DE SOCIEDADE

CARTA A UM AMIGO LONGÍNQUO

Desse país que foi o nosso, e que já não é de mais ninguém, você me pede, após tantos anos de silêncio, que lhe dê detalhes sobre as minhas ocupações e sobre esse mundo "maravilhoso" que, segundo você, tenho a sorte de habitar e percorrer. Poderia responder-lhe que sou um homem desocupado, e que este mundo não é maravilhoso. Mas uma resposta tão lacônica, apesar de sua exatidão, não saberia acalmar sua curiosidade nem satisfazer as múltiplas questões que me coloca. Há uma que, por ser quase uma censura, me impressionou particularmente. Você gostaria de saber se tenho a intenção de voltar a escrever em nossa língua, ou se pretendo permanecer fiel a esta outra na qual você me atribuiu, gratuitamente, uma facilidade que não tenho, e que nunca terei. Seria iniciar o relato de um pesadelo contar-lhe com minúcias a história de minhas relações com este idioma emprestado, com todas as suas palavras pensadas e repensadas, refinadas, sutis até a inexistência, transtornadas pelos rigores da nuance, inexpressivas por haver exprimido tudo, de precisão assustadora, carregadas de fadiga e de pudor, discretas até na vulgaridade.

Como querer que um cita as aceite, compreenda seu significado preciso e as maneje com escrúpulo e probidade? Não há uma só cuja elegância extenuada não me dê vertigem: nelas não existe nenhum vestígio de terra, de sangue, de alma. Uma sintaxe de uma rigidez, de uma dignidade cadavérica, as comprime e lhes designa um lugar de onde nem o próprio Deus poderia desalojá-las. Quanto café, quantos cigarros e dicionários para escrever uma frase mais ou menos correta nesta língua inabordável, demasiado nobre, demasiado distinta para o meu gosto! E só me dei conta disso depois, quando, infelizmente, já era tarde demais para afastar-me

dela; de outra forma, nunca teria abandonado a nossa, da qual às vezes sinto saudades do cheiro de frescor e de podridão, da mistura de sol e de bosta, da feiura nostálgica, da soberba descompostura. Não posso mais voltar para ela; a língua que tive que adotar me prende e me subjuga por causa dos próprios incômodos que me custou. Sou um “renegado”, como você insinua? “A pátria é apenas um acampamento no deserto”, diz um texto tibetano. Não vou tão longe: daria todas as paisagens do mundo pela de minha infância. E ainda devo acrescentar que, se faço dela um paraíso, as prestidigitações ou as deficiências de minha memória são as únicas responsáveis. Somos todos perseguidos por nossas origens; o sentimento que me inspira as minhas se traduz necessariamente em termos negativos, na linguagem da autopunição, da humilhação assumida e proclamada, do consentimento ao desastre. Um tal patriotismo seria da alçada da psiquiatria? Talvez sim, mas não posso conceber outro, e, vendo nossos destinos, me parece – por que ocultá-lo? – o único razoável.

Mais feliz do que eu, você se resignou a nosso pó natal; além disso, tem a faculdade de suportar todos os regimes, mesmo os mais rígidos. E não é que você não tenha a nostalgia da fantasia e da desordem, mas não conheço espírito mais refratário que o seu às superstições da “democracia”. Houve uma época, é verdade, em que eu também as detestava, até mais do que você: era jovem e não podia admitir outras verdades que não as minhas, nem conceder ao adversário o direito de ter as suas, de gabar-se delas ou de impô-las. Que os partidos pudessem enfrentar-se sem aniquilar-se era algo que ultrapassava minhas possibilidades de compreensão. Vergonha da Espécie, símbolo de uma humanidade exausta, sem paixões nem convicções, inapta ao absoluto, privada de futuro, limitada em todos os sentidos, incapaz de elevar-se a essa alta sabedoria que me ensinava que o objetivo de uma discussão era pulverizar o opositor: era assim que eu via o regime parlamentar. Por outro lado, os sistemas que queriam eliminá-lo para tomar seu lugar me pareciam *belos* sem exceção, afinados com o movimento da vida, minha divindade na época. Não sei se devo admirar ou desprezar aquele que, antes dos trinta anos, não

sofreu o fascínio de todas as formas de extremismo, ou se devo considerá-lo como um santo ou um cadáver. Por falta de recursos biológicos, não se colocou acima ou abaixo do tempo? Deficiência positiva ou negativa, o que importa! Sem desejo nem vontade de destruir, é suspeito, venceu o demônio ou, o que é mais grave, nunca foi possuído por ele. Viver verdadeiramente é recusar os outros; para aceitá-los, é preciso saber renunciar, violentar-se, agir contra sua própria natureza, *enfraquecer-se*; só se concebe a liberdade para si mesmo: ao próximo só a concedemos a duras penas; daí a precariedade do liberalismo, desafio a nossos instintos, êxito breve e miraculoso, estado de exceção oposto a nossos imperativos profundos. Somos naturalmente inadequados para ele: *só a deterioração de nossas forças nos dá acesso a ele*. Miséria de uma raça que deve rebaixar-se por um lado para enobrecer-se pelo outro, e na qual nenhum representante, a menos que seja de uma decrepitude precoce, se dedica a princípios "humanos". Função de um ardor extinto, de um desequilíbrio, não por excesso, mas por falta de energia, a tolerância não pode seduzir os jovens. Ninguém se envolve impunemente nas lutas políticas; e nossa época deve seu aspecto sanguinário ao culto do qual eles foram objeto: as convulsões recentes emanam deles, da facilidade com que aceitam uma aberração e a traduzem em ato. Dê aos jovens a esperança ou a ocasião de um massacre e eles lhe seguirão cegamente. No final da adolescência, se é fanático por definição; eu também o fui, e até o ridículo. Lembra-se da época em que soltava invectivas incendiárias menos pelo gosto de escandalizar que por necessidade de escapar a uma febre que, sem o exutório da demência verbal, teria me consumido? Convencido de que os males de nossa sociedade vinham dos velhos, concebi a ideia de uma liquidação de todos os cidadãos que tivessem ultrapassado os quarenta anos, princípio da esclerose e da mumificação, limite a partir do qual, acreditava eu, todo indivíduo se torna um insulto para a nação e um fardo para a coletividade. Tão admirável me pareceu o projeto que não hesitava em divulgá-lo; os interessados apreciaram mediocrementemente o conteúdo da questão e me qualificaram de canibal: minha carreira de benfeitor público começava sob maus

presságios. Você mesmo, tão generoso e tão empreendedor, fez tantas reservas e objeções que me levou a abandonar meu projeto. Ele era tão condenável? Expressava simplesmente o que todo homem que ama seu país deseja no fundo de seu coração: a supressão da metade de seus compatriotas.

Quando penso hoje nesses momentos de entusiasmo e de furor, nas especulações insensatas que devastavam e obnubilavam meu espírito, os atribuo não mais a sonhos de filantropia e de destruição, à obsessão de não sei qual pureza, mas a uma tristeza bestial que, dissimulada sob a máscara do fervor, se desenvolvia à minha custa e da qual entretanto eu era cúmplice, feliz por não ter que escolher, como tantos outros, entre o insípido e o atroz. O atroz me pertencia de direito, o que mais podia desejar? Tinha uma alma de lobo e minha ferocidade se nutria dela mesma, me satisfazia, me envaidecia: era, em suma, o mais feliz dos licantropos. Aspirava à glória, e me afastava dela ao mesmo tempo: uma vez obtida, qual era seu valor, me dizia, se só nos distingue e nos destaca nas gerações presentes e futuras, mas nos exclui do passado? De que serve ser conhecido se outrora não nos conheceu tal sábio ou tal louco, um Marco Aurélio ou um Nero? Não teremos existido nunca para tantos de nossos ídolos, nosso nome não terá perturbado nenhum dos séculos anteriores; que importam os que vêm depois? Que importa o futuro, essa metade do tempo, para quem adora a eternidade?

Seria demasiado longo contar-lhe graças a que debates, e como, consegui livrar-me de tanto frenesi; seria necessário uma dessas intermináveis conversas cujo segredo o balcânico possui, ou possuía. Quaisquer que tenham sido meus debates, não foram a única causa da mudança de minha orientação; também contribuiu em muito um fenômeno mais natural e mais doloroso: a idade, com seus sintomas que não enganam; comecei a dar cada vez mais sinais de tolerância, anunciadores, me parecia, de algum transtorno íntimo, de algum mal sem dúvida incurável. O que me alarmava ainda mais era que já não tinha força nem para desejar a morte de um inimigo; ao contrário, compreendia-o, comparava seu fel com o meu: ele existia, e, decadência inominável, eu estava contente com

sua existência. Meus ódios, fonte de minhas alegrias, se apaziguavam, diminuía dia a dia e, ao afastar-se, levavam consigo o melhor de mim mesmo. O que fazer? Para que abismo estou escorregando? me perguntava sem cessar. À medida que minha energia declinava, se acentuava minha inclinação para a tolerância. Decididamente, já não era jovem: o *outro* me parecia concebível e até real. Despedia-me do *Único e sua propriedade*; ^[1] a sensatez me tentava: eu estava acabado? É preciso estar acabado para tornar-se um democrata *sincero*. Para minha felicidade, percebi que esse não era exatamente o meu caso, pois conservava traços de fanatismo, alguns vestígios de juventude: não transigia sobre nenhum de meus novos princípios, era um liberal *intratável*. Ainda o sou. Feliz incompatibilidade, absurdo que me salva. Às vezes aspiro a ser o exemplo do moderado perfeito: felicito-me ao mesmo tempo por não consegui-lo, de tanto que temo a decrepitude. Chegará o momento em que, não a temendo mais, me aproximarei dessa ponderação ideal com a qual às vezes sonho; e se os anos o conduzirem, como espero, a uma queda semelhante à minha, talvez, no final do século, nos encontraremos lá, lado a lado, em um parlamento ressuscitado e, senis, poderemos assistir a uma mágica perpétua. Só nos tornamos tolerantes na medida em que perdemos o vigor, em que regressamos suavemente à infância, em que estamos demasiado esgotados para atormentar o outro por amor ou ódio.

Como você vê, tenho pontos de vista "amplos" sobre todas as coisas. E tanto que ignoro onde estou em relação a qualquer problema que seja. Você mesmo julgará a respeito das perguntas que me faz: "Você continuará com seus preconceitos contra nosso pequeno vizinho do Oeste? Ainda alimenta os mesmos ressentimentos?" Não sei o que responder, o máximo que posso fazer é surpreendê-lo ou decepcioná-lo. É que, sabe, não temos a mesma experiência da Hungria.

Nascido na parte de lá dos Cárpatos, você não podia conhecer o gendarme húngaro, terror de minha infância na Transilvânia. Quando de longe via algum deles, era tomado de um pânico que

me fazia fugir: ele era o estrangeiro, o inimigo; odiar era odiá-lo. Por causa dele, eu detestava todos os húngaros com uma paixão verdadeiramente magiar. E isto mostra como eles me *interessavam*. Depois as circunstâncias mudaram e não havia mais razão para detestá-los. Apesar disso, durante muito tempo não conseguia imaginar um opressor sem evocar suas taras e seus prestígios. Quem se revolta, quem se insurge? Raramente o escravo, mas quase sempre o opressor transformado em escravo. Os húngaros conhecem de perto a tirania por havê-la exercido com uma competência incomparável: as minorias da antiga monarquia poderiam atestar isso. Porque souberam, em seu passado, desempenhar tão bem o papel de senhores, estavam, em nossos dias, menos dispostos do que nenhuma outra nação europeia a suportar a escravidão; se tiveram o gosto pelo mando, como não iriam tê-lo pela liberdade? Orgulhosos de sua tradição de perseguidores, por meio do mecanismo da servidão e da intolerância, se rebelaram contra um regime que se assemelha muito ao que eles mesmos haviam reservado a outros povos. Mas nós, querido amigo, não havendo tido até agora a sorte de ser opressores, também não podíamos ter a de ser rebeldes. Privados dessa dupla felicidade, portamos corretamente nossas correntes, e daria prova de má vontade negando as virtudes de nossa discricção, a nobreza de nossa servidão, embora reconheça que os excessos de nossa modéstia nos levam a extremos inquietantes; tanta sensatez ultrapassa os limites; ela é tão desmedida que, às vezes, me desanima. Invejo, confesso, a arrogância de nossos vizinhos, invejo até a sua língua, feroz, de uma beleza que nada tem de humana, com sonoridades de outro universo, poderosa e corrosiva, própria para a prece, para os rugidos e para os prantos, surgida do inferno para perpetuar seu tom e seu brilho. Embora só conheça suas blasfêmias, ela me agrada muito, não me canso de escutá-la, me encanta e me gela, sucumbo a seu encanto e a seu horror, a todas essas palavras, de néctar e de cianureto, tão adaptadas às exigências de uma agonia. É em húngaro que se deveria expirar, ou então renunciar a morrer.

Decididamente, odeio cada vez menos meus antigos amos. Pensando bem, mesmo na época de seu maior esplendor, estiveram sempre sós no meio da Europa, isolados em sua altivez e em suas nostalgias, sem afinidades profundas com as outras nações. Depois de algumas incursões no Ocidente, onde puderam exhibir e gastar sua selvageria primitiva, retrocederam, conquistadores degenerados em sedentários, até as margens do Danúbio para cantar, lamentar-se e consumir seus instintos. Há nesses hunos refinados uma melancolia feita de crueldade reprimida, cujo equivalente não se encontra em nenhum outro lugar: dir-se-ia que o sangue começa a pensar em si mesmo e, no final, se transforma em melodia. Próximos de sua essência, apesar de afetados e mesmo marcados pela civilização, conscientes de descender de uma horda sem igual, marcados por uma fatuidade ao mesmo tempo profunda e teatral que lhes dá um ar mais romântico do que trágico, não podiam falhar na missão que lhes cabia no mundo moderno: reabilitar o chauvinismo, introduzindo nele suficientes fausto e fatalidade para torná-lo pitoresco aos olhos do observador desiludido. Estou ainda mais inclinado a reconhecer seu mérito porque foi graças a eles que senti a pior das humilhações: a de nascer servo e sofrer as "dores da vergonha", as mais insuportáveis de todas segundo um moralista. Você mesmo não experimentou a volúpia que se obtém no esforço de objetividade feito em relação aos que nos injuriaram, menosprezaram, maltrataram, sobretudo quando compartilhamos em segredo seus vícios e suas misérias? Não deduza disto que desejo ser promovido à categoria de magiar. Longe de mim tal pretensão: conheço meus limites e a eles me atenho. Por outro lado, também conheço os de nossa vizinha, e basta que meu entusiasmo por ela diminua um pouco para que não sinta mais nenhum orgulho da honra que me fez perseguindo-me.

Os povos, muito mais do que os indivíduos, nos inspiram sentimentos contraditórios; os amamos ou os detestamos ao mesmo tempo; objetos de apego e de aversão, não merecem que se nutra por eles uma paixão definida. Sua parcialidade com relação aos do Ocidente, cujos defeitos você não distingue claramente, é efeito da distância: erro de ótica ou nostalgia do inacessível. Você

não distingue tampouco as lacunas da sociedade burguesa, e suspeito até de alguma complacência sua com relação a ela. Que de longe você tenha uma imagem maravilhosa dela, é natural; mas como eu a conheço de perto, meu dever é combater as ilusões que você poderia alimentar a seu respeito. Não que ela me desagrade inteiramente – você conhece o meu fraco pelo horrível –, mas a cota de insensibilidade que exige para ser suportada é superior a meus recursos de cinismo. É pouco dizer que nela as injustiças abundam: a sociedade burguesa é, na realidade, a quintessência da injustiça. Só os ociosos, os parasitas, os peritos em ignomínia, os pequenos e grandes canalhas tiram proveito dos bens que ela ostenta, da opulência da qual se orgulha: delícias e profusões superficiais. Sob o brilho que apregoa, esconde-se um mundo de desolação cujos detalhes lhe pouparei. Sem a intervenção de um milagre, como explicar que esta sociedade não se reduza a pó ante nossos olhos, ou que não a façam explodir *imediatamente*?

“A nossa não vale muito mais, pelo contrário”, objetará você. Certamente. E aí está, na realidade, a dificuldade. Nós nos encontramos diante de dois tipos de sociedade intoleráveis. E o grave é que os abusos dessa em que você vive permitem a esta outra perseverar nos seus, e opor com bastante eficácia seus horrores aos que se cultivam na contrária. A maior crítica que se pode fazer a seu regime é a de ter arruinado a utopia, princípio de renovação das instituições e dos povos. A burguesia compreendeu a vantagem que podia tirar disso contra os adversários do *status quo*; o “milagre” que a salva, que a preserva de uma destruição imediata, é precisamente o fracasso do outro lado, o espetáculo de uma grande ideia desfigurada, a decepção resultante disso e que, apoderando-se dos espíritos, os paralisa. Decepção verdadeiramente inesperada, apoio providencial do burguês, que dele vive e extrai a razão de sua segurança. As massas não se põem em movimento se só têm como opção males presentes e males futuros; resignadas aos que já sofrem, não têm nenhum interesse em arriscar-se a outros, desconhecidos, mas certos. As misérias previsíveis não excitam as imaginações, e não há revolução que tenha explodido em nome de um futuro sombrio ou

de uma profecia amarga. Quem poderia adivinhar, no século passado, que a nova sociedade, por causa de seus vícios e iniquidades, iria permitir à antiga manter-se e até consolidar-se, e que o possível, tornado realidade, voaria em auxílio do liquidado?

Aqui como lá, estamos todos em um ponto morto, igualmente diminuídos nessa ingenuidade em que se elaboram as divagações sobre o futuro. A longo prazo, a vida sem utopia se torna irrespirável, para a multidão pelo menos: sob pena de petrificar-se, o mundo necessita de um delírio novo. Essa é a única evidência que se deduz da análise do presente. Enquanto isso, nossa situação, a nossa daqui, não deixa de ser curiosa. Imagine uma sociedade superpovoada de dúvidas onde, com exceção de alguns casos aberrantes, ninguém se compromete inteiramente com nada; onde, carentes de superstições e de certezas, todos exigem a liberdade e ninguém respeita a forma de governo que a defende e encarna. Ideais sem conteúdo ou, para utilizar uma palavra totalmente adulterada, mitos sem substância. Você está decepcionado por causa de promessas que não podiam ser cumpridas; nós o estamos por falta de promessas simplesmente. Ao menos temos consciência da vantagem que confere à inteligência um regime que, até o momento, a deixa desenvolver-se à vontade sem submetê-la aos rigores de nenhum imperativo. O burguês não crê em nada, é um fato; mas é esse, pode-se dizer, o lado positivo de seu vazio, já que a liberdade só pode se manifestar no vazio de crenças, na ausência de axiomas, e só aí onde as leis não têm mais autoridade que uma hipótese. Se me dissessem que o burguês crê, entretanto, em algo, pois o dinheiro desempenha para ele a função de um dogma, eu replicaria que esse dogma, o mais terrível de todos, é, por estranho que pareça, o mais suportável para o espírito. Perdoamos aos outros suas riquezas se, em troca, nos deixam a liberdade de poder morrer de fome *a nosso modo*. Não, não é tão sinistra essa sociedade que não cuida de nós, que nos abandona, que garante o direito de atacá-la, que convida a isso, e até obriga a fazê-lo em suas horas de preguiça, quando já não tem energia suficiente para execrar-se a si mesma. Em última instância, é tão indiferente à sua própria sorte como à nossa, não quer de maneira alguma usurpar

nossas desgraças, nem para suavizá-las nem para agravá-las, e se nos explora, é por automatismo, sem premeditação nem perfídia, como convém aos brutos cansados e fartos, tão contaminados pelo ceticismo quanto suas vítimas. A diferença entre os regimes é menos importante do que parece; vocês estão sós forçados, nós o estamos sem nenhuma pressão. É tão grande a distância entre o inferno e um paraíso desolador? Todas as sociedades são más; mas há graus, reconheço, e se escolho esta, é porque sei distinguir entre as nuances do pior.

A liberdade, eu dizia, exige o vazio para manifestar-se; o exige e sucumbe a ele. A condição que a determina é a mesma que a anula. Ela carece de bases: quanto mais completa for, mais vacilará, pois tudo a ameaça, até o princípio do qual emana. O homem é tão pouco feito para suportar a liberdade, ou para merecê-la, que mesmo os benefícios que recebe dela o esmagam, e ela acaba lhe sendo tão penosa que aos excessos que suscita ele prefere os de terror. A estes inconvenientes se acrescentam outros: a sociedade liberal, eliminando o "mistério", "o absoluto", "a ordem", e não tendo nem verdadeira metafísica nem verdadeira polícia, encerra o indivíduo em si mesmo, afastando-o ao mesmo tempo do que ele é, de suas próprias profundidades. Se não possui raízes, se é essencialmente *superficial*, é porque a liberdade, frágil em si mesma, não tem nenhum meio de manter-se e sobreviver aos perigos que a ameaçam tanto de fora quanto de dentro; além disso, ela só se manifesta à sombra de um regime agonizante, no momento em que uma classe declina e se dissolve: foram os desfalecimentos da aristocracia que permitiram ao século XVIII divagar magnificamente; e são os da burguesia que hoje nos permitem entregar-nos a nossas fantasias. As liberdades só prosperam em um corpo social enfermo: tolerância e impotência são sinônimos. Isto é tão patente em política como em tudo. Quando compreendi esta verdade, a terra se abriu aos meus pés. Agora de nada me vale exclamar: "fazes parte de uma sociedade de homens livres"; o orgulho que sinto vem sempre acompanhado por um sentimento de pavor e de inanição, produto de minha terrível certeza. No curso dos tempos, a liberdade ocupa tantos instantes

quanto o êxtase na vida de um místico. Ela nos escapa no momento mesmo em que tentamos apreendê-la e formulá-la: ninguém pode desfrutar dela sem tremor. Desesperadamente mortal, desde que se instaura, postula sua ausência de futuro e trabalha, com todas suas forças minadas, para sua negação e sua agonia. Não há algo de perverso em nosso amor por ela? E não é aterrador dedicar um culto ao que não quer nem pode durar? Para você, que não a tem mais, ela é tudo; para nós, que a possuímos, ela é apenas ilusão, porque sabemos que a perderemos e que, de toda maneira, ela é feita para ser perdida. Por isso, em meio a nosso vazio, dirigimos nossos olhos para todos os lados, sem negligenciar, no entanto, as possibilidades de salvação que residem em nós mesmos. Não há, aliás, vazio perfeito na história. Nesta ausência inusitada em que estamos encurralados, e que tenho o prazer e a desgraça de revelar-lhe, não suponha que nada se delineia; distingo – pressentimento ou alucinação? – uma espera de *outros deuses*. Quais? Ninguém poderia responder. O que sei, o que todo mundo sabe, é que uma situação como a nossa não pode ser suportada indefinidamente. No mais íntimo de nossas consciências uma esperança nos crucifica, uma apreensão nos exalta. A menos que consentissem em morrer, as velhas nações, por mais apodrecidas que estejam, não poderiam prescindir de novos ídolos. Se o Ocidente não está irremediavelmente afetado, deve repensar todas as ideias que lhe foram roubadas e mal aplicadas em outros lugares: acho que lhe cabe, se quer ainda distinguir-se por um sobressalto ou um vestígio de honra, retomar as utopias que, por comodidade, abandonou a outros, renunciando assim a seu gênio e a sua missão. Quando teria sido seu dever pôr em prática o comunismo, ajustá-lo a suas tradições, humanizá-lo, liberalizá-lo e propô-lo depois ao mundo, deixou ao Oriente o privilégio de realizar o irrealizável e extrair assim poder e prestígio da mais bela ilusão moderna. Na batalha das ideologias, o Ocidente se mostrou timorato, inofensivo; alguns o felicitam por isso, enquanto seria preciso censurá-lo, pois, na nossa época, não se alcança a hegemonia sem o concurso de elevados princípios mentirosos, princípios de que se servem os povos *viris* para dissimular seus

instintos e seus objetivos. Tendo abandonado a realidade em favor da ideia, e a ideia em favor da ideologia, o homem resvalou para um universo desviado, para um mundo de subprodutos onde a ficção adquire as virtudes de um dado primordial. Este deslize é o fruto de todas as revoltas e de todas as heresias do Ocidente, e, no entanto, o Ocidente se recusa a tirar as últimas consequências disso: não fez a revolução que lhe incumbia fazer e que todo o seu passado reclamava, nem foi até o final dos transtornos que promoveu. Ao deserdar-se em favor de seus inimigos, corre o risco de comprometer seu desenlace e de jogar fora uma ocasião suprema. Não contente de haver traído todos esses precursores, todos esses cismáticos que o prepararam e formaram, desde Lutero até Marx, o Ocidente ainda acredita que virão, do exterior, fazer a *sua* revolução e que lhe devolverão suas utopias e seus sonhos. Compreenderá enfim que não terá destino político e um papel a desempenhar a menos que reencontre em si mesmo seus antigos sonhos e suas antigas utopias, assim como as mentiras de seu velho orgulho? No momento, são seus adversários que, transformados em teóricos do dever que escamoteou, erigem seus impérios sobre sua timidez e seu cansaço. Que maldição o atingiu para que, ao final de seu desenvolvimento, só tenha produzido esses homens de negócios, esses comerciantes, esses trapaceiros de olhar nulo e sorriso atrofiado que se encontram por toda parte, tanto na Itália quanto na França, tanto na Inglaterra quanto na Alemanha? É essa gentalha o resultado de uma civilização tão delicada, tão complexa? Talvez seja preciso passar por isso, pela abjeção, para poder imaginar um outro gênero de homens. Como bom liberal, não quero levar a indignação até a intolerância, nem deixar-me guiar pelos meus humores, embora para todos nós seja doce poder infringir os princípios que se referem à nossa generosidade. Eu queria simplesmente observar-lhe que este mundo, de modo algum maravilhoso, poderia sê-lo de alguma forma se consentisse não tanto em abolir-se (para isso inclina-se bastante), mas em liquidar seus resíduos, impondo-se tarefas *impossíveis* opostas a esse horrível bom-senso que o desfigura e que constitui sua perdição.

Os sentimentos que o Ocidente me inspira não são menos confusos do que os que sinto pelo meu país, pela Hungria, ou por nossa *grande* vizinha, cuja indiscreta proximidade tanto você como eu apreciamos. O bem e o mal excessivos que penso dela, as impressões que me sugere quando reflito sobre seu destino, como expressá-los sem cair na inverossimilhança? Não pretendo, de modo algum, que você mude de opinião sobre ela, quero apenas que saiba o que ela representa para mim e que lugar ocupa em minhas obsessões. Quanto mais penso nela, mais acho que se formou, através dos séculos, não como se forma uma nação, mas um universo, pois os momentos de sua evolução participam menos da história que de uma cosmogonia sombria, aterradora. Esses czares com aparência de divindades taradas, gigantes solicitados pela santidade e pelo crime, mergulhados na prece e no pavor, estavam, como o estão esses tiranos recentes que os substituíram, mais próximos de uma vitalidade geológica que da anemia humana, déspotas que perpetuam em nossos tempos a seiva e a corrupção originais, superando todos nós por suas inesgotáveis reservas de caos. Coroados ou não, lhes importava, lhes importa, saltar por cima da civilização, engoli-la se necessário; a operação estava inscrita em sua natureza, já que desde sempre têm a mesma obsessão: estender sua supremacia sobre nossos sonhos e nossas revoltas, constituir um império tão vasto quanto nossas decepções ou nossos temores. Uma nação assim, reclamada nos confins do globo tanto por seus pensamentos como por seus atos, não se mede através de padrões correntes, nem se explica em termos ordinários, em linguagem inteligível: seria necessário o jargão dos gnósticos, enriquecido pelo da paralisia geral. Sem dúvida, como diz Rilke, ela faz fronteira com Deus; infelizmente, também faz com nosso país, e logo, em um futuro mais ou menos próximo, com muitos outros, não ousou dizer com todos, apesar das advertências precisas que um pressentimento maligno me faz. Onde quer que estejamos, ela já nos toca, se não geograficamente, pelo menos interiormente. Estou mais disposto do que qualquer um a reconhecer minhas dívidas para com ela: sem seus escritores, jamais teria tomado consciência de minhas chagas e do dever que

tinha de entregar-me a elas. Sem ela, e sem eles, teria desperdiçado meus transe, frustrado minha desordem. Esta inclinação que me leva a emitir um juízo imparcial sobre ela e a testemunhar-lhe minha gratidão, temo que não seja, neste momento, de seu agrado. Calo, então, esses elogios fora de propósito, os sufoco para condená-los a expandir-se em meu interior.

Na época em que gostávamos de comparar nossos acordos e desacordos, você já me censurava essa mania de julgar sem prevenção e de interessar-me vivamente por aquilo que detesto, de só ter sentimentos duplos, necessariamente falsos, que você atribuía à minha incapacidade de sentir uma paixão verdadeira, ao mesmo tempo em que insistia no prazer que tiro disso. Seu diagnóstico não era inexato: mas você se equivocava, entretanto, no que se refere ao prazer. Acha que é muito agradável ser idólatra e vítima do pró e do contra, um arrebatado dividido em seus arrebatamentos, um delirante *preocupado com a objetividade*? Isso implica sofrimento: os instintos protestam, e é apesar deles e contra eles que se progride em direção à irresolução absoluta, estado que mal se distingue daquele que a linguagem dos extáticos chama "o último ponto do aniquilamento". Para conhecer eu mesmo o fundo de meu pensamento sobre a menor coisa, para me pronunciar sobre um problema ou uma ninharia, tenho que contradizer o vício maior de meu espírito, essa propensão a abraçar todas as causas e a dissociar-me delas ao mesmo tempo, como um vírus onipresente, dividido entre a cobiça e a saciedade, agente nefasto e benigno, tão impaciente quanto embotado, indeciso entre os flagelos, incapaz de adotar um e especializar-se nele, passando de um para outro sem discriminação nem eficácia, remendão sem igual, portador e esbanjador de incurabilidade, traidor de todos os males, dos do próximo e dos seus próprios.

Não ter nunca a oportunidade de tomar partido, de decidir-me ou de definir-me: não há desejo que tenha com mais frequência. Mas nem sempre dominamos nossos humores, essas atitudes em germe, esses esboços de teoria. Visceralmente inclinados à estruturação de sistemas, nós os construímos sem descanso,

sobretudo em política, domínio de pseudoproblemas, onde se dilata o mau filósofo que reside em cada um de nós, domínio do qual gostaria de afastar-me por uma razão banal, uma evidência que aparece a meus olhos como uma revelação: a política gira unicamente em torno do homem. Tendo perdido o gosto pelos seres, esforço-me em vão por adquirir o gosto pelas coisas; limitado forçosamente pelo intervalo que os separa, exercito-me e esgoto-me à sua sombra. Sombras também essas nações cuja sorte me intriga, menos por elas mesmas que pelo pretexto que me oferecem de vingar-me do que não tem nem contorno nem forma, de entidades e de símbolos. O homem desocupado que ama a violência salvaguarda seu *savoir-vivre* confinando-se em um inferno abstrato. Deixando de lado o indivíduo, ele se liberta dos nomes e dos rostos, responsabiliza o impreciso, o geral, e, orientando para o impalpável sua sede de extermínio, concebe um gênero novo: o panfleto *sem objetivo*.

Agarrado a ideias momentâneas e a simulacros de sonhos, reflito por acidente ou por histeria e não por prurido de rigor, e me vejo, no meio dos civilizados, como um intruso, um troglodita apaixonado pela caducidade, mergulhado em preces subversivas, vítima de um pânico que não emana de uma visão do mundo, mas das cristações da carne e das trevas do sangue. Impermeável às solicitações da claridade e da contaminação latinas, sinto a Ásia mover-se em minhas veias: sou o último descendente de alguma tribo inconfessável?, ou o porta-voz de uma raça outrora turbulenta e hoje muda? Às vezes tenho a tentação de inventar, para mim, uma outra genealogia, de *mudar* de ancestrais, de escolhê-los entre aqueles que, em sua época, souberam difundir o luto através das nações, ao contrário dos meus, dos nossos, apagados e machucados, atulhados de misérias, amalgamados ao lodo e gemendo sob o anátema dos séculos. Sim, em minhas crises de fadiga, julgo-me o epígono de uma horda ilustre por suas depredações, um turaniano de coração, o herdeiro legítimo das estepes, o último mongol...

Não quero concluir sem pô-lo de novo em guarda contra o entusiasmo ou o ciúme que lhe inspiram minhas "vantagens", e

mais precisamente a de poder consolar-me em uma cidade cuja lembrança o obseda sem dúvida, apesar de seu enraizamento em nossa pátria evaporada. Esta cidade, que eu não trocaria por nenhuma outra no mundo, é, pela mesma razão, a fonte de minhas desgraças. Como tudo o que não é ela se equivale a meus olhos, muitas vezes lamento que a guerra a tenha poupado e que não tenha perecido como tantas outras cidades. Destruída, ela teria me livrado da felicidade de viver nela, teria podido passar meus dias em qualquer outro lugar, nos confins de qualquer continente. Jamais lhe perdoarei ter-me ligado ao espaço, nem ser – por causa dela – de algum lugar. Dito isto, não esqueço em nenhum instante que de seus habitantes quatro quintos, já observava Chamfort, “morrem de desgosto”. Acrescentaria ainda, para que você saiba, que o resto, os raros privilegiados como eu, não se comportam diferentemente, e que até invejam a grande maioria pela vantagem que tem de saber *de que* morrer.

Paris, 1957

1. Obra principal do filósofo alemão Max Stirner (1806-1856). Publicada em 1844, *Der Einzige und sein Eigentum* é uma análise radical da religião e da filosofia especulativa. Marx e Engels, na *Ideologia alemã*, fizeram uma crítica das ideias de Stirner. (N. do T.)

A RÚSSIA E O VÍRUS DA LIBERDADE

Às vezes penso que todos os países deveriam se parecer com a Suíça, com prazer-se e arruinar-se, como ela, na higiene, na insipidez, na idolatria das leis e no culto ao homem; por outro lado, só me atraem as nações desprovidas de escrúpulos tanto em pensamentos como em atos, sempre prestes a devorar as outras e a devorar-se a si mesmas, pisoteando os valores contrários à sua ascensão e a seu êxito, insubmissas à sensatez, essa chaga dos velhos povos cansados de si mesmos e de tudo, e como que satisfeitos de cheirar a mofo.

Do mesmo modo, esforço-me em vão para detestar os tiranos, pois não deixo de constatar que constroem a trama da história, e que sem eles não seria possível conceber nem a ideia nem a marcha de um império. Superiormente odiosos, de uma bestialidade inspirada, os tiranos evocam o homem levado a seus extremos, a última exasperação de suas ignomínias e de seus méritos. Ivã, o Terrível, para citar apenas o mais fascinante deles, esgota os escaninhos da psicologia. Tão complexo em sua demência quanto em sua política, fez de seu reino e, até certo ponto, de seu país um modelo de pesadelo, um protótipo de alucinação viva e inesgotável, mescla de Mongólia e de Bizâncio, acumulando as qualidades e os defeitos de um cã e de um basileu,^[2] monstro de cóleras demoníacas e de sórdida melancolia, dividido entre o gosto pelo sangue e o gosto pelo arrependimento, com uma jovialidade enriquecida e coroada por risos de escárnio. Tinha a paixão do crime; todos nós, enquanto existimos, também a experimentamos, seja atentando contra os outros ou contra nós mesmos. Só que, em nós, ela permanece insatisfeita, de forma que nossas obras, quaisquer que sejam, provêm de nossa incapacidade de matar ou de matar-nos. Não estamos sempre de acordo com isso, já que

desconhecemos habitualmente o mecanismo íntimo de nossas debilidades. Se os czares, ou os imperadores romanos, me obsedam, é porque essas debilidades, veladas em nós, aparecem neles a descoberto. Eles nos revelam a nós mesmos, encarnam e ilustram nossos segredos. Penso naqueles que, condenados a uma grandiosa degenerescência, perseguiram seus parentes e, por medo de ser amados, os enviavam ao suplício. Por mais poderosos que fossem, eram no entanto infelizes, pois não se saciavam graças ao tremor dos outros. Não são como a projeção do espírito mau que nos habita e nos convence de que o ideal seria criar o vazio em torno de nós? É com tais pensamentos e tais instintos que se forma um império: para isso coopera esse subsolo de nossa consciência onde se escondem nossas taras mais queridas.

Surgida de profundezas insuspeitadas, de um impulso original, a ambição de dominar o mundo só aparece em certos indivíduos e em certas épocas, sem relação direta com a qualidade da nação onde se manifesta: entre Napoleão e Gengis Khan a diferença é menor do que entre o primeiro e qualquer político francês das repúblicas sucessivas. Mas essas profundezas e esse impulso podem secar, esgotar-se.

Carlos Magno, Frederico II de Hohenstaufen, Carlos V, Bonaparte, Hitler tiveram a tentação, cada um à sua maneira, de realizar a ideia do império universal: fracassaram, com mais ou menos felicidade. O Ocidente, onde essa ideia suscita apenas ironia ou mal-estar, vive agora na vergonha de suas conquistas; mas, curiosamente, é no momento mesmo em que ele se volta para si próprio que suas fórmulas triunfam e se propagam; dirigidas contra seu poder e sua supremacia, elas encontram eco fora de suas fronteiras. Ele ganha perdendo-se. Foi assim que a Grécia só triunfou no domínio do espírito quando deixou de ser uma potência e mesmo uma nação; saquearam sua filosofia e suas artes, asseguraram o sucesso às suas produções, mas não assimilaram seus talentos. Da mesma maneira, pode-se roubar tudo do Ocidente, salvo seu gênio. Uma civilização se revela fecunda pela capacidade que tem de incitar as outras a imitá-la; se cessa de deslumbrá-las, reduz-se a um conjunto de resíduos e de vestígios.

Quando a ideia de império abandonou esta parte do mundo, encontrou seu clima ideal na Rússia, onde, aliás, sempre existiu, singularmente no plano espiritual. Depois da queda de Bizâncio, Moscou se tornou, para a consciência ortodoxa, a terceira Roma, a herdeira do “verdadeiro” cristianismo, da verdadeira fé. Primeiro despertar messiânico. Para conhecer um segundo, foi preciso esperar nossos dias; mas desta vez, ela deve o despertar à demissão do Ocidente. No século XV, aproveitou um vazio religioso, como aproveita hoje um vazio político. Duas grandes ocasiões de compenetrar-se de suas responsabilidades históricas.

Quando Maomé II sitiou Constantinopla, a cristandade, dividida como sempre e, além disso, feliz por haver perdido a lembrança das cruzadas, absteve-se de intervir. Os sitiados sentiram primeiro uma irritação que, ante a iminência do desastre, tornou-se assombro. Oscilando entre o pânico e uma satisfação secreta, o Papa prometeu auxílio, mas o enviou tarde demais: para que apressar-se por causa de uns “cismáticos”? O cisma, entretanto, ia adquirir força em outra parte. Roma preferiu Moscou a Bizâncio? É sempre preferível um inimigo longínquo do que um próximo. Do mesmo modo, em nossos dias, os anglo-saxões preferiram, na Europa, a preponderância russa à preponderância alemã. É que a Alemanha estava *perto demais*.

As pretensões da Rússia de passar da primazia vaga à hegemonia caracterizada têm um fundamento. O que teria ocorrido com o mundo ocidental se a Rússia não tivesse detido e absorvido a invasão mongólica? Durante mais de dois séculos de humilhações e de servidão ela foi excluída da história, enquanto que no Oeste as nações se davam ao luxo de despedaçar-se mutuamente. Se a Rússia tivesse sido capaz de desenvolver-se sem obstáculos, teria se tornado uma potência de primeira ordem já no princípio da era moderna; o que ela é agora, o teria sido no século XVI ou XVII. E o Ocidente? Talvez hoje fosse *ortodoxo*, e, em Roma, em lugar da Santa Sé, se pavonearia o Santo Sínodo. Mas os russos podem recuperar o tempo perdido. Se, como tudo parece prever, levam a cabo seus desígnios, é possível que acertem as contas com o Sumo Pontífice. Seja em nome do marxismo ou da ortodoxia, os russos

estão chamados a arruinar a autoridade e o prestígio da Igreja, cujos objetivos não poderiam tolerar sem abdicar do ponto essencial de sua missão e de seu programa. Sob os czares, identificando-a como um instrumento do Anticristo, rezavam *contra* ela; hoje em dia, considerada como um agente satânico da Reação, a sobrecarregam de invectivas um pouco mais eficazes do que seus antigos anátemas; logo a destruirão com todo o seu poder, com toda a sua força. E até é possível que a desapareição do último sucessor de São Pedro permaneça, em nosso século, como uma curiosidade, à maneira de um apocalipse frívolo.

Ao divinizar a história para desacreditar Deus, o marxismo só conseguiu tornar Deus mais estranho e mais obsedante. Pode-se sufocar tudo no homem, salvo a necessidade de absoluto, que sobreviverá à destruição dos templos, e mesmo ao desaparecimento da religião sobre a Terra. E como a essência do povo russo é religiosa, ela inevitavelmente se reerguerá. Razões de ordem histórica contribuirão em grande medida para isso.

Ao adotar a ortodoxia, a Rússia manifestou seu desejo de separar-se do Ocidente; era sua maneira de se definir desde o princípio. Nunca, fora dos meios aristocráticos, deixou-se seduzir pelos missionários católicos, no caso os jesuítas. Um cisma não exprime tanto divergências de doutrina quanto uma vontade de afirmação étnica: nele transparece menos uma controvérsia abstrata que um reflexo nacional. Não foi a questão ridícula do *filioque*^[3] que dividiu as Igrejas: Bizâncio queria sua autonomia total, e com maior razão Moscou. Cismas e heresias são nacionalismos disfarçados. Mas enquanto a Reforma tomou somente o aspecto de uma disputa familiar, de um escândalo *no seio* do Ocidente, o particularismo ortodoxo, ao afetar um caráter mais profundo, ia marcar uma divisão no próprio mundo ocidental. Recusando o catolicismo, a Rússia retardava sua evolução, perdia uma ocasião capital de civilizar-se rapidamente, ao mesmo tempo em que ganhava substância e unicidade; sua estagnação a tornava *diferente, outra*, e a isso aspirava, pressentindo, sem dúvida, que o Ocidente lamentaria um dia a vantagem que tinha sobre ela.

Quanto mais forte se tornar, mais adquirirá consciência de suas raízes, das quais, de uma certa maneira, o marxismo a afastou; após uma cura forçada de universalismo, ela se russificará de novo em proveito da ortodoxia. Além disso, marcou de tal maneira o marxismo que o tornou eslavo; todo povo de alguma envergadura que adota uma ideologia estranha a suas tradições, a assimila e a adultera, a desvia no sentido de seu destino nacional, a falseia em seu favor até torná-la indiscernível de seu próprio gênio. Possui uma ótica própria, necessariamente deformadora, um defeito de visão que, longe de desconcertá-lo, o lisonjeia e estimula. As verdades das quais se orgulha, mesmo que desprovidas de valor objetivo, são no entanto vivas, e produzem, como tais, esse gênero de erros que compõem a diversidade da paisagem histórica, entendendo-se aí que o historiador, cético por profissão, temperamento e opção, situa-se de início fora da Verdade.

Enquanto que os povos ocidentais se desgastavam em sua luta pela liberdade e, mais ainda, na liberdade adquirida (nada esgota tanto quanto a posse ou o abuso da liberdade), o povo russo sofria sem desgastar-se dentro da história, e como foi eliminado dela, foi obrigado a sofrer os infalíveis sistemas de despotismo que lhe infligiram: existência obscura, vegetativa, que lhe permitiu fortalecer-se, aumentar sua energia, acumular reservas e tirar de sua servidão o máximo de proveito biológico. A ortodoxia ajudou-o a isso, mas a ortodoxia popular, admiravelmente articulada para mantê-lo fora dos acontecimentos, contrariamente à ortodoxia oficial, que orientava o poder para objetivos imperialistas. Dupla face da Igreja ortodoxa: por um lado, trabalhava para o entorpecimento das massas; por um outro, auxiliar dos czares, despertava neles a ambição e tornava possível imensas conquistas em nome de uma população passiva. Feliz passividade que assegurou aos russos seu predomínio atual, fruto de seu atraso histórico. Favoráveis ou hostis, todos os empreendimentos da Europa giram em torno deles, e, ao situá-los no centro de seus interesses e de suas ansiedades, reconhecem seu domínio virtual. Eis aí quase realizado um de seus mais antigos sonhos. Que o tenham alcançado sob os auspícios de uma ideologia de origem

estrangeira acrescenta um suplemento paradoxal e atraente a seu êxito. O que definitivamente importa é que o regime seja russo e que esteja inteiramente dentro das tradições do país. Não é revelador que a Revolução, saída em linha direta das teorias ocidentalistas, tenha se orientado cada vez mais para as ideias dos eslavófilos? De resto, um povo representa não tanto um conjunto de ideias e de teorias como de obsessões: as dos russos, de qualquer parte que sejam, são sempre, senão idênticas ao menos aparentadas. Tchaadaev, que não via nenhum mérito em sua nação, ou Gogol, que a ridicularizou impiedosamente, estavam tão ligados a ela quanto Dostoievski. O mais arrebatado dos niilistas, Netchaiev, estava tão obcecado por ela como Pobiedonostsev, violento reacionário procurador do Santo Sínodo. Só esta obsessão importa. O resto é apenas pose.

Para que a Rússia se ajustasse a um regime liberal, teria que debilitar-se consideravelmente, teria que extenuar seu vigor, mais ainda: teria que perder seu caráter específico e desnacionalizar-se em profundidade. Como conseguiria isso com seus recursos interiores intactos e seus mil anos de autocracia? Supondo que o conseguisse por um movimento brusco, se desarticulária de imediato. Muitas nações, para conservar-se e expandir-se, têm necessidade de uma certa dose de terror. A própria França só pôde engajar-se na democracia a partir do momento em que suas forças começaram a diminuir, e quando, não tendo mais como objetivo a hegemonia, preparava-se para se tornar respeitável e sensata. O primeiro Império foi sua última loucura. Depois, aberta à liberdade, teria que assumi-la penosamente, através de numerosas convulsões, contrariamente à Inglaterra que, exemplo desalentador, havia se habituado a ela há muito tempo, sem choques nem perigos, graças ao conformismo e à esclarecida estupidez de seus habitantes (ao que eu saiba, ela não produziu nenhum anarquista).

A longo prazo, o tempo favorece as nações subjugadas que, acumulando forças e ilusões, vivem no futuro, na esperança; mas, em liberdade, o que se pode esperar? ou no regime que a encarna, feito de dissipação, de quietude e de amolecimento? A democracia, maravilha que não tem nada a oferecer, é, ao mesmo tempo, o

paraíso e o tûmulo de um povo. A vida só tem sentido graças à democracia, mas a democracia carece de vida. Felicidade imediata, desastre iminente, inconsistência de um regime ao qual não se adere sem enredar-se em um dilema torturante.

Melhor provida, mais afortunada, a Rússia não precisa colocar-se tais problemas, já que o poder absoluto é, para ela, como já observava Karamzine, o “fundamento mesmo de seu ser”. Aspirar à liberdade sem jamais alcançá-la, não é essa sua grande superioridade sobre o mundo ocidental o qual, ai de mim!, já a conseguiu há muito tempo? Ela não tem, além disso, nenhuma vergonha de seu império; pelo contrário, só pensa em ampliá-lo. Quem melhor que ela apressou-se em se beneficiar das aquisições dos outros povos? A obra de Pedro o Grande, e mesmo a da Revolução, participam de um *parasitismo genial*. Até os horrores do jugo tártaro ela suportou engenhosamente.

Se, ao confinar-se em um isolamento calculado, a Rússia soube imitar o Ocidente, também soube fazer-se admirar e seduzir seus espíritos. Os enciclopedistas se entusiasmaram com as empresas de Pedro e de Catarina, assim como os herdeiros do Século das Luzes – falo dos homens de esquerda – se entusiasmaram com as de Lênin e Stálin. Este fenômeno advoga em favor da Rússia, mas não em favor dos ocidentais que, complicados e devastados na medida de seus desejos, e buscando o “progresso” em outra parte, fora de si mesmos e de suas criações, encontram-se hoje paradoxalmente mais próximos dos personagens de Dostoievski do que os próprios russos. Ainda convém precisar que eles só evocam o aspecto enfraquecido desses personagens, pois não têm nem suas extravagâncias ferozes nem sua ira viril: são “demônios” débeis por causa de tantos raciocínios e escrúpulos, corroídos por remorsos sutis, por mil interrogações, mártires da dúvida, deslumbrados e aniquilados por suas perplexidades.

Cada civilização acredita que seu modo de viver é o único bom e o único concebível, e que tem o dever de converter o mundo a esse modo de viver, ou infligi-lo a ele; equivale, para ela, a uma soteriologia^[4] expressa ou camuflada; trata-se, de fato, de um

imperialismo elegante, que deixa de sê-lo quando é acompanhado pela aventura militar. Não se funda um império unicamente por capricho. Submetemos os outros para que nos imitem, para que tomem por modelo nossas crenças e nossos hábitos; vem depois o imperativo perverso de farelos escravos para contemplar neles o esboço lisonjeiro ou caricatural de si mesmo. Concordo que existe uma hierarquia qualitativa de impérios: os mongóis e os romanos não subjugaram os povos pelas mesmas razões, e suas conquistas não tiveram o mesmo resultado. Entretanto, ambos foram igualmente peritos em fazer perecer o adversário *reduzindo-o à sua imagem e semelhança*.

Quer as tenha provocado ou sofrido, a Rússia jamais se contentou com desgraças medíocres. O mesmo ocorrerá no futuro. Ela se abaterá sobre a Europa por fatalidade física, pelo automatismo de sua massa, por sua vitalidade superabundante e mórbida tão propícia à geração de um império (no qual se materializa sempre a megalomania de uma nação), por essa saúde tão sua, cheia de imprevistos, de horror e de enigmas, destinada ao serviço de uma ideia messiânica, rudimento e prefiguração de conquistas. Quando os eslavófilos sustentavam que a Rússia devia *salvar* o mundo, empregavam um eufemismo: não se pode salvá-lo sem dominá-lo. No que diz respeito a uma nação, esta encontra seu princípio de vida em si mesma ou em parte alguma: como poderia ser salva por outra? A Rússia sempre pensou – secularizando a linguagem e a concepção dos eslavófilos – que é sua incumbência assegurar a salvação do mundo, a do Ocidente em primeiro lugar, com respeito ao qual, aliás, nunca experimentou um sentimento claro, mas sim atração e repulsa, ciúme (mistura de culto secreto e de aversão ostensiva) inspirado pelo espetáculo de uma podridão tão invejável quanto perigosa, cujo contato tem que buscar, mas mais ainda evitar.

Recusando-se a se definir e a aceitar limites, cultivando o equívoco em política, em moral e, o que é mais grave, em geografia, sem nenhuma das ingenuidades inerentes aos “civilizados”, que se tornaram opacos ao real pelos excessos de uma tradição racionalista, a Rússia, sutil tanto por intuição como pela

experiência secular da dissimulação, talvez seja uma criança historicamente falando, mas de maneira alguma o é psicologicamente. Daí sua complexidade de adulto com instintos jovens e velhos segredos, daí também as contradições, levadas até o grotesco, de suas atitudes. Quando resolve aprofundar (e consegue isso sem esforço), desfigura o menor fato, a mínima ideia. Dir-se-ia que tem a mania da gesticulação monumental. Tudo é vertiginoso, horrível e inapreensível na história de suas ideias, revolucionárias ou de qualquer índole. É ainda um incorrigível entusiasta das utopias; ora, a utopia é o grotesco *cor-de-rosa*, a necessidade de associar a felicidade, logo o inverossímil, ao devir, e de levar uma visão otimista, aérea, até o limite em que se une a seu ponto de partida: o cinismo que pretendia combater. Em suma, um conto de fadas monstruoso.

Que a Rússia seja capaz de realizar o seu sonho de um império universal, é uma eventualidade, mas não uma certeza; em compensação, é óbvio que pode conquistar e anexar toda a Europa, e mesmo que o fará, nem que seja para tranquilizar o resto do mundo... Ela se satisfaz com tão pouco! Onde encontrar prova mais convincente de modéstia, de moderação? Um pedacinho de continente! Enquanto espera, ela o contempla com o mesmo olho com que os mongóis contemplavam a China e os turcos Bizâncio, com a diferença, no entanto, que já assimilou um bom número de valores ocidentais, enquanto que as hordas tártaras e otomanas não tinham sobre sua futura presa senão uma superioridade material. É sem dúvida lamentável que a Rússia não tenha passado pelo Renascimento: todas as suas desigualdades vêm daí. Mas com sua capacidade para queimar etapas será, em um século, ou menos, tão refinada e vulnerável como o é o Ocidente, que atingiu um nível de civilização que só se ultrapassa *decaindo*. Ambição suprema da história: registrar as variações desse nível. O da Rússia, inferior ao da Europa, só pode elevar-se, e ela com ele: isso quer dizer que está condenada à ascensão. No entanto, de tanto subir, não se arrisca – desenfreada que está – a perder o equilíbrio, explodir e arruinar-se? Com suas almas modeladas nas seitas e nas estepes, dá uma singular impressão de espaço e de clausura, de

imensidão e de sufocamento, de Norte em suma, mas de um Norte especial, irreduzível a nossas análises, marcado por um sono e por uma esperança que fazem tremer, por uma noite rica em explosões, por uma aurora da qual se guardará lembrança. Nada da transparência e da gratuidade mediterrâneas nesses hiperbóreos cujo passado e presente parecem pertencer a uma duração distinta da nossa. Ante a fragilidade e o renome do Ocidente, eles sentem um mal-estar, consequência de seu despertar tardio e de seu vigor ocioso: é o complexo de inferioridade *do forte...* Eles o vencerão, o superarão. O único ponto luminoso em nosso futuro é sua nostalgia, secreta e crispada, por um mundo delicado, de encantos dissolventes. Se o atingirem (tal parece o sentido evidente de seu destino), se civilizarão à custa de seus instintos, e, perspectiva jubilosa, conhecerão também o vírus da liberdade.

Quanto mais um império se humaniza, mais se desenvolvem nele as contradições que o farão perecer. De atitudes heteróclitas, de estrutura heterogênea (ao contrário de uma nação, realidade orgânica), o império necessita para subsistir do princípio coesivo do terror. Abre-se à tolerância? Ela destruirá sua unidade e sua força, e atuará sobre ele como um veneno mortal que ele próprio teria administrado. É que a tolerância não é apenas o pseudônimo da liberdade, mas também o do espírito; e o espírito, mais nefasto ainda para os impérios que para os indivíduos, os corrói, compromete sua solidez e acelera seu desmoronamento. Assim, ele é o instrumento que uma providência irônica utiliza para golpeá-los.

Se nos divertíssemos, apesar do arbitrário da tentativa, estabelecendo na Europa *zonas de vitalidade*, comprovaríamos que, quanto mais nos aproximamos do Leste, mais se acentua o instinto, e que ele decresce à medida que nos dirigimos para o Oeste. Os russos não têm a exclusividade do instinto, embora as outras nações que o possuem pertençam, em graus diversos, à esfera da influência soviética. Essas nações não disseram ainda sua última palavra; algumas, como a Polônia ou a Hungria, tiveram na história um papel nada desprezível; outras, como a Iugoslávia, a Bulgária e a Romênia, tendo vivido na sombra, só conheceram sobressaltos sem futuro. Mas qualquer que tenha sido seu passado, e

independentemente de seu nível de civilização, todas dispõem ainda de um fundo biológico que em vão buscaríamos no Ocidente. Maltratadas, deserdadas, precipitadas em um martírio anônimo, dilaceradas entre o desamparo e a sedição, conhecerão talvez no futuro uma compensação para tantos infortúnios, humilhações e mesmo covardias. O *grau de instinto* não se avalia do exterior; para medir sua intensidade, é preciso haver percorrido ou adivinhado esses países, os únicos no mundo a crer ainda, em sua bela cegueira, nos destinos do Ocidente. Imaginemos agora nosso continente incorporado ao império russo, imaginemos depois este império, demasiado vasto, debilitando-se e desagregando-se, tendo como corolário a emancipação dos povos: quais dentre eles tomarão a dianteira e trarão à Europa esse incremento de impaciência e de força sem o qual uma irremediável paralisia a espreita? Não saberia duvidar: são os países que acabo de mencionar. Dada a reputação que têm, minha afirmação parecerá risível. A Europa Central ainda vai, me dirão, mas os Bálcãs? Não quero defendê-los, mas também não quero ocultar seus méritos. Esse gosto pela devastação, pela desordem interior, por um universo semelhante a um bordel em chamas, essa perspectiva sardônica sobre cataclismas fracassados ou iminentes, essa aspereza, esse ócio de insones ou de assassinos, não são uma rica e pesada herança que beneficia seus possuidores? E como sofrem de uma "alma", provam por isso mesmo que conservam um resíduo de selvageria. Insolentes e desolados, gostariam de chafurdar na glória, cujo apetite é inseparável da vontade de afirmação e de ruína, da propensão para um crepúsculo *rápido*. Se suas palavras são virulentas, seus sotaques inumanos e às vezes ignóbeis, é porque mil razões os impelem a berrar mais alto do que esses civilizados que esgotaram seus gritos. Únicos "primitivos" na Europa, darão a ela talvez um novo impulso; impulso que a Europa considerará sua última humilhação. E, no entanto, se o Sudeste só fosse horror, por que, quando o deixamos e nos encaminhamos para esta parte do mundo, sentimos uma espécie de queda – admirável, é verdade – no vazio?

A vida profunda, a existência secreta dos povos que, tendo a imensa vantagem de haver sido rejeitados pela história, puderam capitalizar sonhos, essa existência escondida, destinada às desgraças de uma ressurreição, começa para além de Viena, extremidade geográfica do enfraquecimento ocidental. A Áustria, cuja deterioração quase atinge o limite do símbolo ou do cômico, prefigura o destino da Alemanha. Não há mais desvios de envergadura entre os germanos, nem mais missão nem frenesi, nada mais que os torne atraentes ou odiosos! Bárbaros predestinados, destruíram o Império romano para que a Europa pudesse nascer; eles a fizeram, cabia a eles desfazê-la; cambaleando junto com eles, ela sofre a consequência de seu esgotamento. O dinamismo que ainda lhes resta já não possui o que esconde ou justifica toda energia. Condenados à insignificância, helvécios em germe, afastados para sempre de seu habitual exagero, reduzidos a ruminar suas virtudes degradadas e seus vícios diminuídos, tendo como única esperança o recurso de ser uma tribo qualquer, os germanos são indignos do temor que ainda possam inspirar: crer neles ou temê-los é fazer-lhes uma honra que não merecem de modo algum. Seu fracasso foi providencial para a Rússia. Se tivessem tido êxito, a Rússia teria sido afastada de seus propósitos por mais um século pelo menos. Mas não podiam triunfar, pois atingiram o ápice de seu poderio material no momento em que não tinham mais nada a nos propor, quando eram *fortes e vazios*. Havia chegado a hora dos outros. "Não são os eslavos *antigos germanos* em relação ao mundo que desaparece?", perguntava-se, no meio do século passado, Herzen, o mais clarividente e o mais dilacerado dos liberais russos, espírito de interrogações proféticas, enojado com seu país, decepcionado com o Ocidente, tão inapto para instalar-se em uma pátria como em um problema, embora gostasse de especular sobre a vida dos povos, matéria vaga e inesgotável, passatempo de emigrado. Os povos, entretanto, segundo outro russo, Soloviev, não são o que imaginam ser, mas o que Deus pensa deles na eternidade. Ignoro as opiniões de Deus sobre germanos e eslavos; sei contudo que Ele favoreceu estes últimos, e que é tão inútil felicitá-Lo como condená-Lo.

Hoje está respondida a pergunta que tantos russos se colocavam, no século passado, a respeito de seu país: "Esse colosso foi criado para nada?" O colosso tem um sentido, e que sentido! Um mapa ideológico revelaria que ele se estende para além de seus limites, que estabelece suas fronteiras onde quer, onde lhe convém, que sua presença evoca, por toda parte, menos a ideia de uma crise que de uma epidemia, salutar às vezes, frequentemente nociva, fulgurante sempre.

O Império romano foi obra de uma cidade; a Inglaterra fundou o seu para remediar a exiguidade de uma ilha; a Alemanha tentou erigir um para não sufocar em um território superpovoado. Fenômeno sem paralelo, a Rússia ia justificar seus desígnios de expansão em nome de seu imenso espaço. "Já que tenho o suficiente, por que não ter *demasiado*?", esse é o paradoxo implícito em suas proclamações e em seus silêncios. Ao transformar o infinito em categoria política, ia transtornar o conceito clássico e os padrões tradicionais do imperialismo, e suscitar através do mundo uma esperança grande demais para não degenerar em confusão.

Com seus dez séculos de terrores, de trevas e de promessas, ela estava mais apta do que qualquer outra nação para ajustar-se ao aspecto noturno do momento histórico que atravessamos. O apocalipse lhe convém perfeitamente, está habituada a ele e o aprecia, exercita-se nele hoje mais do que nunca, já que mudou visivelmente de ritmo. "Para onde te apressas dessa maneira, ó Rússia?", perguntava-se já Gogol, que tinha percebido o frenesi que se escondia sob sua aparente imobilidade. Hoje sabemos para onde ela corre, sabemos sobretudo que, à semelhança das nações com destino imperial, está mais impaciente para resolver os problemas alheios do que os seus próprios. Isso quer dizer que nossa carreira *no tempo* depende do que ela decidirá ou levará a cabo: ela tem nosso futuro em suas mãos... Felizmente para nós, o tempo não esgota nossa substância. O indestrutível, o alhures, é concebível: em nós? fora de nós? Como sabê-lo? No ponto em que as coisas se encontram, só merecem interesse as questões de estratégia e de metafísica, aquelas que nos fixam na história e as que nos afastam dela: a atualidade e o absoluto, os jornais e os Evangelhos...

Vislumbro o dia em que só leremos telegramas e orações. Fato notável: quanto mais o imediato nos absorve, mais sentimos necessidade de tomar a direção oposta, de forma que vivemos, no interior do mesmo instante, dentro e fora do mundo. Da mesma maneira, ante o desfile dos impérios, só nos resta buscar um meio-termo entre o ricto e a serenidade.

1957

2. Os imperadores bizantinos eram chamados *basileus* que, em grego, significa rei, chefe soberano. (N. do T.)

3. *Filioque*, do latim “e do Filho”. Expressão acrescentada pela Igreja latina no fim do século VII. Ela significa que “O Espírito Santo procede do Pai e do Filho’ como de um único princípio”. Desde 867 é a principal acusação da Igreja grega contra a Igreja latina. Até hoje é considerado entre os gregos como a causa do cisma que dividiu o cristianismo em dois. Para uma exposição detalhada, cf. K. Rahner e H. Vorgrimler, *Petit dictionnaire de théologie catholique*, ed. Du Seuil, Paris, 1970, p. 186. (N. do T.)

4. Parte da Teologia que trata da salvação do homem. (N. do T.) 5 Ahriman – o príncipe do Mal, aposto a Ormuzd, na religião de Zoroastro. (N. do T.)

III ESCOLA DOS TIRANOS

Quem não conheceu a tentação de ser o primeiro na cidade não compreenderá nada do jogo político, da vontade de submeter os outros para convertê-los em objetos, nem adivinhará os elementos de que se compõe a arte do desprezo. Raros são os que não tenham sentido, em menor ou maior grau, a sede de poder que nos é natural; mas, examinando-a bem, esta sede adquire todas as características de um estado doentio do qual só nos curamos por acidente ou então por uma mutação interior semelhante à que se operou em Carlos V quando, ao abdicar em Bruxelas, no auge da glória, ensinou ao mundo que o excesso de lassitude podia suscitar cenas tão admiráveis quanto o excesso de coragem. Mas, anomalia ou maravilha, a renúncia – desafio a nossas constâncias, a nossa identidade – só sobrevém em momentos excepcionais, caso-limite que ultrapassa o filósofo e desconcerta o historiador.

Examina-te no momento em que a ambição te atormenta, quando sofres tua febre; depois disseca teus "acessos". Constatarás que eles são precedidos por sintomas curiosos, por um calor especial que não deixará de seduzir-te nem de alarmar-te. Intoxicado de futuro por haver abusado da esperança, te sentirás subitamente responsável pelo presente e pelo futuro, no coração da duração, carregada de teus estremecimentos, em cujo seio, agente de uma anarquia universal, sonhas explodir. Atento aos acontecimentos de teu cérebro e às vicissitudes de teu sangue, mergulhado em tua perturbação, espreitas e adoras seus signos. Se a loucura política – fonte de transtornos e de mal-estares sem igual – sufoca a inteligência, favorece por outro lado os instintos e te submerge em um caos salutar. A ideia do bem, e sobretudo do mal, que imaginas poder realizar te regozijará e exaltará; e tal será o *tour de force*, o prodígio de teus achaques, que eles te transformarão em senhor de tudo e de todos.

Sentirás à tua volta uma perturbação análoga naqueles que estejam corroídos pela mesma paixão. E enquanto estiverem dominados por ela, estarão irreconhecíveis, vítimas de uma embriaguez diferente de todas as outras. Tudo mudará neles, até o timbre de sua voz. A ambição é uma droga que transforma quem se entrega a ela em um demente em potencial. Quem não observou esses estigmas – esse ar de animal transtornado, esses traços inquietos e como que animados por um êxtase sórdido – nem em si mesmo nem em nenhum outro permanecerá estranho aos malefícios e aos benefícios do Poder, inferno tônico, síntese de veneno e de panaceia.

Imagina agora o processo inverso: a febre desaparece e te sentes outra vez desencantado, normal *em excesso*. Nenhuma ambição mais, logo nenhuma possibilidade mais de ser alguém ou algo; o nada em pessoa, o vazio encarnado: glândulas e entranhas clarividentes, ossos desenganados, um corpo invadido pela lucidez, livre de si mesmo, fora de jogo, fora do tempo, sujeito a um eu congelado em um saber total *sem conhecimentos*. Onde encontrar o instante que escapou? Quem o devolverá a ti? Por toda parte frenéticos ou enfeitados, uma multidão de anormais que a razão abandonou e vêm refugiar-se perto de ti, o único que compreendeu tudo, espectador absoluto, insubmisso para sempre à farsa unânime. Como o intervalo que te separa dos outros não para de aumentar, chegas a perguntar-te se não terias percebido uma realidade desconhecida dos demais. Revelação ínfima ou capital, seu conteúdo permanecerá obscuro para ti. A única coisa de que estarás seguro é de teu acesso a um equilíbrio inaudito, promoção de um espírito que se afastou de toda cumplicidade com os outros. Indeadidamente sensato, mais ponderado que todos os sábios, assim aparecerás ante ti mesmo... E se contudo ainda te assemelhas aos loucos que te rodeiam, sentes que uma insignificância te distinguirá deles para sempre; esta sensação, ou esta ilusão, faz com que, embora executes os mesmos atos que eles, não ponhas neles nem o mesmo ardor nem a mesma convicção. Trapacear será para ti uma questão de honra e a única maneira de vencer teus “acessos” ou de impedir seu retorno. Se para isso tiveste necessidade de uma

revelação, ou de uma derrocada, deduzirás que aqueles que não atravessaram uma crise semelhante se afundarão cada vez mais nas extravagâncias inerentes a nossa raça.

Notaram a simetria? Para tornar-se um homem político, isto é, para ter as qualidades de um tirano, é necessário uma perturbação mental; para deixar de sê-lo, impõe-se outra perturbação: não se tratará, no fundo, de uma metamorfose de nosso delírio de grandeza? Passar da vontade de ser o primeiro na cidade à de ser o último nela, é substituir, através de uma mutação do orgulho, uma loucura dinâmica por uma loucura estática, um gênero de insanidade tão insólito quanto a renúncia que o precede, e que tendo a ver mais com o ascetismo do que com a política, não faz parte de nossos propósitos.

Faz séculos que o apetite de poder se dispersou em múltiplas tiranias pequenas e grandes, que causaram estragos aqui e ali, e parece que chegou o momento em que o apetite de poder deva por fim concentrar-se para culminar em uma só tirania, expressão desta sede que devorou e devora o globo, termo de todos os nossos sonhos de poder, coroamento de nossas expectativas e de nossas aberrações. O rebanho humano disperso será reunido sob a guarda de um pastor implacável, espécie de monstro planetário ante o qual as nações se prostrarão em um pavor vizinho do êxtase. Uma vez ajoelhado o universo, um capítulo importante da história estará encerrado. Em seguida começará a desagregação do novo reino, e o retorno à desordem primitiva, à velha anarquia; os ódios e os vícios sufocados ressurgirão e, com eles, os tiranos menores de ciclos já mortos. Após a grande escravidão, uma escravidão qualquer. Mas ao sair de uma servidão monumental, os que tiverem sobrevivido estarão orgulhosos de sua vergonha e de seu medo e, vítimas fora do comum, exaltarão sua lembrança.

Dürer é meu profeta. Quanto mais contemplo o desfile dos séculos, mais me convenço de que a única imagem suscetível de revelar seu sentido é a dos *Cavaleiros do apocalipse*. Os tempos só avançam atropelando, esmagando as multidões; tanto os fracos quanto os fortes perecerão, inclusive esses cavaleiros, salvo *um*. É para ele, para sua terrível fama, que padeceram e uivaram as eras.

Eu o vejo crescer no horizonte, já percebo nossos gemidos, escuto até nossos gritos. E a noite que descerá sobre nossos ossos não nos trará a paz, como trouxe ao salmista, mas o terror.

A julgar pelos tiranos que produziu, nossa época terá sido tudo, menos medíocre. Para encontrar tiranos similares, seria preciso remontar ao Império romano ou às invasões mongólicas. Bem mais do que a Stálin, é a Hitler que cabe o mérito de haver dado a tônica do século. Ele é importante, menos por si mesmo do que pelo que anuncia, esboço de nosso futuro, arauto de um sombrio advento e de uma histeria cósmica, precursor desse déspota em escala continental que conseguirá a unificação do mundo pela ciência, destinada não a libertar-nos, mas a escravizar-nos. Isto, que já se soube anteriormente, se saberá de novo algum dia. Nascemos para existir, não para conhecer; para ser, não para afirmar-nos. O saber, tendo irritado e estimulado nosso apetite de poder, nos conduzirá inexoravelmente a nossa perda. O *Gênese* percebeu, melhor que nossos sonhos e sistemas, nossa condição humana.

O que aprendemos por conta própria, qualquer conhecimento extraído de nós mesmos, teremos que expiá-lo através de um suplemento de desequilíbrio. Fruto de uma desordem íntima, de uma enfermidade definida ou difusa, de uma perturbação na raiz de nossa existência, o saber altera a economia de um ser. Cada um deve pagar pela menor alteração que possa provocar em um universo criado para a indiferença e para a estagnação; cedo ou tarde, ele se arrependerá de não tê-lo deixado intacto. Isto é certo no que se refere ao conhecimento, e mais certo ainda quanto à ambição, pois atribuir-se direitos sobre os outros traz consequências mais graves e mais imediatas do que tocar no mistério ou simplesmente na matéria. Começamos por fazer os outros tremerem, mas os outros acabam por nos comunicar seus terrores. É por isso que também os tiranos vivem no pavor. E o terror que conhecerá nosso futuro amo será sem dúvida realçado por uma felicidade tão sinistra como ninguém nunca experimentou igual, proporcional ao solitário por excelência, erguido ante toda a humanidade, semelhante a um deus reinando no pavor, em um pânico onipotente, sem princípio nem fim, reunindo a rudeza de um

Prometeu e o descomedimento de um Jeová, escândalo para a imaginação e para o pensamento, desafio à mitologia e à teologia.

Depois dos monstros isolados em uma cidade, em um reino ou em um império, é natural que apareçam outros mais poderosos; graças a um desastre, a liquidação das nações e de nossas liberdades. A história, espaço onde realizamos o contrário de nossas aspirações, onde as desfiguramos sem cessar, não é, evidentemente, de essência angélica. Ao considerá-la, só concebemos um desejo: promover a agrura à dignidade de uma gnose.

Todos os homens são mais ou menos invejosos; os políticos o são completamente. Tornamo-nos invejosos quando já não suportamos mais ninguém nem ao lado nem acima de nós. Engajar-se em qualquer empreendimento, mesmo o mais insignificante, é pactuar com a inveja, prerrogativa suprema dos seres vivos, lei e mola dos atos. Se a inveja te abandona, és apenas um inseto, um nada, uma sombra. E um doente. Enquanto ela te sustenta, remedia as fraquezas do orgulho, vigia teus interesses, vence a apatia, opera vários milagres. Não é estranho que nenhuma terapia nem nenhuma moral haja preconizado os benefícios da inveja que – muito mais caridosa que a providência – precede nossos passos para dirigi-los? Ai daquele que a ignora, a negligencia ou a escamoteia! Escapa, de uma só vez, das consequências do pecado original, da necessidade de agir, de criar e de destruir. Incapaz de sentir ciúme dos outros, o que busca entre eles? Um destino de despojo o espreita. Para salvá-lo, seria preciso forçá-lo a tomar por modelo os tiranos, a tirar proveito de seus excessos e de seus delitos. É deles, e não dos sábios, que ele aprenderá como recuperar o gosto pelas coisas, como viver, como degradar-se. Que regresse ao pecado, que se reintegre à queda se quer participar também do aviltamento geral, dessa euforia da condenação em que estão submersas as criaturas. Conseguirá? Nada menos provável, pois dos tiranos ele só imita a solidão. Tenhamos compaixão dele, piedade de um miserável que, não se dignando a alimentar seus vícios nem a rivalizar com ninguém, permanece aquém de si mesmo e abaixo de todos.

Se os atos são frutos da inveja, entenderemos por que a luta política, em sua expressão última, resume-se a cálculos e a artimanhas próprias para assegurar a eliminação de nossos êmulos ou de nossos inimigos. Queres acertar no alvo? Começa por liquidar aqueles que, pensando segundo tuas categorias e teus preconceitos e tendo percorrido a teu lado o mesmo caminho, sonham necessariamente suplantar-te ou derrubar-te. São teus rivais mais perigosos; limita-te a eles, os outros podem esperar. Se tomasse o poder, minha primeira preocupação seria fazer desaparecer todos os meus amigos. Proceder de outra maneira é sabotar a profissão, desacreditar a tirania. Hitler, muito competente na matéria, demonstrou sabedoria ao desfazer-se de Roehm, o único homem a quem tratava de você, e de boa parte de seus primeiros companheiros. Stálin, por sua parte, não ficou atrás, como mostram os processos de Moscou.

Enquanto um conquistador triunfa, enquanto avança, pode permitir-se qualquer delito; a opinião pública o absolve; mas quando a fortuna o abandona, o menor erro se volta contra ele. Tudo depende do *momento* em que se mata: o crime em plena glória consolida a autoridade pelo medo sagrado que inspira. A arte de fazer-se temer e respeitar equivale ao senso da oportunidade. Mussolini, o típico déspota inábil ou de pouca sorte, tornou-se cruel quando seu fracasso já era manifesto e seu prestígio havia decaído: alguns meses de vinganças inoportunas anularam o labor de vinte anos.

Napoleão foi mais perspicaz: se tivesse mandado matar o duque de Enghien um pouco mais tarde, depois da campanha da Rússia, por exemplo, teria permanecido na história como carrasco; enquanto que agora esse assassinato aparece em sua vida como uma nódoa e nada mais.

Se, em última instância, pode-se governar sem crimes, não se pode fazê-lo, de modo algum, sem injustiças. Trata-se, entretanto, de dosar uns e outras, de cometê-los unicamente por intermitências. Para que te perdoem, deves saber simular cólera ou loucura, dar a impressão de ser sanguinário por inadvertência, tramar manobras terríveis sem perder teu aspecto de bonachão. O

poder absoluto não é coisa fácil: só se distinguem nele os cabotinos ou os assassinos de marca maior. Não há nada mais admirável humanamente e mais lamentável historicamente que um tirano desmoralizado por seus escrúpulos.

“E o povo?”, perguntarão. O pensador ou o historiador que emprega esta palavra sem ironia se desacredita. O “povo”, sabe-se muito bem a que está destinado: a sofrer os acontecimentos e as fantasias dos governantes, prestando-se a desígnios que o enfraquecem e o oprimem. Toda experiência política, por mais “avançada” que seja, desenrola-se à sua custa, dirige-se contra ele: o povo carrega os estigmas da escravidão por decreto divino ou diabólico. É inútil apiedar-se dele: sua causa é sem remédio. Nações e impérios se formam por sua complacência nas iniquidades das quais ele é objeto. Não há chefe de Estado nem conquistador que não o despreze; mas aceita este desprezo e vive dele. Se o povo deixasse de ser débil ou vítima, se não cumprisse seu destino, a sociedade se desvaneceria, e com ela a história. Não sejamos tão otimistas: nada no povo permite considerar uma eventualidade tão bela. Tal como é, representa um convite ao despotismo. Suporta suas provações, às vezes as solicita, e só se revolta contra elas para buscar outras novas, mais atrozes que as anteriores. Sendo a revolução seu único luxo, precipita-se em sua direção, não tanto para obter alguns benefícios ou melhorar sua sorte, mas para adquirir também seu direito à insolência, vantagem que o consola de suas decepções habituais, mas que logo perde quando são abolidos os privilégios da desordem. Como nenhum regime assegura sua salvação, o povo acomoda-se a todos e a nenhum. E, desde o Dilúvio até o Juízo Final, a única coisa a que pode aspirar é cumprir honestamente sua missão de vencido.

Voltando a nossos amigos, além da razão mencionada para fazê-los desaparecer, existe outra: conhecem demasiado nossos limites e nossos defeitos (a isso se reduz a amizade e a nada mais) para alimentar a menor ilusão sobre nossos méritos. Hostis, além disso, a que nos coloquemos na posição de ídolos – para o que estaríamos muito dispostos –, encarregados de salvaguardar nossa mediocridade, nossas dimensões *reais*, esvaziam o mito que

gostaríamos de criar a nosso próprio respeito, nos fixam em nossa figura exata e denunciam a falsa imagem que temos de nós mesmos. E quando nos concedem alguns elogios, estes são acompanhados de tantos subentendidos e sutilezas, que a lisonja, de tão circunspecta, equivale a um insulto. O que eles desejam em segredo é nosso enfraquecimento, nossa humilhação e nossa ruína. Identificando nosso êxito com uma usurpação, reservam toda a sua clarividência ao exame de nossos pensamentos e de nossos gestos para *denunciar* seu vazio, e só se tornam clementes quando começamos a decair. Mostram-se tão solícitos ante o espetáculo de nossa queda, que até nos amam, se enternecem com nossas misérias, deixam as suas para partilhar das nossas e nutrir-se delas. Durante nossa ascensão, nos escrutavam sem piedade, eram *objetivos*: agora podem se dar ao luxo de nos ver diferentes do que somos e de perdoar nossos antigos sucessos, convencidos de que não teremos mais outros. E tal é sua complacência conosco, que gastam a maior parte de seu tempo debruçados sobre nossas deformidades e extasiados com nossas carências. O grande erro de César foi não desconfiar dos seus, daqueles que, observando-o de perto, não podiam admitir sua ascendência divina; eles se recusaram a divinizá-lo; o povo, por outro lado, aceitou, mas o povo aceita tudo. Se tivesse se livrado deles, em vez de uma morte sem pompa, teria conhecido uma apoteose prolongada, soberba deliquescência à altura de um verdadeiro deus. Apesar de sua sagacidade, tinha ingenuidades: ignorava que nossos íntimos são os piores inimigos de nossa *estátua*.

Em uma república, paraíso da debilidade, o homem político é um tiranete que se submete às leis; mas uma personalidade forte não as respeita, quer dizer, só respeita aquelas de sua autoria. Especialista no inqualificável, vê no ultimato a honra e o ápice de sua carreira. Ser capaz de lançar um, ou vários, revela com certeza uma volúpia comparada à qual todas as outras são apenas afetações. Não concebo que se possa ambicionar a direção de qualquer negócio se não se aspira a esta provocação sem paralelo, a mais insolente que existe, e mais execrável ainda que a agressão que comumente a segue. “De quantos ultimatos és culpado?”

deveria ser a questão colocada a todo chefe de Estado. De nenhum? A história o desdenha, ela que só se anima nos capítulos que falam do horrível e se enfastia nos da tolerância e do liberalismo, regime em que os temperamentos se debilitam e os mais virulentos têm o aspecto de conspiradores apaziguados.

Tenho pena daqueles que nunca tiveram nenhum sonho de dominação desmesurado, nem sentiram os tempos girarem neles. Ah! aquela época em que Ahriman^[5] era meu príncipe e meu deus, quando, faminto de barbárie, escutava em mim o estrondo das hordas suscitando doces catástrofes! De nada me vale afundar agora na modéstia; ainda tenho um fraco pelos tiranos, prefiro-os aos redentores e profetas. E os prefiro porque não se escondem atrás das fórmulas, porque seu prestígio é equívoco e sua sede, autodestrutiva; enquanto que os outros, redentores e profetas, possuídos por uma ambição sem limites, disfarçam seus objetivos sob preceitos enganosos, afastam-se do cidadão para reinar nas consciências, para apoderar-se delas, implantar-se nelas e criar estragos duráveis sem ter que enfrentar a acusação, merecida entretanto, de indiscrição ou de sadismo. Comparado ao poder de um Buda, de um Jesus ou de um Maomé, o que vale o dos conquistadores? Renuncia à ideia de glória se não tens a tentação de fundar uma religião! E embora neste setor os lugares já estejam ocupados, os homens não se conformam tão rápido: o que são os chefes de seita se não fundadores de religião em segundo grau? Levando em conta a eficácia, Calvino e Lutero, por haver desencadeado conflitos ainda hoje não resolvidos, eclipsam Carlos V ou Felipe II. O cesarismo espiritual é mais refinado e mais rico em convulsões do que o cesarismo propriamente dito: se queres deixar um nome, liga-o a uma Igreja e não a um império. Terás assim neófitos obedientes à tua sorte ou a tuas extravagâncias, fiéis que poderás salvar ou maltratar à vontade.

Os chefes de uma seita não recuam diante de nada, pois mesmo seus escrúpulos fazem parte de sua tática. Mas mesmo sem mencionar as seitas – caso-limite –, querer simplesmente instituir uma ordem religiosa vale mais, no nível da ambição, do que

governar uma cidade ou assegurar conquistas por meio das armas. Insinuar-se nos espíritos, tornar-se dono de seus segredos, despojá-los de algum modo de si mesmos, de sua unidade, roubar-lhes até o privilégio, dito inviolável, do "foro íntimo", que tirano, que conquistador aspirou a tanto? A estratégia religiosa sempre será mais sutil, e mais suspeita, do que a estratégia política. Que se comparem os *Exercícios espirituais*, tão astuciosos sob seu aspecto desinteressado, com a franqueza nua de *O príncipe*, e se medirá a distância que separa as astúcias do confessionário das astúcias de uma chancelaria ou de um trono.

Quanto mais se exaspera o apetite de poder nos chefes espirituais, mais eles se preocupam, não sem razão, em refreá-lo nos outros. Qualquer de nós, entregue a si mesmo, ocuparia o espaço, o próprio ar e se consideraria seu proprietário. Uma sociedade que se quisesse perfeita deveria colocar na moda, ou tornar obrigatória, a camisa de força, pois o homem só se move para fazer o mal. As religiões, empenhando-se em curá-lo da obsessão do poder e em dar uma direção não política a suas aspirações, igualam-se aos regimes de autoridade, já que querem, como eles, embora com outros métodos, domá-lo, subjugar sua natureza, sua megalomania inata. O que consolidou as religiões, o que até agora as fez triunfar sobre nossas inclinações, isto é, o elemento ascético, é precisamente o que deixou de ter poder sobre nós. Uma libertação perigosa deveria resultar disso; ingovernáveis sob todos os aspectos, plenamente emancipados, livres de nossas correntes e de nossas superstições, estamos maduros para os remédios do terror. Quem aspira à liberdade completa, só a consegue para retornar ao ponto de partida, à sua servidão inicial. Daí a vulnerabilidade das sociedades evoluídas, massas amorfas, sem ídolos nem ideais, perigosamente desprovidas de fanatismo, de laços orgânicos, e tão desamparadas no meio de seus caprichos ou de suas convulsões que esperam – e é o único sonho de que são capazes – a segurança e os dogmas do jugo. Incapazes de assumir por mais tempo a responsabilidade de seus destinos, conspiram, muito mais que as sociedades rústicas, para o advento do

despotismo, a fim de que este as liberte dos últimos restos de um apetite de poder extenuado, vazio e inutilmente obsessivo.

Um mundo sem tiranos seria tão enfadonho quanto um jardim zoológico sem hienas. O amo que aguardamos apavorados será justamente um amante da podridão, em presença do qual todos nós pareceremos carcaças. Que venha nos farejar, que chafurde em nossas exalações! Um novo odor já paira sobre o universo.

Para não ceder à tentação política, é preciso vigiar-se a cada momento. Mas, como consegui-lo em um regime democrático, cujo vício essencial é permitir a qualquer um aspirar ao poder e dar livre curso a suas ambições? Disso resulta uma grande quantidade de fanfarrões, de agitadores sem destino, de loucos sem importância que a fatalidade recusou-se a marcar, incapazes de verdadeiro frenesi, tão inadequados para o triunfo quanto para o desmoronamento. No entanto, é sua nulidade que permite e assegura nossas liberdades ameaçadas pelas personalidades excepcionais. Uma república que se respeita deveria enlouquecer ante a aparição de um grande homem, bani-lo de seu seio, ou pelo menos impedir que se crie uma lenda em torno dele. Ela repugna isso? É porque, deslumbrada pela sua calamidade, não acredita mais nem em suas instituições nem em suas razões de ser. Enreda-se em suas leis, e essas leis, que protegem seu inimigo, a dispõem e a incitam à demissão. Sucumbindo sob os excessos de sua tolerância, poupa o adversário que não a poupará, autoriza os mitos que a minam e a destroem, deixa-se prender nas suavidades de seu carrasco. Merece subsistir quando seus próprios princípios a estimulam a desaparecer? Paradoxo trágico da liberdade: os medíocres, que são os únicos que tornam possível seu exercício, não saberiam garantir sua duração. Devemos tudo à sua insignificância e perdemos tudo por causa dela. Assim encontram-se sempre aquém de sua missão. É esta mediocridade que eu odiava na época em que amava sem reserva os tiranos, dos quais nunca é demais dizer – ao contrário de sua caricatura (todo democrata é um tirano de opereta) – que têm um destino, até *demasiado* destino. E se eu lhes devotava um culto é porque, tendo o instinto do mando, não se rebaixam nem ao diálogo nem aos argumentos: ordenam,

decretam, sem dignar-se a justificar seus atos; daí seu cinismo, que eu colocava acima de todas as virtudes e de todos os vícios, marca de superioridade, até de nobreza, que, a meus olhos, os isolava do resto dos mortais. Não podendo tornar-me digno deles pela ação, esperava alcançá-los através da palavra, pela prática do sofisma e da enormidade: ser tão odioso com os meios do espírito como eles eram com os do poder, devastar por meio da palavra, fazer explodir o verbo e com ele o mundo, arrebentar com os dois, e desmoronar finalmente sob seus escombros! Agora, desiludido dessas extravagâncias, de tudo o que dava realce a meus dias, ponho-me a sonhar com uma cidade, maravilha de moderação, dirigida por uma equipe de octogenários um pouco caducos, de uma amenidade maquinal, ainda bastante lúcidos para fazer bom uso de suas decrepitudes, isentos de desejos, de remorsos, de dúvidas, e tão preocupados com o equilíbrio geral e com o bem público que consideravam o próprio sorriso um sinal de desregramento ou de subversão. E agora tal é minha decadência que até os democratas me parecem demasiado ambiciosos e demasiado delirantes. Eu seria, entretanto, cúmplice deles se seu ódio à tirania fosse puro; mas eles só a abominam porque ela os relega a sua vida privada e os encurrala em seu vazio. O único grau de grandeza que podem atingir é o do fracasso. Liquidar lhes cai bem, eles se comprazem nisso, e quando se destacam na matéria, merecem nosso respeito. Em termos gerais, para levar um Estado à ruína, é preciso uma certa prática, disposições especiais, e mesmo talentos. Mas pode acontecer que as circunstâncias se prestem a isso; a tarefa então é mais fácil, como prova o exemplo dos países em declínio, desprovidos de recursos interiores, vítimas do insolúvel, dos dilaceramentos, do jogo de opiniões e de tendências contraditórias. Tal foi o caso da Grécia antiga. E já que falamos de fracasso, o da Grécia foi perfeito: dir-se-ia que esmerou-se para fazer dele um modelo para desencorajar a posteridade. A partir do século III antes de Cristo – dilapidada sua substância, cambaleantes seus ídolos, dividida sua vida política entre o partido macedônio e o partido romano –, para resolver suas crises e remediar a maldição de suas liberdades, a Grécia teve que recorrer à dominação

estrangeira, teve que aceitar durante mais de quinhentos anos o jugo de Roma, vendo-se forçada a isso pelo próprio grau de refinamento e de gangrena a que havia chegado. Reduzido o politeísmo a um monte de fábulas, havia perdido seu gênio religioso e, com ele, seu gênio político, duas realidades indissolivelmente ligadas: pôr em dúvida seus deuses é pôr em dúvida a cidade que presidem. A Grécia não pôde sobreviver a seus deuses, como tampouco Roma pôde sobreviver aos seus. Para comprovar que tenha perdido, juntamente com seu instinto religioso, seu instinto político, basta observar suas reações durante as guerras civis: sempre do lado equivocado, aliando-se a Pompeu contra César, a Brutus contra Otávio e Antônio, a Antônio contra Otávio, uniu-se regularmente à má sorte, como se na continuidade do fracasso tivesse encontrado uma garantia de estabilidade, o reconforto e a comodidade do irreparável. As nações cansadas de seus deuses ou cujos próprios deuses estão cansados, quanto mais civilizadas são, mais correm o risco de sucumbir. O cidadão se refina à custa das instituições; se deixa de acreditar nelas, não pode mais defendê-las. Quando os romanos, em contato com os gregos, terminaram por civilizar-se, quer dizer, por debilitar-se, os dias da república estavam contados. Resignaram-se à ditadura, talvez a desejassem secretamente: não há Rubicão sem as cumplicidades de uma fadiga coletiva.

O princípio de morte, inerente a todos os regimes, é mais perceptível nas repúblicas do que nas ditaduras: as primeiras o proclamam e o exibem, as segundas o dissimulam e o negam. O que não impede que estas últimas, graças a seus métodos, consigam garantir para si uma duração mais longa e sobretudo mais *consistente*: elas solicitam, cultivam o acontecimento, enquanto que as outras o deixam de lado, pois a liberdade é um estado de ausência suscetível de degenerar quando os cidadãos, esgotados pela tarefa de ser eles mesmos, só aspiram a humilhar-se e a desistir, a satisfazer sua nostalgia da servidão. Não há nada mais desolador do que a extenuação e a ruína de uma república: seria preciso falar dela no tom da elegia ou do epigrama, ou,

melhor ainda, no *Do espírito das leis*.^[6] “Quando Sila quis devolver a Roma sua liberdade, ela não pôde mais recebê-la, pois só possuía um tênue resquício de virtude e, como a possuía cada vez menos, em vez de despertar após César, Tibério, Caio, Cláudio, Nero, Domiciano, tornou-se cada vez mais escrava; todos os golpes foram dirigidos contra os tiranos, mas nenhum contra a tirania.”

É que, precisamente, pode-se chegar a tomar gosto pela tirania, pois o homem prefere apodrecer no medo do que enfrentar a angústia de ser ele mesmo. Generalizado o fenômeno, aparecem os céсарes: como recriminá-los quando respondem às exigências de nossa miséria e às súplicas de nossa covardia? Na realidade, merecem até ser admirados: perseguem o assassinato, sonham com ele o tempo todo, aceitam seu horror e sua ignomínia, e dedicam a ele todos os seus pensamentos, a ponto de esquecer-se do suicídio e do exílio, fórmulas menos espetaculares, embora mais doces e agradáveis. Tendo optado pelo mais difícil, só podem prosperar em tempos incertos, para manter o caos ou estrangulá-lo. A época propícia para seu apogeu coincide com o fim de um ciclo de civilização. Isto é evidente para o mundo antigo, e não o será menos para o moderno, que caminha em linha reta para uma tirania não menos considerável do que a que dominava os primeiros séculos de nossa era. A meditação mais elementar sobre o processo histórico do qual somos o resultado revela que o cesarismo será o modo segundo o qual se realizará o sacrifício de nossas liberdades. Se os continentes devem ser unificados, será por meio da força e não da persuasão; como o Império romano, o império futuro será forjado pela espada, e se estabelecerá com o concurso de todos, já que nossos próprios terrores o exigem.

Se me dissessem que divago, responderia que é realmente possível que esteja me antecipando. As datas não importam. Os primeiros cristãos esperavam o fim do mundo de um momento para outro; só se enganaram por alguns milênios... Em outra ordem de expectativa, também posso enganar-me; mas, enfim, não se avalia nem se comprova uma visão, e a que eu tenho da tirania futura impõe-se a mim com uma evidência tão decisiva que me pareceria

desonroso querer demonstrar seu fundamento. É uma certeza que participa tanto do calafrio quanto do axioma. E adiro a ela com o arrebatamento de um agitador e com a segurança de um geômetra. Não, não divago nem me equivoco. E nem sequer poderia dizer, como Keats, que “o sentimento da sombra me invade”. É bem mais uma luz que me assalta, precisa e intolerável, que não me faz ver o fim do mundo – isso sim seria divagar –, mas o de um estilo de civilização e de um modo de ser. Para limitar-me ao imediato, e mais especialmente à Europa, parece-me, com toda nitidez, que sua unidade não será obtida, como pensam alguns, por acordo e deliberação, mas pela violência, segundo as leis que regem a constituição dos impérios. Para que essas velhas nações, enredadas em suas rivalidades e em suas obsessões provincianas, renunciem a elas e se emancipem, será preciso que uma mão de ferro as obrigue, pois nunca consentirão por vontade própria. Uma vez subjugadas, comungando na humilhação e na derrota, poderão dedicar-se a uma obra supranacional, sob o olhar vigilante e malicioso de seu novo amo. Sua servidão será brilhante, cuidarão dela com diligência e delicadeza, não sem gastar nesse esforço os últimos restos de seu gênio. Elas pagarão caro o esplendor de sua escravidão.

Assim, antecipando os tempos, a Europa dará, como sempre, o exemplo ao mundo, e se tornará célebre em seu ofício de protagonista e de vítima. Sua missão consistiu em prefigurar as provações dos outros, em sofrer por eles e antes deles, em oferecer-lhes suas próprias convulsões como modelo, para poupar-lhes o trabalho de inventar convulsões originais, pessoais. Quanto mais se dilapidava por eles, mais se atormentava e se agitava, e melhor viviam os outros como parasitas de suas angústias e herdeiros de suas revoltas. Mas, no futuro, eles se voltarão para ela até o dia em que, esgotada, só puder legar-lhes destroços.

5. Ahriman – o príncipe do Mal, aposto a Ormuzd, na religião de Zoroastro. (N. do T.)

[6.](#) *Do espírito das leis*, obra principal de Montesquieu (1748). Cf. tradução brasileira de Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues in *Os pensadores – Montesquieu*, ed. Abril Cultural, São Paulo, 1979, p. 42. (N. do T.)

IV ODISSEIA DO RANCOR

Passamos a maior parte de nossas vigílias despedaçando em pensamento nossos inimigos, arrancando-lhes os olhos e as entranhas, comprimindo e esvaziando suas veias, pisoteando e esmagando cada um de seus órgãos, deixando-lhes apenas, por caridade, o prazer de seu esqueleto. Feita esta concessão, nos acalmamos e, exaustos, caímos no sono. Repouso bem merecido após tanto furor e tanta minúcia. Devemos, afinal de contas, recuperar forças para poder recomeçar na noite seguinte, para nos dedicar a uma tarefa que faria desanimar um Hércules sanguinário. Decididamente, ter inimigos não é uma sinecura.

O programa de nossas noites seria menos pesado se, durante o dia, pudéssemos dar livre curso a nossos maus instintos. Para atingir não tanto a felicidade, mas o equilíbrio, teríamos que liquidar uma boa parte de nossos semelhantes, praticar cotidianamente o massacre tal como faziam nossos afortunados e longínquos ancestrais. Não tão afortunados, nos objetarão, pois a baixa densidade demográfica da época das cavernas não lhes permitia degolar-se uns aos outros todo o tempo. Certo! Mas tinham compensações, estavam melhor providos do que nós: indo caçar a qualquer hora do dia, precipitando-se sobre os animais selvagens, eram ainda congêneres que eles abatiam. Familiarizados com o sangue, podiam facilmente apaziguar seu frenesi; não tinham nenhuma necessidade nem de dissimular nem de adiar seus impulsos assassinos, enquanto que nós estamos condenados a vigiar e a refrear nossa ferocidade, a deixá-la sofrer e gemer em nós, forçados que estamos à temporização, à necessidade de retardar nossas vinganças ou de renunciar a elas.

Não vingar-se é submeter-se à ideia de perdão, é afundar-se nela, é tornar-se impuro por causa do ódio que se sufoca dentro de si. O inimigo poupado nos obseda e nos perturba, sobretudo quando

decidimos não detestá-lo. De toda maneira, só o perdoamos de verdade se contribuímos para sua queda, ou a assistimos, se ele nos oferece o espetáculo de um fim desonroso, ou se, suprema reconciliação, contemplamos seu cadáver. Felicidade rara, é verdade, e mais vale não contar com ela. Pois o inimigo nunca está por terra, sempre se encontra de pé e triunfante. Sua primeira qualidade é erguer-se diante de nós e opor a nossas tímidas chacotas seu sarcasmo escancarado.

Nada nos torna mais infelizes do que a obrigação de resistir a nosso fundo primitivo, ao apelo de nossas origens. Os resultados são esses tormentos de civilizado reduzido ao sorriso, atrelado à cortesia e à duplicidade, incapaz de aniquilar o adversário a não ser em intenção, condenado à calúnia e como que desesperado de ter que matar sem agir, unicamente pela virtude das palavras, esse punhal invisível. Os caminhos da crueldade são diversos. Substituindo a selva, a conversação permite à nossa bestialidade gastar-se sem prejuízo imediato para nossos semelhantes. Se, pelo capricho de um poder maléfico, perdêssemos o uso da palavra, ninguém mais estaria a salvo. Conseguimos transferir para o domínio de nossos pensamentos a necessidade de assassinato inscrita em nosso sangue: só esta acrobacia explica a possibilidade, e a permanência, da sociedade. Deve-se concluir que conseguimos triunfar de nossa corrupção inata, de nossos talentos homicidas? Isso seria equivocar-se a respeito das capacidades do verbo e exagerar seus prestígios. A crueldade que herdamos, que está a nossa disposição, não se deixa domar tão facilmente; enquanto não nos entregarmos inteiramente a ela, e não a esgotarmos, se conservará no mais íntimo de nós e não nos emanciparemos dela. O assassino típico planeja seu crime, o prepara, o realiza, e, ao realizá-lo, liberta-se por um tempo de seus impulsos; por outro lado, aquele que não mata porque não pode matar, embora tenha desejo de fazê-lo, o assassino irrealizado, veleidoso e elegíaco da matança, comete mentalmente um número ilimitado de crimes, atormenta-se e sofre muito mais que o outro, já que carrega a nostalgia de todas as abominações que não soube perpetrar. Do mesmo modo, aquele que não ousa vingar-se envenena seus dias,

amaldiçoa seus escrúpulos e esse ato antinatural que é o perdão. Sem dúvida a vingança não é sempre doce: uma vez executada, nos sentimos inferiores à vítima, nos enredamos nas sutilezas do remorso; a vingança também tem seu veneno, embora esteja mais próxima de nossa natureza, do que experimentamos, de nossa própria lei; ela também é mais saudável do que a magnanimidade. As Fúrias tinham a fama de ser anteriores aos deuses, a Júpiter inclusive. A vingança precede a Divindade! É a intuição maior da mitologia antiga.

Aqueles que, por impotência ou por falta de ocasião, não reagiram às manobras de seus inimigos trazem em seus rostos o estigma das cóleras ocultas, os vestígios da afronta e do opróbrio, a desonra de haver perdoado. As bofetadas que não deram se voltam contra eles e vêm em massa golpear seu rosto e ilustrar sua covardia. Perdidos e atormentados, fechados em sua vergonha, saturados de amargura, rebeldes com os outros e consigo mesmos, tão contidos quanto prestes a explodir, dir-se-ia que fazem um esforço sobre-humano para afastar de si uma ameaça de convulsão. Quanto maior é sua impaciência, mais devem disfarçá-la, e, quando não o conseguem, explodem enfim, mas inutilmente, estupidamente, pois é no ridículo que caem, igual àqueles que, por haver acumulado demasiada bília e demasiado silêncio, perdem no momento decisivo toda sua contenção ante seus inimigos e se mostram indignos deles. Seu fracasso fará crescer ainda mais seu rancor, e cada experiência, por mais insignificante que seja, equivalerá para eles a um suplemento de fel.

Só nos suavizamos, só nos tornamos *bons* destruindo o melhor de nossa natureza, submetendo o corpo à disciplina da anemia, e o espírito à do esquecimento. Enquanto guardamos nem que seja uma sombra de memória, o perdão se reduz a uma luta com os instintos, a uma agressão contra o próprio eu. São nossas vilanias que nos põem de acordo com nós mesmos, asseguram nossa continuidade, nos ligam a nosso passado e excitam nossos poderes de evocação; da mesma maneira, só temos imaginação quando estamos à espera da desgraça dos outros, nos arrebatamentos do fastio, nessa disposição que nos impele se não a cometer infâmias

ao menos a sonhá-las. Como poderia ser diferente em um planeta onde a carne se propaga com o des pudor de uma calamidade? Para onde quer que olhemos, tropeçamos no humano, repulsiva ubiquidade ante a qual caímos no estupor e na revolta, em uma estupidez *fogosa*. Antigamente, quando o espaço se encontrava menos abarrotado, menos infestado de homens, umas seitas, indubitavelmente inspiradas por uma força benéfica, preconizavam e praticavam a castração; por um paradoxo infernal, elas desapareceram no momento preciso em que sua doutrina teria sido mais oportuna e mais salutar do que nunca. Maníacos da procriação, bípedes de rostos desvalorizados, perdemos todo atrativo uns para os outros, e somente sobre uma terra semideserta, povoada no máximo de alguns milhares de habitantes, nossas fisionomias poderiam reencontrar seu antigo prestígio. A multiplicação de nossos semelhantes beira a imundície; o dever de amá-los beira o absurdo. Isto não impede que todos os nossos pensamentos estejam contaminados pela presença do humano, que *exalem o cheiro* do humano e que não consigam desembaraçar-se dele. Que verdade podem atingir, a qual revelação podem elevar-se, se esta pestilência asfixia o espírito e o torna impróprio para pensar em outra coisa que não seja esse animal pernicioso e fétido de cujas emanações está contaminado? Aquele que é fraco demais para declarar guerra ao homem nunca deveria esquecer, em seus momentos de fervor, de rezar pela vinda de um segundo dilúvio, mais radical que o primeiro.

O conhecimento arruína o amor: à medida que desvendamos nossos próprios segredos, detestamos nossos semelhantes precisamente porque se assemelham a nós. Quando já não se tem ilusões sobre si mesmo, também não se tem sobre os outros; o inominável, que se descobre por introspecção, estende-se, por uma generalização legítima, ao resto dos mortais; depravados em sua essência, não nos equivocamos ao atribuir-lhes todos os vícios. Curiosamente, a maioria dos mortais se revelam inaptos ou renitentes a detectar os vícios, a constató-los em si mesmos ou nos outros. É fácil fazer o mal: todo mundo o consegue; assumi-lo explicitamente, reconhecer sua inexorável realidade é, por outro

lado, uma proeza insólita. Na prática, qualquer um pode rivalizar com o diabo; na teoria não ocorre o mesmo. Cometer horrores e conceber *o horror* são dois atos irreduzíveis um ao outro: não há nada em comum entre o cinismo vivido e o cinismo abstrato. Desconfiemos dos que aderem a uma filosofia tranquilizadora, dos que creem no Bem e o erigem em ídolo; não teriam chegado a isso se, debruçados honestamente sobre si mesmos, tivessem sondado suas profundezas ou seus miasmas; mas aqueles poucos que tiveram a indiscrição ou a infelicidade de mergulhar até as profundidades de seu ser, conhecem bem o que é o homem: não poderão mais amá-lo, pois não amam mais a si próprios, embora continuem – e esse é seu castigo – mais apegados a seu eu do que antes...

Para que pudéssemos conservar a fé em nós e nos outros, e para que não percebêssemos o caráter ilusório, a nulidade de todo ato, a natureza nos fez opacos a nós mesmos, sujeitos a uma cegueira que gera o mundo e o governa. Se realizássemos uma investigação exaustiva sobre nós mesmos, o nojo nos paralisaria e nos condenaria a uma existência sem proveito. A incompatibilidade entre o ato e o conhecimento de si mesmo parece ter escapado a Sócrates; sem isto, na sua qualidade de pedagogo, de cúmplice do homem, teria ousado adotar o lema do oráculo com todos os abismos de renúncia que supõe e aos quais nos convida?

Enquanto possuímos uma vontade própria e nos apegamos a ela (é a censura que fizeram a Lúcifer), a vingança é um imperativo, uma necessidade orgânica que define o universo da diversidade, do "eu", e que não tem nenhum sentido no universo da identidade. Se fosse verdade que "é no Uno que respiramos" (Plotino), de quem nos vingariamos aí onde toda diferença desaparece, onde comungamos com o indiscernível e perdemos nossos contornos? Na realidade, respiramos no múltiplo; nosso reino é o do "eu", e não há salvação através do "eu". Existir é condescender à sensação, logo à afirmação de si; daí o não saber (com sua consequência direta: a vingança), princípio de fantasmagoria, fonte de nossa peregrinação sobre a Terra. Quanto mais procuramos nos afastar de nosso eu, mais nos absorvemos nele. De nada nos adianta fazê-lo explodir:

no momento mesmo em que pensamos haver conseguido, eis que ele aparece mais seguro do que nunca; tudo o que fazemos para arruiná-lo só consegue aumentar sua força e sua solidez, e tal é seu vigor e sua perversidade que se dilata ainda melhor no sofrimento do que no gozo. Se isto ocorre com o eu, o mesmo acontece, com maior razão, com os atos. Quando nos julgamos livres deles, estamos mais presos do que nunca: mesmo degradados a meros simulacros, os atos têm poder sobre nós e nos escravizam. E se realizamos alguma empresa, seja por persuasão ou pela força, acabamos sempre por aderir a ela, por converter-nos em seus escravos ou em seus iludidos. Ninguém se move sem submeter-se ao múltiplo, às aparências, ao "eu". Agir é cometer um delito contra o absoluto.

A soberania do ato vem, é preciso dizê-lo sem rodeios, de nossos vícios, que detêm um maior contingente de existência que nossas virtudes. Se aderimos à causa da vida, e mais particularmente à da história, os vícios se revelam extraordinariamente úteis: não é graças a eles que nos apegamos às coisas e desempenhamos um bom papel neste mundo? Inseparáveis de nossa condição, só o fantoche não os possui. Querer boicotá-los é conspirar contra si mesmo, depor as armas em pleno combate, desacreditar-se aos olhos do próximo ou permanecer vazio para sempre. O avarento merece que o invejemos, não por causa de seu dinheiro, mas justamente por sua avareza, que é seu verdadeiro tesouro. Fixando o indivíduo em um setor do real, implantando-o nele, o vício, que não faz nada levianamente, o ocupa, o aprofunda, lhe dá uma justificação, o desvia do vago. O valor prático das manias, dos desajustes e das aberrações não necessita mais de demonstrações. Na medida em que nos estabelecemos neste mundo, no imediato, onde as vontades se enfrentam, onde faz estragos o apetite de ser o primeiro, um pequeno vício é mais eficaz do que uma grande virtude. A dimensão *política* dos seres (entendendo por política o coroamento do biológico) salvaguarda o reino dos atos, o reino da abjeção dinâmica. Conhecer a nós mesmos é identificar o motivo sórdido de nossos gestos, o inconfessável inscrito em nossa substância, a soma de misérias patentes ou clandestinas das quais

depende nossa eficácia. Tudo o que emana das zonas inferiores de nossa natureza está investido de força, tudo o que vem de baixo estimula: produzimos e rendemos mais por inveja e rapacidade do que por nobreza e desinteresse. A esterilidade só espreita os que não se dignam a manter e a divulgar suas taras. Qualquer que seja o setor que nos ocupe, para triunfar nele, temos que cultivar o lado insaciável de nosso caráter, conservar nossas inclinações ao fanatismo, à intolerância e à vingança. Nada mais suspeito do que a fecundidade. Se buscas a pureza, se pretendes uma transparência interior, desiste sem demora de teus talentos, sai do circuito dos atos, coloca-te fora do humano, renuncia, para empregar o jargão piedoso, à "conversação das criaturas"...

Os grandes dons, longe de excluir os grandes defeitos, os atraem e os reforçam. Quando os santos se acusam de tal e tal pecado, devemos acreditar em sua palavra. O próprio interesse que mostram pelos sofrimentos alheios testemunha contra eles. Sua piedade, a piedade em geral, que é se não o *vício* da bondade? Extrai sua eficácia do princípio mau que encerra, e por isso goza com as provações dos outros, saboreia seu veneno, precipita-se sobre todos os males que percebe ou pressente, sonha com o inferno como se fosse uma terra prometida, o postula, não pode prescindir dele, e, se a piedade não é destrutiva por si mesma, aproveita-se, entretanto, de tudo o que destrói. Extrema deformação da bondade, acaba por ser sua negação, muito mais entre os santos que entre nós. Para convencer-se disso, basta ler suas vidas e contemplar a voracidade com que se precipitam sobre nossos pecados, a nostalgia que sentem da queda fulgurante ou do remorso interminável, sua exasperação ante a mediocridade de nossas infâmias e seu pesar ao não ter mais que atormentar-se por nossa salvação.

Por mais alto que nos elevemos, permanecemos prisioneiros de nossa natureza, de nossa queda original. Os homens com grandes desígnios, ou simplesmente talentosos, são monstros, soberbos e hediondos, que dão a impressão de estar planejando algum crime terrível; na realidade, preparam sua obra... trabalham sorratamente nela como malfeitores: não têm que derrubar todos

aqueles que seguem o mesmo caminho que eles? Agitamo-nos e produzimos para esmagar os seres ou o Ser, os rivais ou o Rival. A qualquer nível, os espíritos se guerreiam, se comprazem e chafurdam no desafio: os próprios santos se invejam e se excluem, como o fazem, aliás, os deuses, como provam suas rixas perpétuas, flagelo de todos os Olimpos. Aquele que aborda o mesmo domínio ou o mesmo problema que nós atenta contra nossa originalidade, contra nossos privilégios, contra a integridade de nossa existência, nos despoja de nossas quimeras e de nossas oportunidades. O dever de derrubá-lo, de arrasá-lo, ou pelo menos de vilipendiá-lo, adquire a forma de uma missão, e mesmo de uma fatalidade. Só nos é agradável aquele que se abstém, que não se manifesta de nenhuma maneira; isso enquanto não se transforme em modelo: o sábio *reconhecido* excita e legitima a inveja. Mesmo um vagabundo, se se distingue em sua vagabundagem e brilha nela, corre o risco de desonrar-se: atrai demasiada atenção sobre si... O ideal seria uma desapareição bem dosada. Ninguém o consegue.

Só se adquire a glória em detrimento dos outros, daqueles que também a buscam; até a reputação se obtém ao preço de inúmeras injustiças. Aquele que saiu do anonimato ou que se empenha em sair, prova que eliminou todo escrúpulo de sua vida, que triunfou sobre sua consciência, se é que algum dia a teve. Renunciar a seu nome é condenar-se à inatividade; apegar-se a ele é degradar-se. É preciso rezar ou escrever preces? Existir ou expressar-se? O que é certo é que o princípio da expansão, imanente à nossa natureza, nos faz olhar os méritos dos outros como uma usurpação dos nossos, como uma contínua provocação. Se a glória nos é vedada, ou inacessível, acusamos aqueles que a alcançaram porque pensamos que a obtiveram nos roubando: ela nos cabia de direito, nos pertencia, e sem as maquinações desses usurpadores teria sido nossa. "Bem mais que a propriedade, é a glória que é um roubo", ladainha do amargurado e, até certo ponto, de todos nós. A volúpia de ser desconhecido ou incompreendido é rara; no entanto, pensando bem, ela não equivale ao orgulho de haver triunfado sobre as vaidades e as honras? Ao desejo de um renome inabitual,

ao orgulho de uma celebridade *sem público*? É que constitui a forma suprema, o auge do apetite de glória.

A palavra não é demasiado forte: trata-se realmente de um *apetite*, que tem suas raízes em nossos sentidos e que responde a uma necessidade fisiológica. Para afastar-nos dele e vencê-lo, deveríamos meditar sobre nossa insignificância até adquirir o sentimento vivo dela, sem nenhuma voluptuosidade, pois a certeza de não ser nada conduz, se não se tem cuidado, à complacência e ao orgulho: não se percebe o próprio nada, não se detém nele, sem apegar-se a ele sensualmente... Há um certo prazer em denunciar obstinadamente a fragilidade da felicidade; da mesma forma, quando se professa desprezo pela glória, não se ignora, com isso, o desejo de obtê-la, se a idolatra mesmo ao proclamar sua inanidade. Desejo odioso, sem dúvida, mas inerente a nossa organização; para extirpá-lo, seria preciso condenar a carne e o espírito à petrificação, rivalizar em apatia com o mineral, esquecer depois os outros, eliminá-los de nossa consciência, pois o simples fato de sua presença, radiante e satisfeita, desperta nosso espírito mau que nos manda exterminá-los e sair de nossa obscuridade apesar de seu brilho.

Detestamos aqueles que “escolheram” viver na mesma época que nós, que correm a nosso lado, que entram nossos passos ou nos deixam para trás. Em termos mais claros: todo contemporâneo é odioso. Conformamo-nos com a superioridade de um morto, jamais com a de um vivo, cuja simples existência constitui para nós uma censura e uma acusação, um convite às vertigens da modéstia. Que tantos semelhantes nos ultrapassem é uma evidência intolerável que esquivamos nos arrogando, por uma astúcia instintiva ou desesperada, todos os talentos e atribuindo-nos a vantagem de ser únicos. Sufocamos perto de nossos êmulos ou de nossos modelos: que alívio diante de suas tumbas! O próprio discípulo só respira e se emancipa com a morte do mestre. Todos nós, enquanto existimos, invocamos com nossos desejos a ruína daqueles que nos eclipsam com seus dons, com seus trabalhos ou com suas façanhas, e esperamos ansiosamente, com avidez, seus últimos momentos. Alguém se eleva, em nosso setor, acima de nós

e é razão suficiente para que desejemos nos ver livres dele: como perdoar-lhe a admiração que nos inspira, o culto secreto e doloroso que lhe consagramos? Que desapareça, que se afaste, que morra enfim, para que possamos venerá-lo sem dilaceramento, sem amargor, para que cesse nosso martírio!

Se ele tivesse um pouco de astúcia, em vez de agradecer-nos a predileção que temos por ele, nos trataria mal, nos acusaria de impostura, nos repeliria com nojo ou comiseração. Demasiado convencido, sem nenhuma experiência do calvário da admiração, nem dos movimentos contraditórios que ela provoca em nós, mal suspeita que ao pô-lo em um pedestal consentimos em rebaixar-nos, e que pagará por isso: poderemos esquecer algum dia o golpe que, inconscientemente é verdade, deu na doce ilusão de nossa singularidade e de nosso valor? Tendo cometido a imprudência ou o abuso de deixar-se adorar demasiado tempo, tem agora que sofrer as consequências: pelo decreto de nossa lassidão, de verdadeiro deus passou a deus falso, reduzido ao arrependimento de haver ocupado indevidamente nossas horas. Talvez só o tenhamos venerado na esperança de poder vingar-nos algum dia. Se gostamos de prostrar-nos, gostamos ainda mais de renegar aqueles ante quem nos rebaixamos. Todo trabalho de demolição exalta, confere energia; daí a urgência, a infalibilidade prática dos sentimentos vis. A inveja, que faz de um poltrão um temerário, de um aborto um tigre, fustiga os nervos, atíça o sangue, comunica ao corpo um calafrio que o impede de amolecer, empresta ao rosto mais anódino uma expressão de ardor concentrado; sem ela, não haveria acontecimentos, nem sequer *mundo*; a inveja tornou o homem possível, permitiu-lhe fazer um nome, alcançar a grandeza *pela queda*, por essa revolta contra a glória anônima do paraíso, com a qual não podia contentar-se, como o anjo decaído, seu inspirador e seu modelo. Tudo o que respira, tudo o que se move, revela a mácula original. Associados para sempre à efervescência de Satã, senhor do Tempo, que mal se distingue de Deus, pois é apenas sua face *visível*, somos vítimas desse gênio da sedição que nos faz realizar nossa tarefa de seres viventes excitando-nos uns contra os outros em um combate deplorável, sem dúvida, mas

fortificante: saímos do torpor, nos animamos, cada vez que, triunfando sobre nossos movimentos nobres, tomamos consciência de nosso papel de destruidores.

A admiração, ao contrário, de tanto desgastar nossa substância, nos deprime e nos desmoraliza com o tempo; assim nos voltamos contra o *admirado*, culpado de nos haver infligido o trabalho penoso de elevar-nos a seu nível. Que ele não se espante se nossos impulsos em sua direção sejam seguidos de recuos, nem que façamos de vez em quando a revisão de nossos arrebatamentos. Nosso instinto de conservação nos chama à ordem, ao dever para com nós mesmos, nos obriga a restabelecer-nos. Não deixamos de estimar ou de incensar fulano ou beltrano porque seus méritos estariam em questão, mas porque só podemos nos realçar à sua custa. Sem estar esgotada, nossa capacidade de admiração atravessa uma crise durante a qual, entregues aos encantos e aos furores da apostasia, fazemos o inventário de nossos ídolos para repudiá-los e destroçá-los alternadamente, e este frenesi de iconoclasta, desprezível em si mesmo, não deixa por isso de ser o fator que põe nossas faculdades em movimento.

O ressentimento, causa vulgar, logo eficaz, da inspiração, triunfa na arte e na filosofia: pensar é vingar-se com astúcia, é saber camuflar as perfídias e velar os maus instintos. Se julgamos pelo que exclui e repudia, um sistema evoca um ajuste de contas habilmente executado. Implacáveis, os filósofos são "duros", como os poetas, como todos aqueles que têm algo a dizer. Se os suaves e os tíbios não deixam vestígio não é por falta de profundidade ou de clarividência, mas por falta de agressividade, a qual no entanto não implica uma vitalidade intacta. Em conflito com o mundo, o pensador é frequentemente um fraco, um raquítico, tanto mais virulento quanto mais sente sua inferioridade biológica e sofre por isso. Quanto mais for rejeitado pela vida, mais tentará dominá-la e subjugá-la, sem consegui-lo. Suficientemente deserdado para buscar a felicidade, mas demasiado orgulhoso para encontrá-la ou resignar-se a ela, ao mesmo tempo real e irreal, temível e impotente, o pensador se assemelha a uma mistura de fera e de fantasma, a um furioso que vivesse metaforicamente.

Um rancor bem firme, bem vigilante, pode constituir, sozinho, o sustentáculo de um indivíduo: a debilidade de caráter procede, na maioria das vezes, de uma memória enfraquecida. Não esquecer a injúria é um dos segredos do êxito, uma arte que possuem sem exceção os homens de convicções fortes, pois toda convicção é feita principalmente de ódio e, em segundo lugar apenas, de amor. As perplexidades, por outro lado, são o apanágio daquele que, incapaz precisamente de amar e de odiar, não pode optar por nada, nem sequer por suas contradições. Se quer afirmar-se, sacudir sua apatia, desempenhar um papel, que invente inimigos para si e agarre-se a eles, que desperte sua crueldade adormecida ou a lembrança de ultrajes imprudentemente menosprezados. Para dar o menor passo à frente, é preciso um mínimo de baixaza, mesmo para subsistir. Que ninguém negligencie seus recursos de indignidade se quer "perseverar no ser". O rancor conserva; se, além disso, sabe-se mantê-lo, cultivá-lo, evitam-se a indolência e a fraqueza. Deveríamos sentir rancor até contra as coisas: que melhor estratégia para revigorar-se em contato com elas, para abrir-se ao real e rebaixar-se com proveito? Desprovido de toda carga vital, um sentimento puro é uma contradição em seus termos, uma impossibilidade, uma ficção. Não existe então, nem que o procuremos no domínio da religião, onde se supõe que prospera. Não se pode existir, nem muito menos rezar, sem fazer a vontade do demônio. Na maior parte das vezes nos apegamos a Deus para nos vingar da vida, para castigá-la, para comunicar-lhe que podemos prescindir dela, que encontramos algo melhor; e também nos apegamos a Ele por horror aos homens, como medida de represália contra eles, por desejo de fazer-lhes compreender que, tendo nossos interesses em outro lugar, sua companhia não nos é indispensável, e que se nos rebaixamos ante Ele é para não ter que nos humilhar ante eles. Sem esse elemento mesquinho, turvo, dissimulado, nosso fervor careceria de energia e talvez nem pudesse esboçar-se.

Dir-se-ia que cabe aos doentes revelar-nos a irrealidade dos sentimentos puros, que essa é sua missão e o sentido de suas provações. Nada mais natural, pois neles se concentram e se

exacerbam as taras de nossa raça. Depois de haver peregrinado através das espécies, e lutado com maior ou menor êxito para nelas imprimir sua marca, a Doença, cansada de sua carreira, quis sem dúvida aspirar ao descanso, buscar alguém em quem afirmar sua supremacia em paz, alguém que não se mostrasse rebelde a seus caprichos e a seu despotismo, alguém com quem realmente pudesse contar. Hesitou, procurou à direita e à esquerda, fracassou muitas vezes. Finalmente encontrou o homem, se é que não foi ela que o criou. Assim somos todos doentes: uns, virtuais, formam a massa dos sadios, espécie de humanidade plácida, inofensiva; os outros, caracterizados, são os doentes propriamente ditos, minoria cínica e apaixonada. Duas categorias próximas em aparência, mas irreconciliáveis de fato: uma distância considerável separa a dor possível da dor atual.

Em vez de pôr a culpa em nós mesmos pela fragilidade de nossa compleição, responsabilizamos os outros pelo menor incômodo, até por uma enxaqueca; os acusamos de fazer-nos pagar por sua saúde, de estar pregados na cama para que eles possam mover-se e agitar-se à vontade. Com que voluptuosidade veríamos nosso mal, ou nossa indisposição, propagar-se, contagiar-se à nossa volta e, se fosse possível, contaminar a humanidade inteira! Frustrados em nosso desejo, detestamos todos, próximos ou longínquos, alimentamos a seu respeito sentimentos exterminadores, desejamos que se vejam mais ameaçados do que nós, e que a hora da agonia, de uma total aniquilação em comum, chegue para todos os viventes. Só as grandes dores, as dores *inesquecíveis*, desligam do mundo; as outras, as medíocres, moralmente as piores, escravizam porque tocam a escória da alma. Devemos desconfiar dos doentes: eles têm "caráter", sabem explorar e aguçar seus rancores. Um dia um doente decidiu nunca mais apertar a mão de uma pessoa sadia. Mas logo descobriu que muitos dos que julgava com saúde não estavam no fundo incólumes. Por que então fazer inimigos baseado em suspeitas apressadas? Evidentemente, ele era mais razoável do que os outros, e tinha mais escrúpulos do que os de sua raça, corja frustrada, insaciável e profética, que deveria ser enclausurada porque quer destruir tudo para impor sua lei.

Confiemos as coisas, de preferência, aos normais, os únicos dispostos a deixá-las tal e qual: indiferentes ao passado e ao futuro, limitam-se ao presente e se instalam nele sem nostalgias nem esperanças. Mas quando a saúde fraqueja, só se pensa no paraíso ou no inferno, em *reformatar* em suma: deseja-se reparar o irreparável, melhorar ou demolir a sociedade que se tornou insuportável porque não se consegue mais suportar a si mesmo. Um homem que sofre é um perigo público, um desequilibrado tanto mais temível quanto deve, na maioria das vezes, dissimular seu mal, fonte de sua energia. Não podemos nos exaltar nem desempenhar um papel nesse mundo sem o auxílio de alguma doença, e não existe dinamismo que não seja sinal de miséria fisiológica ou de devastação interior. Quando conhecemos o equilíbrio, não nos apaixonamos por nada, não nos apegamos nem à vida, porque *somos* a vida; se o equilíbrio se rompe, em vez de identificar-nos com as coisas, só pensamos em subvertê-las ou em modificá-las. O orgulho emana da tensão e da fadiga da consciência, da impossibilidade de existir ingenuamente. Ora, os doentes, nunca ingênuos, substituem o fato pela ideia falsa que fazem dele, de modo que suas percepções, e até seus reflexos, participam de um sistema de obsessões tão imperiosas que não conseguem deixar de codificá-las e infligi-las aos outros, legisladores pérfidos e irascíveis que se dedicam a tornar obrigatórios seus males para atingir aqueles que têm a audácia de não compartilhá-los. Se os homens são se mostram mais complacentes, se não têm nenhuma razão para ser intratáveis, é porque ignoram as virtudes explosivas da humilhação. Aquele que a experimentou não a esquecerá jamais, e não descansará até transferi-la para uma obra capaz de perpetuar seus tormentos. Criar é legar seus sofrimentos, é querer que os outros mergulhem neles e os assumam, impregnem-se deles e os revivam. Isso é verdade para um poema e pode ser verdade para o cosmos. Sem a hipótese de um deus febril, obcecado, sujeito a convulsões, embriagado de epilepsia, não poderíamos explicar este universo que em tudo traz as marcas de uma baba original. E adivinhamos a essência desse deus quando nós mesmos experimentamos um tremor semelhante

ao que ele deve ter sentido nos momentos em que lutava com o caos. Pensamos nele com tudo o que em nós é contrário à forma ou ao bom-senso, com nossas confusões e nosso delírio; nos aproximamos dele através de súplicas que nos deslocam, pois ele fica próximo de nós toda vez que algo, em nós, se rompe e que, à nossa maneira, também enfrentamos o caos. Teologia sumária? Contemplando esta criação sabotada, como não incriminar seu autor? Como, sobretudo, julgá-lo hábil ou simplesmente destro? Qualquer outro deus teria dado provas de maior competência ou equilíbrio do que ele: para onde quer que se olhe, só existe erro e confusão. É impossível absolvê-lo, mas também é impossível não compreendê-lo. E nós o compreendemos por tudo o que em nós é fragmentário, inacabado, malfeito. Sua empresa carrega os estigmas do provisório, e, no entanto, não foi tempo o que lhe faltou para realizá-la bem. Para nossa desgraça, ele foi inexplicavelmente apressado. Por uma ingratidão legítima, e para que sintamos nosso mau humor, nos esforçamos – peritos em anti-Criação – para deteriorar seu edifício, para tornar ainda mais miserável uma obra já comprometida desde seu início. Sem dúvida, seria mais sensato e mais elegante não tocar nela, deixá-la tal e qual, não vingar-nos nela das incapacidades de seu Criador; mas como ele nos transmitiu seus defeitos, não temos por que ter consideração com Ele. Se, em última instância, O preferimos aos homens, isso não O coloca a salvo de nossos maus humores. Talvez só tenhamos concebido Deus para justificar e regenerar nossas revoltas, para dar-lhes um objeto digno, para impedir que se extenuem e se aviltem, realçando-as pelo abuso revigorante do sacrilégio, réplica às seduções e aos argumentos do desânimo. Jamais nos desembaraçamos de Deus. Trata-Lo de igual para igual, como inimigo, é uma impertinência que fortifica, que estimula, e são dignos de lástima aqueles a quem Ele não irrita mais. Que sorte, em compensação, poder – sem cerimônia – responsabilizá-Lo por todas as nossas misérias, humilhá-Lo e injuriá-Lo, não perdoá-Lo em momento algum, nem sequer em nossas orações!

Segundo o testemunho dos livros sagrados, também Ele sente rancor, cujo monopólio não possuímos, pois a solidão, por mais

absoluta que seja, não preserva esse sentimento. Que mesmo para um deus não seja bom estar só, isto significa: criamos o mundo para ter quem atacar, em quem exercitar nossa verve e nossas afrontas. E quando o mundo se evapora, permanece, seja homem ou deus, esta forma sutil de vingança: a vingança contra si mesmo, ocupação absorvente, de modo algum destrutiva, já que prova que ainda pactuamos com a vida, que aderimos a ela justamente pelas torturas que nos infligimos. O Hosana não entra em nossos hábitos. Igualmente impuros, se bem que de forma diferente, o princípio divino e o princípio diabólico são fáceis de conceber; os anjos, ao contrário, escapam à nossa apreensão. E se não conseguimos imaginá-los, se desconcertam nossa imaginação, é porque, contrariamente a Deus, ao diabo e a todos nós, só eles – quando não são exterminadores – se expandem e prosperam sem o estímulo do rancor. E também – é preciso acrescentá-lo? – sem o estímulo da lisonja, do qual nós, animais atarefados, não poderíamos prescindir. Dependemos, para agir, da opinião do próximo, solicitamos, exigimos suas homenagens, perseguimos sem piedade aqueles que emitem sobre nós um juízo nuançado ou mesmo justo; e se tivéssemos os meios, os obrigariamos a emitir juízos exagerados, ridículos, desproporcionais a nossas atitudes ou a nossas realizações. O elogio moderado nos parece uma injustiça, a objetividade, uma provocação, a reserva, um insulto, e esperamos que o universo se prostre a nossos pés. O que buscamos, o que solicitamos no olhar dos outros, é a expressão servil, uma admiração não dissimulada por nossos gestos e nossas elucubrações, a confissão de um entusiasmo sem reservas, o êxtase ante nosso nada. Moralista aproveitador, psicólogo e parasita, o adulator conhece nossa fraqueza e a explora desavergonhadamente. Nossa decadência é tal que aceitamos sem enrubescer excessos, profusões de admiração falsas e premeditadas, pois preferimos as cortesias da mentira às censuras do silêncio. A adulação, misturada a nossa fisiologia, a nossas vísceras, afeta nossas glândulas, associa-se a nossas secreções e as estimula, visa – além disso – a nossos sentimentos mais ignóbeis, quer dizer, os mais profundos e os mais naturais, suscita em nós

uma euforia de má qualidade à qual assistimos estupefatos; tão estupefatos como quando contemplamos os efeitos da censura, efeitos mais acentuados já que abalam os próprios fundamentos do nosso ser. Como ninguém atenta contra eles impunemente, replicamos, seja golpeando sem demora, seja elaborando fel, o que equivale a uma réplica amadurecida. Para não reagir, seria preciso uma metamorfose, uma transformação total, não somente de nossas disposições, mas de nossos próprios órgãos. Já que tal operação não é iminente, nos inclinamos de boa vontade ante as artimanhas da adulação e a soberania do rancor.

Reprimir a necessidade de vingança é querer dizer adeus ao tempo, tirar dos acontecimentos a possibilidade de ocorrer, é pretender destituir o mal e, com ele, a ação. Mas o ato, avidez de aniquilamento consubstancial ao eu, é uma raiva da qual só triunfamos em alguns momentos, naqueles em que, cansados de atormentar nossos inimigos, os abandonamos à própria sorte, os deixamos apodrecer e vegetar porque já não os *amamos* o suficiente para nos animar a destruí-los, a dissecá-los, a fazer deles o objeto de nossas anatomias noturnas. No entanto, a raiva nos assalta outra vez se se reaviva esse gosto pelas aparências, essa paixão pelo irrisório do qual é feito nosso amor pela existência. Mesmo reduzida à sua mínima expressão, a vida se nutre dela mesma, tende para um acréscimo do ser, quer aumentar-se sem nenhuma razão através de um mecanismo degradante e irreprimível. Uma mesma sede devora o mosquito e o elefante; poderíamos esperar que, no homem, ela se extinguísse; mas vimos que não é isso que ocorre, e que até os entrevados a experimentam com crescente intensidade. A capacidade de desistir constitui o único critério do progresso espiritual: não é quando as coisas nos abandonam, mas quando nós as abandonamos que atingimos a nudez interior, esse extremo em que já não pertencemos mais nem ao mundo nem a nós mesmos, extremo no qual vitória significa demitir-se, renunciar com serenidade, sem remorsos e, sobretudo, sem melancolia; pois a melancolia, por discretas e etéreas que sejam suas aparências, implica ainda ressentimento: é um devaneio carregado de agrura, uma inveja disfarçada de languidez, um rancor

vaporoso. Enquanto estamos submetidos a ela, não renunciamos a nada, nos atolamos no "eu" sem contudo nos desligar dos outros, em quem pensamos mais justamente por não ter conseguido nos desprender de nós mesmos. No momento em que decidimos vencer a vingança, a sentimos impacientar-se como nunca, pronta para o ataque. As ofensas "perdoadas" pedem subitamente reparação, invadem nossas vigílias, e, mais ainda, nossos sonhos; transformam-se em pesadelos, mergulham tão fundo em nossos abismos que acabam por constituir sua substância. Se é isso que ocorre, para que desempenhar a farsa dos sentimentos nobres, apostar em uma aventura metafísica ou contar com a redenção? Vingarse, mesmo que seja apenas em pensamento, é colocar-se irremediavelmente aquém do absoluto! Não somente as injúrias "esquecidas" ou suportadas em silêncio, mas também as que respondemos, nos corroem, nos fustigam, nos perseguem até o fim de nossos dias, e essa obsessão, que deveria nos desacreditar ante nossos próprios olhos, ao contrário, nos lisonjeia e nos torna belicosos. Não perdoamos jamais a um ser vivo a menor humilhação, uma palavra, um olhar manchado por alguma restrição. E nem sequer é certo que o perdoemos depois de sua morte. A imagem de seu cadáver nos tranquiliza, sem dúvida, e nos força à indulgência; mas quando a imagem se torna menos nítida e, em nossa memória, intensifica-se sua figura viva, nossos velhos rancores ressurgem fortalecidos, com todo esse cortejo de vergonhas e de humilhações que durarão tanto quanto nós e cuja lembrança seria eterna se a imortalidade nos fosse reservada.

Já que tudo nos fere, por que não nos encerrar no ceticismo e tentar buscar nele um remédio para nossas feridas? Seria um outro tipo de engano, pois a dúvida é apenas um produto de nossas irritações e de nossas queixas, e o instrumento que o estropiado utiliza para sofrer e fazer sofrer. Se demolimos as certezas, não é por escrúpulo teórico ou por jogo, mas pelo furor de vê-las desaparecer, por desejo também de que não pertençam a ninguém já que não as possuímos mais. E a verdade, com que direito a possuiriam os outros? Por que injustiça se revelaria àqueles que valem menos do que nós? Penaram por ela? Velaram para merecê-

la? Enquanto que nós nos esfalfamos em vão para alcançar a verdade, outros se pavoneiam com ela como se lhes estivesse reservada por um desígnio da providência. A verdade, no entanto, não é seu patrimônio, e, para impedir que a reivindicuem, os persuadimos de que, quando julgam possuí-la, trata-se na realidade de uma ficção. Para colocar a salvo nossa consciência, gostamos de descobrir neles ostentação e arrogância, o que nos permite perturbá-los sem remorsos e, ao inocular-lhes nossos assombros, torná-los tão vulneráveis e infelizes quanto nós mesmos. O ceticismo é o sadismo das almas atormentadas.

Quanto mais nos debruçamos sobre nossas feridas, mais as julgamos inseparáveis de nossa condição de escravos. O máximo de desapego que podemos pretender é manter-nos em uma posição equidistante da vingança e do perdão, no centro de uma cólera e de uma generosidade igualmente fracas e vazias, destinadas a neutralizar-se uma à outra. Mas jamais conseguiremos despojar o velho homem, nem que tivéssemos que exacerbar o horror a nós mesmos até renunciar para sempre a ocupar um lugar na hierarquia dos seres.

MECANISMO DA UTOPIA

Em qualquer grande cidade onde o acaso me leva, surpreendo-me que não se desencadeiem todos os dias revoltas, massacres, uma carnificina sem nome, uma desordem de fim do mundo. Como, em um espaço tão reduzido, podem coexistir tantos homens sem destruir-se, sem odiar-se mortalmente? Na verdade, se odeiam, mas não estão à altura de seu ódio. Esta mediocridade, esta impotência, salva a sociedade, assegura sua duração e sua estabilidade. De vez em quando produz-se algum abalo que nossos instintos aproveitam; depois, continuamos nos olhando nos olhos como se nada tivesse acontecido e coabitamos sem nos despedaçar mutuamente de forma demasiado visível. Tudo retorna à ordem, à calma da ferocidade, tão temível, em última instância, quanto o caos que a havia interrompido.

Mas me surpreende mais ainda que, sendo a sociedade o que é, alguns tenham se empenhado em conceber outra, inteiramente diferente. De onde pode provir tanta ingenuidade, ou tanta loucura? Se a pergunta é normal e trivial, a curiosidade que me leva a fazê-la tem, em compensação, a desculpa de ser maligna.

Em busca de novas provas, e no preciso momento em que estava a ponto de desesperar, tive a ideia de introduzir-me na literatura utópica, de consultar suas "obras-primas", de impregnar-me delas, de chafurdar nelas. Para minha grande satisfação, encontrei como saciar meu desejo de penitência, meu apetite de mortificação. Passar alguns meses examinando os sonhos de um futuro melhor, de uma sociedade "Ideal", consumindo o ilegível, que sorte! Apresso-me em acrescentar que esta literatura repugnante é rica em ensinamentos e que, ao frequentá-la, não se perde totalmente o tempo. Desde o princípio se distingue o papel (fecundo ou funesto, não importa) que desempenha, na origem dos acontecimentos, não a felicidade, mas a *ideia* de felicidade, ideia

que explica por que, tendo a idade de ferro a mesma extensão da história, cada época dedica-se a divagar sobre a idade de ouro. Se se pusesse fim a tais divagações, ocorreria uma estagnação total. Só agimos sob a fascinação do impossível: isto significa que uma sociedade incapaz de gerar uma utopia e de consagrar-se a ela está ameaçada de esclerose e de ruína. A sensatez, à qual nada fascina, recomenda a felicidade *dada*, existente; o homem recusa esta felicidade, e essa simples recusa faz dele um animal histórico, isto é, um amante da felicidade *imaginada*.

“Logo será o fim de tudo; e haverá um novo céu e uma nova terra”, lemos no *Apocalipse*. Se eliminamos o céu e conservamos só a “nova terra”, teremos o segredo e a fórmula dos sistemas utópicos; para maior precisão, talvez fosse preciso substituir “terra” por “cidade”; mas isso é apenas um detalhe; o que conta é a perspectiva de um novo acontecimento, a febre de uma espera essencial, de uma *parousia*^[7] degradada, modernizada, da qual surgem esses sistemas tão caros aos deserdados. A miséria é, efetivamente, a grande auxiliar do utopista, a matéria sobre a qual trabalha, a substância com que nutre seus pensamentos, a providência de suas obsessões. Sem ela estaria desocupado, mas ela o ocupa, o atrai ou o molesta, conforme seja rico ou pobre; por outro lado, ela não pode prescindir dele, tem necessidade desse teórico, desse entusiasta do futuro, sobretudo porque ela mesma, meditação interminável sobre a possibilidade de escapar a seu próprio presente, não suportaria sua desolação sem a obsessão por uma *outra* terra. Vocês duvidam? É porque não experimentaram a indigência completa. Se chegarem a ela, verão que quanto mais desprovido está alguém, mais gasta o tempo e a energia em querer, com o pensamento, reformar tudo, inutilmente. E não penso unicamente nas instituições, criações do homem (estas serão condenadas sem apelação), mas nos objetos, em todos os objetos por mais insignificantes que sejam. Não podendo aceitá-los tal como são, vocês quererão impor a eles suas próprias leis e seus próprios caprichos, fazer o papel de legislador ou de tirano à custa deles, e ainda quererão intervir na vida dos elementos para

modificar sua fisionomia e sua estrutura. O ar é irritante: que mude! E também a pedra. E o vegetal, e o homem. Para além das bases do ser, se quererá descer até os fundamentos do caos, para apoderar-se dele, para lá estabelecer-se. Quando não se tem um tostão no bolso, a gente se agita, delira, sonha possuir tudo, e esse tudo, enquanto dura o frenesi, se possui realmente: nos igualamos a Deus, mas ninguém se dá conta disso, nem Deus, nem sequer a gente mesmo. O delírio dos indigentes é gerador de acontecimentos, fonte de história: uma multidão de arrebatados que querem um outro mundo, aqui e agora. São eles que inspiram as utopias, é para eles que elas são escritas. Mas lembremos que utopia significa *em parte alguma*.

E *de onde* seriam essas cidades que o mal não toca, onde se glorifica o trabalho e onde ninguém teme a morte? Nelas nos vemos obrigados a uma felicidade feita de idílios geométricos, de êxtases regulamentados, de mil maravilhas repugnantes: assim se apresenta necessariamente o espetáculo de um mundo *perfeito*, de um mundo fabricado. Com uma minúcia risível, Campanella nos descreve os solares isentos de "gota, reumatismo, catarros, ciática, cólicas, hidropisia, flatulências"... Tudo abunda na *Cidade do sol*, "porque cada um procura distinguir-se naquilo que faz. O chefe que preside cada coisa é chamado de *rei*... Mulheres e homens, divididos em grupos, entregam-se ao trabalho, sem jamais infringir as ordens de seus reis, e sem jamais mostrar-se cansados como nós o faríamos. Consideram seus chefes como pais ou irmãos mais velhos". Tolices similares se encontram em todas as obras do gênero, sobretudo nas de Cabet, Fourier ou Morris, todos desprovidos dessa gota de aspereza, tão necessária às obras, literárias ou outras.

Para conceber uma *verdadeira* utopia, para esboçar, com convicção, o panorama da sociedade ideal, é preciso uma certa dose de ingenuidade, e mesmo de tolice, que, demasiado aparente, acaba por exasperar o leitor. As únicas utopias legíveis são as falsas, as que, escritas por jogo, diversão ou misantropia, prefiguram ou evocam as *Viagens de Gulliver*, bíblia do homem desenganado, quintessência de visões não quiméricas, utopia *sem*

esperança. Através de seus sarcasmos, Swift varreu a estupidez de um gênero até quase anulá-lo.

É mais fácil confeccionar uma utopia do que um apocalipse? Ambos têm seus princípios e seus estereótipos. A primeira, cujos lugares-comuns estão mais de acordo com nossos instintos profundos, deu origem a uma literatura muito mais abundante do que o segundo. Não é dado a todo mundo confiar em uma catástrofe cósmica, nem amar a linguagem e a maneira como é anunciada e proclamada. Mas aquele que admite a ideia e a aplaude, lerá, nos Evangelhos, com o arrebatamento do vício, as frases de efeito e os clichês que se tornaram famosos em Patmos: "... o céu se obscurecerá, a lua não dará sua luz, os astros cairão... todas as tribos da terra se lamentarão... esta geração não passará e todas estas coisas ocorrerão." Este pressentimento do insólito, de um acontecimento capital, esta espera crucial pode converter-se em ilusão, e então aparecerá a esperança de um paraíso sobre a terra ou em outra parte; ou se transformará em ansiedade, e será a visão de um Pior ideal, de um cataclisma voluptuosamente temido.

"... e de sua boca sai uma espada afiada para golpear as nações." Convenções do horror, fórmulas sem dúvida. São João sucumbiu a isso desde o momento em que optou por esse esplêndido palavrório, desfile de derrocadas preferível, no final das contas, às descrições de ilhas e de cidades onde uma felicidade impessoal sufoca, onde "a harmonia universal" aprisiona e esmaga. Os sonhos da utopia se realizaram em sua maior parte, mas com espírito muito diferente daquele em que ela os havia concebido; o que para a utopia era perfeição, para nós é tara; suas quimeras são nossas desgraças. O tipo de sociedade que a utopia imagina com um tom lírico nos parece intolerável. Vejam por esta amostra do *Viagem a Icaria*: "duas mil e quinhentas jovens (modistas) trabalham em um ateliê, umas sentadas, outras em pé, quase todas encantadoras... O hábito que tem cada artífice de fazer a mesma coisa duplica a rapidez do trabalho, acrescentando-lhe também perfeição. Os mais elegantes enfeites de cabeça nascem aos milhares, cada manhã, das mãos de suas belas criadoras..." Semelhantes elucubrações revelam debilidade mental ou mau gosto. E, no entanto, Cabet,

materialmente falando, foi exato; só que se equivocou no essencial. Sem nenhuma noção do intervalo que separa *ser* e *produzir* (só existimos, no pleno sentido da palavra, fora do que fazemos, além de nossos atos), não podia descobrir a fatalidade vinculada a toda forma de trabalho, artesanal, industrial ou outro qualquer. O que mais impressiona nos escritos utópicos é a ausência de perspicácia, de instinto psicológico. Os personagens são autômatos, ficções ou símbolos: nenhum é verdadeiro, nenhum ultrapassa sua condição de fantoche, de ideia perdida no meio de um universo sem referências. As próprias crianças se tomam irreconhecíveis. No “estado associado” de Fourier, elas são tão puras que até ignoram a tentação de roubar, de “pegar uma maçã de uma árvore”. Mas uma criança que não rouba não é uma criança. Que sentido tem formar uma sociedade de marionetes? Recomendo a descrição do Falanstério como o mais eficaz dos vomitivos.

Situado nas antípodas de La Rochefoucauld, o inventor de utopias é um moralista que só percebe em nós desinteresse, apetite de sacrifício, esquecimento de si. Exangues, perfeitos e nulos, fulminados pelo Bem, desprovidos de pecados e de vícios, sem espessura nem contornos, sem iniciação à existência, à arte de envergonhar-se de si mesmos, de variar suas vergonhas e seus suplícios, nem sequer suspeitam o prazer que nos inspira o abatimento de nossos semelhantes, a impaciência com a qual antecipamos e seguimos sua queda. Esta impaciência e este prazer podem às vezes provir de uma curiosidade e não comportar nada de diabólico. Enquanto um ser ascende, prospera, avança, não se sabe quem ele é, pois sua ascensão o afasta de si mesmo, rouba-lhe realidade, e assim ele não é. Do mesmo modo, só nos conhecemos a partir do momento em que começamos a decair, quando o êxito, ao nível dos interesses humanos, se revela impossível: derrota clarividente graças à qual, tomando posse de nosso próprio ser, nos separamos do torpor universal. Para melhor apreender a própria derrota, ou a do próximo, é preciso passar pelo mal e, se necessário, mergulhar nele: como consegui-lo nessas cidades e nessas ilhas de onde o mal está excluído por princípio e por razão de Estado? Aí as trevas estão proibidas, só a luz é

admitida. Nenhum vestígio de dualismo: a utopia é, por essência, antimaniqueísta. Hostil à anomalia, ao disforme, ao irregular, tende para o fortalecimento do homogêneo, do modelo, da repetição e da ortodoxia. Mas a vida é ruptura, heresia, abolição das normas da matéria. E o homem, em relação à vida, é heresia em segundo grau, vitória do individual, do capricho, aparição aberrante, animal cismático que a sociedade – soma de monstros adormecidos – pretende reconduzir ao *caminho reto*. Herético por excelência, o monstro desperto, solidão encarnada, infração da ordem universal, se compraz em sua excepcionalidade, isola-se em seus privilégios onerosos, e é sendo *duração* que paga o que ganha sobre seus “semelhantes”: quanto mais se distingue deles, mais frágil e perigoso será, pois é à custa de sua longevidade que perturba a paz dos outros e que cria para si, no seio da cidade, um estatuto de indesejável.

“Nossas esperanças sobre o estado futuro da espécie humana podem reduzir-se a três pontos importantes: a destruição da desigualdade entre as nações, os progressos da igualdade em um mesmo povo e, finalmente, o aperfeiçoamento do homem” (Condorcet).

Interessada na descrição de cidades *reais*, a história, que atesta em toda parte e sempre o fracasso e não a realização de nossas esperanças, não ratificou nenhuma dessas previsões. Para um Tácito não existe uma Roma *ideal*.

Ao abolir o irracional e o irreparável, a utopia se opõe também à tragédia, paroxismo e quintessência da história. Qualquer conflito desapareceria em uma cidade perfeita; as vontades seriam estranguladas, apaziguadas e milagrosamente convergentes; reinaria somente a unidade, sem o ingrediente do acaso ou da contradição. A utopia é uma mistura de racionalismo pueril e de angelismo secularizado.

Estamos afogados no mal. Não é que todos os nossos atos sejam maus, mas quando cometemos alguns *bons*, sofremos por haver contrariado nossos movimentos espontâneos: a prática da virtude se reduz a um exercício de penitência, à aprendizagem da mortificação. Satã, anjo decaído transformado em demiurgo,

encarregado da Criação, insurge-se contra Deus e revela-se, neste mundo, mais à vontade e até mais poderoso do que Ele; longe de ser um usurpador, é nosso mestre, soberano legítimo que sobrepujaria o Altíssimo se o universo estivesse reduzido ao homem. Tenhamos, pois, a coragem de reconhecer de quem dependemos.

As grandes religiões não se enganaram a esse respeito: o que oferecem Mâra ao Buda, Ahriman a Zoroastro, o Tentador a Jesus, é a Terra, e a supremacia sobre a Terra, realidades efetivamente sob o poder do Príncipe do mundo. Querer instaurar um novo reino, utopia generalizada ou império universal, é fazer seu jogo, cooperar com sua empresa e coroá-la; pois o que deseja acima de tudo é que nos comprometamos com ele, e nos desviemos por sua causa da luz, da nostalgia de nossa antiga felicidade.

Fechado há cinco mil anos, o paraíso foi reaberto, segundo são João Crisóstomo, no momento em que Cristo expirava; o ladrão pôde penetrar nele, seguido por Adão, finalmente repatriado, e por um número restrito de justos que vegetavam nos infernos esperando “a hora da redenção”.

Tudo leva a crer que se encontra de novo trancado, e que assim permanecerá por muito tempo. Ninguém pode forçar a entrada: os privilegiados que desfrutaram dele levantaram barricadas, a partir de um sistema cujas maravilhas puderam observar na Terra. Esse paraíso tem toda a aparência de ser o verdadeiro: no mais profundo de nossas depressões, é com ele que sonhamos, e é nele que gostaríamos de nos dissolver. Um impulso súbito nos impele para lá e nos faz mergulhar nele: queremos recuperar em um instante o que perdemos desde sempre, e reparar subitamente o erro de haver nascido? Nada desvela melhor o sentido metafísico da nostalgia do que sua impossibilidade de coincidir com algum momento do tempo; por isso ela busca consolo em um passado longínquo, imemorial, refratário aos séculos e como que anterior ao devir. O mal de que sofre – efeito de uma ruptura que remonta aos primórdios – a impede de projetar a idade de ouro no futuro; a que naturalmente concebe é a antiga, a primordial; aspira a essa idade, menos para deleitar-se nela do que para desaparecer, para

depositar nela o fardo da consciência. Se retorna à origem dos tempos é para reencontrar o verdadeiro paraíso, objeto de suas nostalgias. Contrariamente, a nostalgia de onde procede o paraíso *deste mundo* será desprovida precisamente da dimensão da saudade: nostalgia invertida, falseada e viciada, dirigida para o futuro, obnubilada pelo “progresso”, réplica temporal, metamorfose disparatada do paraíso original. Contágio? Automatismo? Esta metamorfose acabou por operar-se em cada um de nós. Quer queiramos ou não, apostamos no futuro, fazemos dele uma panaceia, e, identificando-o ao surgimento de um tempo *inteiramente outro* no interior do próprio tempo, o consideramos como uma duração inesgotável e contudo terminada, como uma *história intemporal*. Contradição nos termos, inerente à esperança de um novo reino, de uma vitória do insolúvel no seio do devir. Nossos sonhos de um mundo melhor se fundam em uma impossibilidade teórica. O que há de espantoso no fato de que, para justificá-los, seja preciso recorrer a paradoxos *sólidos*?

Enquanto o cristianismo satisfazia os espíritos, a utopia não podia seduzi-los; mas quando começou a decepcioná-los, ela procurou conquistá-los e instalar-se neles. Já era essa sua intenção no Renascimento, mas só iria consegui-lo dois séculos mais tarde, em uma época de superstições “esclarecidas”. Assim nasceu o Porvir, visão de uma felicidade irrevogável, de um paraíso dirigido no qual o acaso não tem lugar, onde a menor fantasia aparece como uma heresia ou uma provocação. Fazer sua descrição seria entrar nos detalhes do inimaginável. A própria ideia de uma cidade ideal é um sofrimento para a razão, uma empresa que honra o coração e desacredita o intelecto. (Como pôde um Platão prestar-se a ela? Estava esquecendo que ele é o predecessor de todas essas aberrações, retomadas e agravadas por Thomas Morus, o *fundador* das ilusões modernas.) Planejar uma sociedade na qual, segundo uma etiqueta aterradora, nossos atos são catalogados e regulamentados, na qual, por uma caridade levada até a indecência, se preocupam com nossos pensamentos mais íntimos, é transportar os tormentos do inferno para a idade de ouro, ou criar, com a ajuda do diabo, uma instituição filantrópica. Solares,

utópicos, harmônicos – seus nomes horríveis se parecem com seu destino, pesadelo que também nos está reservado, já que nós mesmos o transformamos em ideal.

De tanto louvar as vantagens do trabalho, as utopias deveriam tomar a direção oposta do *Gênese*. Neste ponto particularmente, são a expressão de uma humanidade absorvida pelo trabalho, orgulhosa em comprazer-se com as consequências da queda, das quais a mais grave é a obsessão pela produtividade. Carregamos com orgulho e ostentação os estigmas de uma raça que adora “o suor da frente”, que faz dele um sinal de nobreza, que se agita e sofre *exultando*; daí o horror que nos inspira, a nós os condenados, o eleito que se recusa a trabalhar ou a sobressair no que quer que seja. Só aquele que conserva a lembrança de uma felicidade imemorial é capaz dessa recusa que censuramos. Desorientado no meio de seus semelhantes, ele é como eles e, no entanto, não pode comunicar-se com eles; para onde quer que olhe, não se sente *daqui*; tudo lhe parece usurpação, até o fato de possuir um nome... Suas empresas fracassam, aventura-se nelas sem convicção: simulacros dos quais o afasta a imagem *precisa* de um outro mundo. O homem, uma vez excluído do paraíso, para não sofrer e não pensar mais nele, obteve como compensação a faculdade de querer, de tender para o ato, de perder-se nele com entusiasmo, com brio. Mas o abúlico, em seu desapego, em seu marasmo sobrenatural, para que se esforça, para que objetivo se entrega? Nada o induz a sair de sua ausência. E, no entanto, ele próprio não escapa inteiramente à maldição comum: *esgota-se* em uma nostalgia, e gasta nela mais energia do que colocamos em nossas proezas.

Quando Cristo assegurou que o “reino de Deus” não era nem “aqui” nem “lá”, mas dentro de nós, condenava de antemão as construções utópicas para as quais todo “reino” é necessariamente exterior, sem nenhuma relação com nosso eu profundo ou com nossa salvação individual. Quanto mais as utopias nos tenham marcado, mais esperamos nossa libertação de fora, do curso das coisas ou da marcha das coletividades. Assim se delineou o Sentido da história, cujo sucesso superou o do Progresso, sem acrescentar-

Ihe nada de novo. Era preciso entretanto abandonar não um conceito, mas uma de suas traduções verbais das quais se abusou. Não nos renovaríamos em matéria ideológica sem a ajuda dos sinônimos.

Por mais diversos que sejam seus disfarces, a ideia de perfectibilidade penetrou em nossos costumes: adere a ela mesmo quem a questiona. Ninguém quer aceitar que a história se desenvolve *sem nenhum motivo*, independentemente de uma direção determinada, de um objetivo, "Ela tem um objetivo, corre em direção a ele, virtualmente já o atingiu", proclamam nossos desejos e nossas doutrinas. Quanto mais carregada de promessas imediatas estiver uma ideia, mais chances terá de triunfar. Incapazes de encontrar o "reino de Deus" em si mesmos, ou, melhor dizendo, demasiado astutos para buscá-lo aí, os cristãos o situaram no devir: perverteram um ensinamento para assegurar seu êxito. Além disso, o próprio Cristo alimentou o equívoco; por um lado, respondendo às insinuações dos fariseus, preconizava um reino interior, fora do tempo; por outro, dava a entender a seus discípulos que, estando próxima a salvação, eles e a "geração presente" assistiriam à consumação de todas as coisas. Como compreendeu que os humanos aceitam o martírio como uma quimera, mas não como uma verdade, chegou a um acordo com suas fraquezas. Teria agido de outro modo se isso comprometesse sua obra. Mas aquilo que em Cristo era concessão ou tática, nos utopistas é postulado ou paixão.

Um grande passo à frente foi dado no dia em que os homens compreenderam que, para melhor poder atormentar-se uns aos outros, era preciso reunir-se, organizar-se em sociedade. Segundo as utopias, eles só o conseguiram parcialmente; por isso elas se propõem a ajudá-los, a oferecer-lhes um cenário apropriado ao exercício de uma felicidade completa, exigindo, em contrapartida, que abdicuem de sua liberdade, ou, se a conservam, que a utilizem unicamente para clamar sua alegria em meio aos sofrimentos que se infligem sem cessar. Tal parece ser o sentido da solicitude infernal que têm em relação aos homens. Nessas condições, como não imaginar uma utopia às avessas, uma liquidação do bem ínfimo

e do mal imenso vinculados à existência de qualquer ordem social? O projeto é atraente, a tentação, irresistível. Como acabar com um conjunto tão vasto de anomalias? Seria preciso algo comparável ao *solvente universal* que os alquimistas buscavam e cuja eficácia se apreciaria não nos metais, mas nas instituições. Na espera de que a fórmula seja encontrada, observemos de passagem que a alquimia e a utopia, em seus aspectos positivos, têm uma grande semelhança: perseguindo, em domínios heterogêneos, um sonho de transmutação parecido, se não idêntico, uma se apegava ao irredutível na natureza, a outra ao irredutível na história. O elixir da vida e a cidade ideal procedem de um mesmo vício do espírito, ou de uma mesma esperança.

Da mesma forma que uma nação tem necessidade de uma ideia insensata que a guie e que lhe proponha fins incomensuráveis em relação a suas capacidades reais, com o objetivo de distinguir-se das outras nações, para humilhá-las e esmagá-las, ou simplesmente para adquirir uma fisionomia única, da mesma maneira uma sociedade só evolui e se afirma se lhe sugerirem ou inculcarem ideais desproporcionados em relação ao que ela é. A utopia desempenha, na vida das coletividades, a função atribuída à ideia de missão na vida dos povos. As ideologias são o subproduto das visões messiânicas ou utópicas, e algo assim como sua expressão vulgar.

Em si mesma, uma ideologia não é nem boa nem má. Tudo depende do momento em que é adotada. O comunismo, por exemplo, atua sobre uma nação viril como um estimulante; a impulsiona para a frente e favorece sua expansão; em uma nação vacilante, sua influência poderia ser menos feliz. Nem verdadeiro nem falso, precipita processos e, não foi por causa dele, mas *através* dele, que a Rússia adquiriu seu vigor presente. Desempenharia o mesmo papel, uma vez instalado no resto da Europa? Seria um princípio de renovação para ela? Gostaríamos de acreditar; em todo caso, a pergunta só comporta uma resposta indireta, arbitrária, inspirada em analogias de ordem histórica. Reflitamos sobre os efeitos do cristianismo em seus primórdios: deu um golpe fatal na sociedade antiga, paralisou-a e extinguiu-a; em

compensação, foi uma bênção para os bárbaros, cujos instintos se exasperaram a seu contato. Longe de regenerar um mundo decrépito, só regenerou os regenerados. Do mesmo modo, o comunismo fará, *no imediato*, a salvação daqueles que já estão salvos; não poderá trazer uma esperança concreta aos moribundos, e muito menos reanimar cadáveres.

Depois de haver denunciado os ridículos da utopia, falemos de seus méritos; e já que os homens se acomodam tão bem ao estado social, e mal distinguem seu mal iminente, façamos como eles, associemo-nos a sua inconsciência.

O mais louvável nas utopias é haver denunciado os danos que causa a propriedade, o horror que representa, as calamidades que provoca. Pequeno ou grande, o proprietário está contaminado, corrompido em sua essência: sua corrupção recai sobre o menor objeto que toca ou de que se apropria. Se ameaçam sua fortuna, se o despojam dela, será obrigado a uma tomada de consciência da qual normalmente é incapaz. Para readquirir uma aparência humana, para recuperar sua "alma", é preciso que o proprietário se veja arruinado e que consinta em sua ruína. A revolução o ajudará. Devolvendo-o à sua nudez primitiva, ela o aniquila no imediato e o salva no absoluto, pois liberta – interiormente, bem entendido – aqueles mesmos que atinge em primeiro lugar: os que possuem bens e riquezas; ela os *reclassifica*, lhes devolve sua antiga dimensão e os traz de volta para os valores que traíram. Mas antes mesmo de ter o meio ou a ocasião de atingi-los, a revolução mantém neles um medo salutar: perturba seu sono, alimenta seus pesadelos, e o pesadelo é o começo do despertar metafísico. É, portanto, enquanto agente de destruição que se revela útil; ainda que fosse nefasta, uma coisa a redimiria sempre: só ela sabe que tipo de terror usar para sacudir esse mundo de proprietários, o mais atroz dos mundos possíveis. Toda forma de posse, não tenhamos medo de insistir nisso, degrada, avilta, lisonjeia o monstro adormecido no fundo de cada um de nós. Possuir, nem que seja uma vassoura, considerar qualquer coisa como *seu* bem, é participar da indignidade geral. Que orgulho descobrir que nada nos pertence, que revelação! Você se considerava o último dos homens,

e eis que, de súbito, surpreendido e como que iluminado por sua penúria, você não sofre mais por causa dela; ao contrário, ela se transforma em motivo de orgulho. E tudo o que você deseja é ser tão despojado quanto um santo ou um alienado.

Quando estamos cansados dos valores tradicionais, nos orientamos necessariamente para a ideologia que os nega. E é por sua força de negação que ela seduz, bem mais que por suas fórmulas positivas. Desejar a transformação da ordem social é atravessar uma crise marcada mais ou menos por temas comunistas. Isto é tão verdadeiro hoje, como o foi ontem e o será amanhã. Tudo se passa como se, depois do Renascimento, os espíritos tivessem sido atraídos, na superfície, pelo liberalismo, e, em profundidade, pelo comunismo, que, longe de ser um produto circunstancial, um acidente histórico, é o herdeiro dos sistemas utópicos e o beneficiário de um longo trabalho subterrâneo; de início capricho ou cisma, adquiriria mais tarde o caráter de um destino e de uma ortodoxia. Hoje em dia, as consciências só podem exercitar-se em duas formas de revolta: comunista e anticomunista. No entanto, como não perceber que o anticomunismo equivale a uma fé raivosa, horrorizada ante o futuro do comunismo?

Quando chega a hora de uma ideologia, tudo contribui para seu êxito, até seus próprios inimigos; nem a polêmica nem a polícia poderão deter sua expansão ou retardar seu triunfo; a ideologia quer, e pode, realizar-se, encarnar-se, mas quanto melhor o consiga, mais corre o risco de esgotar-se; uma vez instaurada, perderá seu conteúdo ideal, extenuará seus recursos para, finalmente, comprometendo as promessas de salvação de que dispunha, degenerar em tagarelice ou em espantinho.

A carreira reservada ao comunismo depende da rapidez com que gaste suas reservas de utopia. Enquanto possuí-las, atrairá inevitavelmente todas as sociedades que ainda não o tenham experimentado; recuando aqui, avançando lá, investido de virtudes que nenhuma outra ideologia detém, o comunismo dará a volta ao mundo, substituindo as religiões defuntas ou cambaleantes, e propondo em toda parte às massas modernas um absoluto digno de seu nada.

Considerado em si mesmo, o comunismo aparece como a única realidade à qual ainda se pode aderir, por menor que seja a ilusão que se tenha sobre o futuro: eis por que, em diversos graus, somos todos comunistas... Mas não é uma especulação estéril julgar uma doutrina fora das anomalias inerentes a sua realização prática? O homem esperará sempre o advento da justiça; para que triunfe, ele renunciará à liberdade, da qual terá saudades depois. O que quer que faça, o impasse espreita seus atos e seus pensamentos, como se fosse não seu termo, mas o ponto de partida, a condição e a chave. Não há forma social nova que seja capaz de salvaguardar as vantagens da antiga: uma soma mais ou menos igual de inconvenientes se encontra em todos os tipos de sociedade. Equilíbrio maldito, estagnação sem remédio, de que sofrem igualmente os indivíduos e as coletividades. As teorias não podem fazer nada, já que o fundo da história é impermeável às doutrinas que marcam sua aparência. A era cristã foi algo muito diferente do cristianismo; a era comunista, por sua vez, não saberia evocar o comunismo enquanto tal. Não existe acontecimento naturalmente cristão, nem naturalmente comunista.

Se a utopia era a ilusão hipostasiada, o comunismo, que vai mais longe ainda, será a ilusão decretada, imposta: um desafio à onipresença do mal, um otimismo *obrigatório*. Dificilmente o aceitará aquele que, graças a experiências e provações, vive na embriaguez da decepção e que, a exemplo do redator do *Gênese*, se nega a associar a idade de ouro ao devir. E não é que despreze os maníacos do "progresso indefinido" e seus esforços para fazer triunfar a justiça neste mundo; mas sabe, para sua desgraça, que a justiça é uma impossibilidade material, um grandioso contrassenso, o único ideal do qual é possível afirmar com certeza que não se realizará jamais, e contra o qual a natureza e a sociedade parecem haver mobilizado todas as suas leis.

Estes desacordos, estes conflitos, não pertencem unicamente a um solitário. Com maior ou menor intensidade, nós também os sentimos: não desejamos a destruição desta sociedade conhecendo, por sua vez, as decepções que nos reserva aquela que a substituirá? Mesmo que fosse inútil uma transformação total, uma

revolução *sem fé* é tudo o que ainda se pode esperar de uma época em que ninguém tem mais candura suficiente para ser um verdadeiro revolucionário. Quando, vítimas do frenesi do intelecto, nos entregamos ao do caos, reagimos como um louco em posse de suas faculdades, louco superior à sua loucura; ou como um deus que, em um acesso de raiva lúcida, se deleitasse em pulverizar sua obra e seu ser.

Nossos sonhos de futuro são doravante inseparáveis de nossos temores. A literatura utópica, em seus primórdios, se rebelava contra a Idade Média, contra a alta estima que tinha esta pelo inferno e contra o gosto que professava pelas visões de fim do mundo. Dir-se-ia que os sistemas tão tranquilizadores de Campanella e de Morus foram concebidos com a única finalidade de desacreditar as alucinações de uma santa Hildegarda. Hoje em dia, reconciliados com o terrível, assistimos a uma contaminação da utopia pelo apocalipse: a “nova terra” que nos anunciam adquire cada vez mais a figura de um novo inferno. Mas, este inferno, nós o aguardamos, consideramos mesmo um dever precipitar sua chegada. Os dois gêneros, o utópico e o apocalíptico, que nos pareciam tão dessemelhantes, se interpenetram, influenciam um ao outro, para formar um terceiro, maravilhosamente apto para refletir a espécie de realidade que nos ameaça e à qual, entretanto, diremos sim, um sim correto e sem ilusão. Será nossa maneira de ser *irrepreensíveis* ante a fatalidade.

[Z](#). Do grego παρουσία, presença. Corresponde ao que, modernamente, se chama a *segunda vinda* esperada do Cristo glorioso, “o acabamento da história (do Cristo e do mundo) em Deus” (cf. *Petit dictionnaire de théologie catholique*, p. 339). (N. do T.)

VI A IDADE DE OURO

I

“Os humanos viviam então como os deuses, o coração livre de preocupações, longe do trabalho e da dor. A triste velhice não vinha visitá-los, e, conservando em toda sua vida o vigor de seus pés e de suas mãos, saboreavam a alegria nos festins a salvo de todos os males. Morriam como se adormece, vencidos pelo sono. Todos os bens lhes pertenciam. O campo fértil lhes oferecia por si mesmo uma abundante alimentação da qual desfrutavam à vontade.”
(Hesíodo: *Os trabalhos e os dias.*)

Este retrato da idade de ouro se parece com o do Éden bíblico. Ambos são perfeitamente convencionais: a irrealidade não saberia ser dramática. Ao menos têm o mérito de definir a imagem de um mundo estático, onde a identidade não cessa de contemplar-se a si mesma, onde reina o eterno presente, tempo comum a todas as visões paradisíacas, tempo forjado por oposição à própria ideia de tempo. Para concebê-lo e aspirar a ele, é preciso detestar o devir, sentir seu peso e sua calamidade, desejar a qualquer preço separar-se dele. Este desejo é o único do qual ainda é capaz uma vontade fraca, ávida de descansar e de dissolver-se em outro lugar. Se tivéssemos aderido sem reservas ao eterno presente, a história não teria acontecido, ou, em todo caso, não teria sido sinônimo de fardo ou de suplício. Quando ela pesa demasiado sobre nós e nos oprime, uma covardia sem nome se apodera de nosso ser: a perspectiva de nos debater ainda por séculos adquire as proporções de um pesadelo. As facilidades da idade mitológica nos atraem então até o sofrimento ou, se tivermos lido o *Gênese*, as divagações da saudade nos transplantam para a bem-aventurada estupidez do primeiro jardim, enquanto que nosso espírito evoca os anjos e se esforça para descobrir seu segredo. Quanto mais

pensamos neles, mais surgem de nossa lassidão, não sem proveito para nós: não nos permitem apreciar o grau de nosso afastamento do mundo, de nossa incapacidade para nos inserir nele? Por mais impalpáveis, por mais irreais que os anjos sejam, o são entretanto menos que nós, que refletimos sobre eles e os invocamos, sombras ou projetos de sombras, carne árida, sopro aniquilado. E é com todas as nossas misérias, como fantasmas oprimidos, que pensamos neles e os imploramos. Não há nada de "terrível" em sua natureza como pretende certa elegia; não, o terrível é só conseguir se entender com eles, ou, quando os julgamos a mil léguas de nós, vê-los subitamente emergir do crepúsculo de nosso sangue.

II

Prometeu se encarregou de nos revelar as "fontes da vida" que os deuses, segundo Hesíodo, nos ocultaram. Responsável por todas as nossas desgraças, não foi consciente disso, embora se gabasse de sua lucidez. As palavras que lhe atribui Ésquilo estão, ponto por ponto, nas antípodas do que lemos em *Os trabalhos e os dias*: "Antigamente, os homens viam, mas viam mal; escutavam, mas não compreendiam... Agiam, mas sempre sem reflexão." Vê-se o tom, não é preciso citar mais. O que censurava neles, em suma, era o fato de estarem mergulhados no idílio primordial e submeterem-se às leis de sua natureza, não contaminada pela consciência. Despertando-os para o espírito, separando-os dessas "fontes" das quais desfrutavam antes sem procurar sondar suas profundezas ou seu sentido, Prometeu não lhes concedeu a felicidade, mas a maldição e os tormentos do titanismo. Eles não necessitavam da consciência; ele veio infligi-la a eles, forçá-los a ela, e ela suscitou neles um drama que se prolonga em cada um de nós e que só acabará com a espécie. Quanto mais os tempos avançam, mais a consciência nos monopoliza, nos domina e nos arranca da vida; queremos nos agarrar de novo a ela e, ao não consegui-lo, colocamos a culpa em uma e na outra, depois procuramos avaliar sua significação e suas ideias fundamentais para, exasperados,

acabar nos culpando a nós mesmos. Isso não havia previsto esse filantropo funesto que não tem como desculpa senão a ilusão, tentador involuntário, serpente imprudente e indiscreta. Os homens *escutavam*, que necessidade tinham de *compreender*? Ele os obrigou a isso ao entregá-los ao devir, à história; em outros termos, ao expulsá-los do eterno presente. Inocente ou culpado, o que importa! Ele mereceu seu castigo.

Primeiro adepto da "ciência", um *moderno* na pior acepção da palavra, suas bravatas e seus delírios anunciam os de muitos doutrinários do século passado: só seus sofrimentos nos consolam de tanta extravagância. A águia,^[8] eis alguém que *compreendeu*, pois adivinhou o futuro e quis nos poupar seus horrores. Mas o impulso estava dado: os homens já haviam tomado gosto pelas artimanhas do sedutor que, moldando-os pela sua imagem, ensinou-lhes a perscrutar os *segredos* da vida apesar da proibição dos deuses. Prometeu é o instigador das indiscrições e dos delitos do conhecimento, dessa curiosidade assassina que nos impede de nos adequar ao mundo: idealizando o saber e o ato, não arruinou, ao mesmo tempo, o ser e a possibilidade da idade de ouro? As tribulações às quais nos destinava não eram equivalentes às suas, mas, no entanto, iam durar muito mais. Realizou muito bem seu "programa", coerente como a fatalidade e... às avessas; tudo o que nos pregou e impôs voltou-se ponto por ponto primeiramente contra ele, depois contra nós. Não se sacode impunemente a inconsciência original; aqueles que, seguindo seu exemplo, o fazem, seguem inexoravelmente sua sorte: são devorados, também têm seu rochedo e sua águia. E o ódio que sentem é virulento porque *nele* se odeiam a si mesmos.

III

A passagem para a idade de prata, depois para a de bronze e a de ferro, marca o progresso de nossa degradação, de nosso afastamento desse eterno presente do qual só concebemos o simulacro e com o qual deixamos de ter uma fronteira comum: esse

presente pertence a um outro universo, nos escapa, e estamos tão separados dele que nem sequer conseguimos suspeitar sua natureza. Não há forma de nos apropriar dele: o possuímos realmente outrora? E como retornar a ele se nada nos restitui sua imagem? Estamos para sempre frustrados, e se alguma vez nos aproximamos dele, o mérito cabe a esses extremos da saciedade e da atonia nos quais ele só é uma caricatura de si mesmo, paródia do imutável, devir prostrado, congelado em uma avareza intemporal, curvado sobre um instante estéril, sobre um tesouro que o empobrece, devir espectral, despojado e no entanto repleto, já que se encontra cheio de vazio. Para os seres a quem o êxtase foi proibido não existe abertura para suas origens, a não ser pela extinção de sua vitalidade, pela ausência de todo atributo, por essa sensação de infinidade vazia, de abismo depreciado, de espaço em plena inflação e de duração suplicante e nula.

Há uma eternidade verdadeira, positiva, que se estende para além do tempo; há uma outra, negativa, falsa, que se situa aquém: é aquela na qual apodrecemos, longe da salvação, fora do alcance de um redentor, e que nos liberta de tudo, privando-nos de tudo. Uma vez destituído o universo, nos desgastamos com o espetáculo de nossas próprias aparências. Atrofiou-se o órgão que nos permitia perceber o fundo de nosso ser? Estamos reduzidos para sempre a nossos simulacros? Mesmo que se enumerassem todos os males de que sofrem a carne e o espírito, nada seriam em comparação com o mal que provém da incapacidade de nos ajustar ao eterno presente, ou de roubar-lhe nem que seja uma só parcela para desfrutar dela.

Caídos irremediavelmente na eternidade negativa, nesse tempo desperdiçado que só se afirma por anulação, essência reduzida a uma série de destruições, soma de ambiguidades, plenitude cujo princípio reside no nada, vivemos e morremos em cada um de seus instantes, sem saber *quando* existe, pois na verdade não existe jamais. Apesar de sua precariedade, estamos tão apegados a esse tempo que, para afastar-nos dele, seria preciso mais do que uma alteração de nossos hábitos: teria que ocorrer uma lesão no espírito, uma rachadura no eu, por onde pudéssemos entrever o indestrutível e alcançá-lo, graça concedida apenas a alguns

condenados como recompensa ao fato de haver consentido em sua própria ruína. O resto, a quase totalidade dos mortais, apesar de se confessarem incapazes de um sacrifício semelhante, não renunciam à busca de um *outro* tempo; ao contrário, dedicam-se a ela obstinadamente, mas buscando situar esse tempo neste mundo, segundo as recomendações da utopia, que tenta conciliar o eterno presente e a história, as delícias da idade de ouro e as ambições prometeicas, ou, para recorrer à terminologia bíblica, refazer o Éden com os meios da queda, permitindo assim ao novo Adão conhecer as vantagens do antigo. Não se pretende com isso corrigir a Criação?

IV

A ideia de Vico de construir uma "história ideal" e de traçar seu "círculo eterno" se encontra, aplicada à sociedade, nos sistemas utópicos cuja particularidade é querer resolver de uma vez por todas a "questão social". Daí sua obsessão pelo *definitivo* e sua impaciência em instaurar o paraíso o mais cedo possível, no futuro imediato, espécie de duração estacionária, de Possível imobilizado, falsificação do eterno presente. Fourier diz: "Se anuncio com tanta segurança a harmonia universal como muito próxima, é que a organização do Estado societário não exige mais de dois anos..." Confissão ingênua que, entretanto, traduz uma realidade profunda. Arriscaríamos o menor projeto sem a convicção íntima de que o absoluto depende de nós, de nossas ideias e de nossos atos, e de que podemos assegurar seu triunfo em um prazo bastante breve? Quem se identifica completamente com algo se comporta como se confiasse no advento da "harmonia universal" ou se considerasse seu promotor. Agir é estabelecer-se em um futuro próximo, tão próximo que se torne quase tangível, é sentir-se consubstancial a ele. Não ocorre o mesmo com aqueles a quem persegue o demônio da procrastinação. "O que se pode utilmente adiar, pode-se mais utilmente ainda abandonar", repetem juntamente com Epicteto, ainda que sua paixão pelo adiamento não proceda, como no caso

do estoico, de uma consideração moral, mas de um temor quase metódico e de um fastio demasiado arraigado para que não adquira a aparência de uma disciplina ou de um vício. Se aboliram o antes e o depois, se eliminaram o hoje e o amanhã, igualmente inabitáveis, é porque lhes é mais fácil viver imaginariamente em dez mil anos do que regozijar-se no imediato e no iminente. Ao longo dos anos pensaram mais no tempo em si do que no tempo objetivo, mais no indefinido do que no eficaz, no fim do mundo do que no final de uma jornada. Não conhecendo momentos ou lugares privilegiados nem na duração nem na extensão, vão de desfalecimento em desfalecimento, e quando até esta progressão lhes está proibida, param, olham para todos os lados, interrogam o horizonte... E é então que sentem, não a vertigem, mas o pânico, um pânico tão forte que anula seus passos e os impede de fugir. São excluídos, banidos, expulsos do tempo, separados do ritmo que arrasta a turba, vítimas de uma vontade anêmica e lúcida que se debate consigo mesma, e se *escuta* a si mesma sem cessar. Querer, no sentido pleno da palavra, é ignorar que se quer, é se recusar a deter-se no fenômeno da vontade. O homem de ação não mede seus impulsos nem seus motivos, nem muito menos consulta seus reflexos: obedece a eles sem refletir, e sem entravá-los. Não é o ato em si mesmo que lhe interessa, mas o fim, a intenção do ato; da mesma maneira, é o *objeto* que o reterá e não o mecanismo da vontade. Em luta contra o mundo, busca nele o definitivo ou espera introduzi-lo no mundo, imediatamente ou dentro de dois anos... Manifestar-se é deixar-se cegar por uma forma qualquer de perfeição: mesmo o movimento enquanto tal contém um ingrediente utópico. Até respirar seria um suplício sem a lembrança ou o pressentimento do paraíso, objeto supremo – e no entanto inconsciente – de nossos desejos, essência não formulada de nossa memória e de nossa esperança. Os modernos, incapazes de descobri-lo no fundo de sua natureza, demasiado apressados para conseguir extraí-lo dela, projetaram o paraíso no futuro, e constitui um resumo de todas as suas ilusões a epígrafe do jornal saint-simoniano, *O produtor*: “A idade de ouro, que uma cega tradição situou no passado, está diante de nós.” Por isso é importante

apressar seu advento, instaurá-lo para a eternidade, segundo uma escatologia que surge, não da ansiedade, mas da exaltação e da euforia, de uma avidez da felicidade suspeita e quase mórbida. O revolucionário pensa que a mudança que ele prepara será a última; o mesmo pensamos todos na esfera de nossas atividades: o *último* é a obsessão da pessoa viva. Nos agitamos porque acreditamos que nos cabe concluir a história, fechá-la, porque a consideramos nosso domínio, assim como a "verdade", que sairá finalmente de sua reserva para revelar-se a nós. O erro será apanágio dos outros; só nós teremos compreendido tudo. Triunfar sobre nossos semelhantes, depois sobre Deus, querer modificar sua obra, corrigir suas imperfeições: quem não tenta isso, quem não pensa que esse é seu dever, renuncia, seja por sensatez ou por falta de energia, a seu próprio destino. Prometeu quis fazer as coisas melhor do que Zeus; demiurgos improvisados, nós também queremos fazer melhor do que Deus, infligir-lhe a humilhação de um paraíso superior ao seu, suprimir o irreparável, "desfatalizar" o mundo, para utilizar um termo do jargão de Proudhon. Em seu desígnio geral, a utopia é um sonho cosmogônico *ao nível da história*.

V

Não se erigirá o paraíso neste mundo enquanto os homens estiverem marcados pelo Pecado; trata-se então de preservá-los dele, de libertá-los do pecado. Os sistemas que se dedicaram a isso participam de um pelagianismo mais ou menos disfarçado. Sabe-se que Pelágio (um celta, um ingênuo), ao negar os efeitos da queda, tirava da prevaricação de Adão todo poder de afetar a posteridade. Segundo ele, nosso primeiro ancestral viveu um drama estritamente pessoal, expôs-se a uma desgraça que só dizia respeito a ele, sem conhecer de nenhum modo o prazer de nos legar suas taras e suas desgraças. Nascidos bons e livres, não há em nós nenhum traço de uma corrupção original.

Difícilmente imaginamos doutrina mais generosa e mais falsa; é uma heresia de tipo utópico, fecunda por seus próprios exageros,

por seus absurdos ricos em perspectivas. Não que os autores de utopias tenham se inspirado diretamente nela; mas não se negará que existe no pensamento moderno, hostil ao agostinismo e ao jansenismo, toda uma corrente pelagiana – a idolatria do progresso e as ideologias revolucionárias seriam sua conclusão – segundo a qual formaríamos uma massa de eleitos *virtuais*, emancipados do pecado original, passíveis de ser moldados, predestinados ao bem, suscetíveis a todas as perfeições. O manifesto de Robert Owen^[9] nos promete um sistema próprio para criar “um novo *espírito* e uma *nova* vontade em todo o gênero humano, e para conduzir assim cada um, através de uma necessidade irresistível, a tornar-se consequente, racional, são de juízo e de conduta”.

Pelágio, assim como seus discípulos longínquos, parte de uma visão ferozmente otimista de nossa natureza. Mas não está de maneira alguma comprovado que a vontade seja *boa*; é mesmo indubitável que não o seja de modo algum, nem a nova nem a antiga. Só os homens de querer deficiente são espontaneamente bons; os outros devem penar para chegar a isso, e só o conseguem à custa de grandes esforços que os exasperam. Sendo o mal inseparável do ato, disso resulta que nossas empresas se dirigem necessariamente *contra* alguém ou contra alguma coisa; em última instância, contra nós mesmos. Mas geralmente, insistimos, nossa vontade só *quer* à custa dos outros. Longe de ser mais ou menos eleitos, somos mais ou menos condenados. Queres construir uma sociedade em que os homens não se prejudiquem mais uns aos outros? Faz participar dela só os abúlicos.

Na realidade, só podemos optar entre uma vontade doente e uma vontade má; a primeira, excelente, porque atingida, imobilizada, ineficaz; a outra, nociva, logo turbulenta, investida de um princípio dinâmico: a mesma que alimenta a febre do devir e suscita os acontecimentos. É esta vontade que teria que ser suprimida no homem se se pensa em uma idade de ouro! Mas seria como despojá-lo de seu ser, cujo segredo reside nessa propensão a prejudicar, sem a qual não saberíamos concebê-lo. Refratário à sua felicidade e à dos outros, age como se desejasse a instauração de

uma sociedade ideal; mas se esta se realizasse, ele sufocaria nela, pois os inconvenientes da sociedade são incomparavelmente maiores que os da miséria. O homem ama a tensão, o perpétuo avanço: para onde iria no interior da perfeição? Incapaz para o eterno presente, teme ainda mais sua monotonia, armadilha do paraíso sob sua dupla forma: religiosa e utópica. A história não seria, em última instância, o resultado de nosso medo do tédio, desse medo que sempre nos fará amar o sabor e a novidade do desastre, e preferir qualquer desgraça à estagnação? A obsessão pelo inédito é o princípio destruidor de nossa salvação.

Caminhamos para o inferno na medida em que nos afastamos da vida vegetativa, cuja passividade deveria constituir a chave de tudo, a resposta suprema a todas as nossas interrogações; mas o horror que ela nos inspira fez de nós essa horda de civilizados, de monstros oniscientes que ignoram o essencial. Consumir-se em câmara lenta, respirar apenas, sofrer dignamente a injustiça de ser, fugir da espera, da opressão da esperança, buscar um meio-termo entre o cadáver e o alento: estamos corrompidos demais para conseguir isso. Decididamente, nada nos reconciliará com o tédio. Para ser menos rebeldes a ele, deveríamos, através de alguma ajuda do alto, conhecer uma plenitude sem acontecimentos, a volúpia do instante invariável, o deleite do idêntico. Mas uma tal graça é tão contrária a nossa natureza que ficamos felizes de não recebê-la. Acorrentados à diversidade, extraímos dela essa soma constante de decepções e de conflitos, tão necessária a nossos instintos. Livres de preocupações e de impedimentos, estaríamos entregues a nós mesmos; a vertigem que resultaria disso nos tomaria mil vezes piores do que já o faz nossa servidão. Este aspecto de nossa degradação escapou aos anarquistas, últimos pelagianos, que tiveram entretanto, sobre seus antecessores, a superioridade de rejeitar, por seu culto à liberdade, todas as cidades, começando pelas "ideais", e de substituí-las por uma nova variedade de quimeras, mais brilhantes e mais improváveis que as antigas. Se se insurgiram contra o Estado e pediram sua supressão, é porque viam nele um obstáculo para o exercício de uma vontade fundamentalmente boa; ora, é precisamente porque a vontade é

má que nasceu o Estado; se ele desaparecesse, ela se comprazeria no mal sem nenhuma restrição. Isso não impede que a ideia anarquista de aniquilar toda autoridade seja uma das mais belas que já foram concebidas. E nunca se deplorará o bastante que se tenha extinguido a raça dos que quiseram realizá-la. Mas talvez devessem desaparecer e ausentar-se de um século como o nosso, tão apressado em invalidar suas teorias e suas previsões. Eles anunciavam a era do indivíduo, mas o indivíduo chega a seu fim; anunciavam o eclipse do Estado: nunca o Estado foi tão forte nem tão incômodo; anunciavam a era da igualdade: o que chegou foi a idade do terror. Tudo vai se degradando. Até nossos atentados, comparados com os dos anarquistas, baixaram de qualidade: os que de tempos em tempos ainda são cometidos carecem desse fundo de absoluto que redimia os deles, executados sempre com tanto cuidado e brio! Não há ninguém, hoje em dia, que trabalhe atirando bombas pelo estabelecimento da "harmonia universal", ficção capital da qual não esperamos mais nada... De resto, o que poderíamos esperar nos extremos da idade de ferro a que chegamos? O sentimento que nela predomina é o desengano, resultado de nossos sonhos danificados. E se nós não temos nem o recurso de crer nas virtudes da destruição, é porque, anarquistas desesperançados, compreendemos sua urgência e sua inutilidade.

VI

O sofrimento, no seu início, confia na idade de ouro neste mundo, nela busca um apoio, fixa-se nela de alguma forma; mas quanto mais se agrava, mais se afasta dela e só se apega a si mesmo. De cúmplice que era dos sistemas utópicos, o sofrimento se ergue agora contra eles, nos quais vê um perigo mortal para a conservação de seus próprios tormentos, de encantos recém-descobertos. Como o personagem de *Memórias do subterrâneo*,^[10] defende o caos, rebela-se contra a razão, contra o "dois mais dois são quatro", contra o "palácio de cristal", réplica do Falanstério.

Quem roçou o inferno, a desgraça planejada, reencontrará sua terrível simetria na cidade ideal, lugar de felicidade para todos, e que se torna repugnante para quem muito sofreu: Dostoiévski mostrou-se hostil a ela até a intolerância. Com a idade, ia se definir cada vez mais por oposição às ideias fourieristas de sua juventude; não podendo perdoar-se de ter aderido a elas, vingou-se em seus heróis, caricaturas sobre-humanas de suas primeiras ilusões. O que detestava neles era seus antigos equívocos, as concessões que fizera à utopia, embora alguns temas utópicos fossem marcá-lo: quando, com o grande Inquisidor, divide a humanidade em um rebanho feliz e uma minoria devastada, clarividente, que assume seus destinos, ou quando, com Pedro Verkhovenski, quer fazer de Stavroguine o chefe espiritual da cidade futura, um sumo pontífice revolucionário e ateu, não se inspira no "sacerdócio" que os saint-simonianos colocavam acima dos "produtores", ou no projeto de [Enfantin](#) de transformar o próprio Saint-Simon no papa da nova religião? Dostoiévski aproxima o catolicismo do "socialismo", os identifica mesmo, segundo uma ótica que participa do método e do delírio, mescla eminentemente eslava. Em relação ao Ocidente, tudo na Rússia está um grau acima: nela o ceticismo se torna niilismo; a hipótese, dogma; a ideia, ícone. Shigalev não profere mais insanidades do que Cabet; no entanto, põe nelas uma fúria que não se encontra em seu modelo francês. "Vocês não têm mais obsessões, só nós as temos ainda", parecem dizer os russos aos ocidentais através de Dostoiévski, o obsesso por excelência, preso, como todos os seus personagens, a um único sonho: o da idade de ouro, sem o qual, nos assegura, "os povos não querem viver e nem sequer podem morrer". Ele não espera sua realização na história, pelo contrário, teme seu advento, sem com isso ser "reacionário", pois ataca o "progresso" não em nome da ordem, mas do capricho, do direito ao capricho. Depois de ter rejeitado o paraíso futuro, vai salvar o outro, o antigo, o imemorial? Fará dele o tema de um sonho que atribuirá sucessivamente a Stavroguine, a Versilov e ao "homem ridículo".

“Há no museu de Dresden um quadro de Claude Lorrain que figura no catálogo sob o título de *Acis e Galateia...* É esse quadro que vi em sonho, não como um quadro, mas como uma realidade. Era, como no quadro, um recanto do Arquipélago grego, e eu havia retrocedido mais de três mil anos. Ondas azuis e acariciantes, ilhas e rochedos, praias fluorescentes; ao longe, um panorama encantador, o lampejo do sol poente... Era aqui o berço da humanidade... Os homens despertavam e adormeciam felizes e inocentes; os bosques ressoavam com suas alegres canções, o excedente de suas forças abundantes se expandia no amor, na alegria ingênua. E eu o sentia conhecendo o imenso porvir que os aguardava e do qual nem sequer suspeitavam, e meu coração tremia ao pensá-lo.” (*Os demônios.*)

Versilov, por sua vez, terá o mesmo sonho que Stavroguine, com a diferença de que esse sol poente aparecerá de repente, não como o do princípio, mas como o do fim da “humanidade europeia”. Em *O adolescente*, esse quadro se torna um pouco mais sombrio, e o ficará totalmente em *O sonho de um homem ridículo*. A idade de ouro e seus clichês são apresentados aí com mais minúcia e ardor que nos dois sonhos anteriores: uma visão de Claude Lorrain comentada por um Hesíodo sarmata. Estamos na terra “anterior à mácula do pecado original”. Os homens lá viviam “em uma espécie de amoroso fervor, universal e recíproco”, tinham filhos, mas sem conhecer os horrores da volúpia e do parto, erravam através dos bosques cantando hinos, e, mergulhados em um êxtase perpétuo, ignoravam o ciúme, a cólera, as doenças etc. Tudo isto permanece ainda convencional. Felizmente para nós, sua felicidade, que parecia eterna, se revelará precária: “o homem ridículo” chegou e os perverteu a todos. Com a aparição do mal, os clichês desaparecem, o quadro se anima. “Como uma doença infecciosa, um átomo de peste suscetível de contaminar todo um império, assim contaminei com minha presença uma terra de delícias, inocente até minha chegada. Eles aprenderam a mentir, se comprazeram na mentira e aprenderam a beleza da mentira. Talvez tudo isso tenha começado muito inocentemente, por simples brincadeira, por peraltice, como uma espécie de jogo divertido, e

talvez efetivamente por meio de um átomo, mas esse átomo de mentira se insinuou em seus corações e lhes pareceu agradável. Pouco depois nasceu a voluptuosidade: a voluptuosidade engendrou o ciúme, o ciúme a crueldade... Ah, não sei, não me lembro mais, mas logo, muito rapidamente, o sangue jorrou como primeira mancha: eles ficaram surpresos, assustados, e começaram a se afastar uns dos outros, a se separar. Formaram-se alianças entre eles, mas agora dirigidas contra os outros. Acusações e recriminações fizeram-se ouvir. Aprenderam o que é a vergonha, e da vergonha fizeram uma virtude. O sentimento de honra nasceu neles e cada aliança brandiu seu estandarte. Começaram a maltratar os animais, e os animais se afastaram, hostis, para o fundo das florestas. Uma era de lutas começou, em favor do particularismo, do individualismo, da personalidade, da distinção entre o meu e o teu. Houve diversidade de línguas. Aprenderam a tristeza e amaram a tristeza; aspiraram ao sofrimento e disseram que a verdade só se adquire através do sofrimento. E a ciência fez sua aparição entre eles. Malvados, foi então que começaram a falar de fraternidade e de humanidade, compreendendo essas ideias. Criminosos, foi então que inventaram a justiça e se impuseram códigos completos para conservá-la; depois, para assegurar o respeito desses códigos, instituíram a guilhotina. Só conservaram uma vaga lembrança do que haviam perdido, e até não quiseram acreditar que outrora tivessem sido inocentes e felizes. Não deixavam de zombar da possibilidade de sua antiga felicidade, que consideravam um sonho." (*Diário de um escritor.*)

Mas há algo pior: iam descobrir que a consciência da vida é superior à própria vida e que o conhecimento das "leis da felicidade" é superior à felicidade. Desde então, estavam perdidos; ao afastá-los de si mesmos através da obra demoníaca da ciência, ao expulsá-los do eterno presente precipitando-os na história, "o homem ridículo" não repetiu os erros e as loucuras de Prometeu?

Uma vez perpetrado seu crime, ei-lo que prega, instigado pelo remorso, uma cruzada para a reconquista desse mundo de delícias que acaba de arruinar. Engaja-se nela sem acreditar realmente. O autor também não acredita, ao menos essa é nossa impressão:

depois de ter rejeitado as fórmulas do porvir, só retorna à sua obsessão preferida, a felicidade imemorial, para discutir sua inconsistência e sua fantasmagoria. Apavorado com sua descoberta, tenta atenuar seus efeitos, reanimar suas ilusões, salvar, nem que seja só como ideia, seu sonho mais caro. Não conseguirá, sabe tão bem quanto nós, e desfiguramos muito pouco seu pensamento ao afirmar que conclui com a *dupla impossibilidade do paraíso*.

Finalmente, não é revelador que, para descrever a paisagem idílica das três versões do sonho, tenha recorrido a Claude Lorrain, de quem Nietzsche amava, como Dostoievski, os insípidos encantamentos? (Que abismo supõe uma predileção tão desconcertante!) Mas a partir do momento em que se trata de pintar a desagregação da felicidade original, o cenário e as vertigens da queda, já não copia ninguém, inspira-se em si mesmo, afasta toda sugestão estranha; até deixa de imaginar e de sonhar, vê. E reencontra-se enfim em seu elemento, no coração da idade de ferro, por amor à qual tinha combatido o "palácio de cristal" e sacrificado o Éden.

VII

Já que uma voz tão autorizada nos instruiu sobre a fragilidade da antiga idade de ouro e sobre a nulidade do futuro, somos obrigados a tirar as consequências disso e não nos deixar mais iludir pelas divagações de Hesíodo nem pelas de Prometeu, e menos ainda pelas sínteses delas que tentaram as utopias. A harmonia, universal ou não, não existiu nem existirá jamais. Quanto à justiça, para considerá-la possível, para simplesmente imaginá-la, seria preciso desfrutar de um dom de cegueira sobrenatural, de uma eleição insólita, de uma graça divina reforçada por uma graça diabólica, e contar, além disso, com um esforço de generosidade do céu e do inferno, esforço, para dizer a verdade, altamente improvável, tanto de um lado como do outro. Segundo o testemunho de Karl Barth, não poderíamos "guardar sequer um sopro de vida se, no mais profundo de nosso ser, não existisse esta certeza: Deus é justo". No

entanto, existem aqueles que vivem sem conhecer esta certeza; sem nunca tê-la conhecido. Qual é seu segredo? E, sabendo o que sabem, por que milagre continuam respirando?

Por mais implacáveis que sejam nossas recusas, não destruímos totalmente os objetos de nossa nostalgia. De nada vale deixar de acreditar na realidade geográfica do paraíso ou em suas diversas figurações, ele reside de qualquer maneira em nós como um dado supremo, como uma dimensão de nosso eu original; trata-se agora de descobri-lo aí. Quando o conseguimos, entramos nessa glória que os teólogos chamam *essencial*; mas não é Deus que vemos face a face, é o eterno presente, conquistado acima do devir e da própria eternidade... O que importa, a partir daí, a história! Ela não é o fundamento do ser, mas sua ausência, o *não* de toda coisa, a ruptura do vivente consigo mesmo; não sendo constituídos pela mesma substância que ela, nos recusamos a cooperar em suas convulsões. Pode nos esmagar à vontade, só atingirá nossas aparências e nossas impurezas, esses *restos de tempo* que ainda arrastamos, símbolos de fracasso, marcas de escravidão.

O remédio para nossos males é em nós mesmos que devemos buscá-lo, no princípio intemporal de nossa natureza. Se a irrealidade de tal princípio fosse demonstrada, provada, estaríamos irremediavelmente perdidos. Que demonstração, que prova contudo poderiam prevalecer contra a convicção íntima, apaixonada, de que uma parte de nós escapa à duração, contra a irrupção desses instantes em que Deus é supérfluo ante uma claridade surgida subitamente de nossos confins, beatitude que nos projeta para longe de nós mesmos, comoção exterior ao universo? Não há mais passado, nem futuro; os séculos se desvanecem, a matéria abdica, as trevas se esgotam; a morte parece ridícula, e também a própria vida. E essa comoção, mesmo que só a tivéssemos sentido uma vez, bastaria para nos reconciliar com nossas vergonhas e com nossas misérias, das quais ela é sem dúvida a recompensa. É como se o tempo *em sua totalidade* tivesse vindo nos visitar, uma última vez, antes de desaparecer... É inútil remontar depois ao antigo paraíso ou correr em direção ao futuro: um é inacessível; o outro, irrealizável. O que importa, ao contrário, é interiorizar a nostalgia

ou a espera, necessariamente frustradas quando se voltam para o exterior, e obrigá-las a descobrir ou a criar em nós a felicidade da qual, respectivamente, sentimos nostalgia ou esperança. Só há paraíso no mais profundo de nosso ser, e como que no eu do eu; ainda é preciso, para encontrá-lo aí, ter recorrido a todos os paraísos, desaparecidos e possíveis, tê-los amado e detestado com a rudeza do fanatismo, tê-los escrutado e rejeitado depois com a competência da decepção.

Vão dizer que substituímos um fantasma por outro, que as fábulas da idade de ouro são tão válidas quanto o eterno presente com o qual sonhamos, e que o eu original, fundamento de nossas esperanças, evoca o vazio e, no final das contas, se reduz a ele? Pode ser. Mas um vazio que concede a plenitude não contém mais realidade do que a que possui a história em seu conjunto?

[8.](#) Referência ao mito grego do titã Prometeu, que foi condenado por Zeus a ter seu fígado comido incessantemente por uma águia. (N. do T.)

[9.](#) Robert Owen (1711-1858), reformador e socialista britânico. Criou as primeiras cooperativas de produção e de consumo em 1832. (N. do T.)

[10.](#) Obra de Dostoievski, publicada em 1864. (N. do T.)

[11.](#) Barthélemy Prosper Enfantin (1796-1864), engenheiro e economista francês, um dos fundadores do saint-simonismo. (N. do T.)

Título original
HISTOIRE ET UTOPIE

© Éditions Gallimard, 1960.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição Digital: setembro, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C522h

Cioran, E. M. (Emile M.), 1911-1995

História e utopia [recurso eletrônico] / E.M. Cioran ; tradução José Thomaz
Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Histoire et utopie

ISBN 978-85-8122-455-8 (recurso eletrônico)

1. História - Filosofia. 2. Livros eletrônicos. I. Títul.

14-14900 CDD: 901

CDU: 930.1

O AUTOR

Emil Cioran nasceu em 1911, em Raşinari, na Romênia, formando-se em Filosofia pela Universidade de Bucareste. Em 1937, mudou-se para a França, onde escreveu a maior parte de sua obra. Morreu em 1995, em Paris. Do autor, a Rocco relança também *Breviário de decomposição*, *Exercícios de admiração* e *Silogismos da amargura*.